

TECNODISCURSO E PARATOPIA

Articulações possíveis
na análise das criações artísticas
do **CIBERPAJÉ**



Fabiola Barros Castrillon



TECNODISCURSO E PARATOPIA

Articulações possíveis na análise
das criações artísticas do **CIBERPAJÉ**



Fabíola Barros Castrillon



Marca de Fantasia
Parahyba, 2025

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

C355t

Castrillon, Fabíola Barros

Tecnodiscurso e paratopia: articulações possíveis na análise das criações artísticas do CIBERPAJÉ / Fabíola Barros Castrillon. – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7999-122-6

1. Filosofia e teoria da arte em relação à tecnologia. I. Castrillon, Fabíola Barros. II. Título.

CDD 701.03

Índice para catálogo sistemático

I. Filosofia e teoria da arte em relação à tecnologia

TECNODISCURSO E PARATOPIA:

Articulações possíveis na análise
das criações artísticas do **CIBERPAJÉ**

Fabíola Barros Castrillon

Série Quadrinhos poético-filosóficos, 17. 2025, 192p.

ISBN 978-85-7999-122-6



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia,
CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID
- Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: Edgar Franco

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nílton Milanez - UESB
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Esta obra baseia-se na dissertação apresentada em 2024 pela autora
no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal
de Mato Grosso, nível Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Ana Carolina
Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi

Em conformidade com o artigo 46 da Lei Nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras
artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida
menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade
garantida aos autores e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a
reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

Não existe obstáculo que não possa ser dizimado pela
ESPADA DA VONTADE. Ela bebe tragos amargos da
profunda escuridão para regurgitar explosões de luz.
Para ela o passado é um escudo quebrado, esquecido e
enterrado, o futuro um campo de batalha ainda silencioso
e desinteressante. O agora é a única verdade para a
furtiva, impactante e gloriosa ESPADA DA VONTADE,
rasgando cada instante com sua fúria pela vida, seu amor
incondicional pela urgência sublime do existir.

Ciberpajé

Sumário

Prefácio	7
Introdução	11
1. Percurso teórico-metodológico: situando a pesquisa	15
2. Adentrando o universo de Edgar Franco, o Ciberpajé: os avatares	50
3. As chaves de transmutação	139
Considerações finais	183
Referências	186

Facetas do Ciberpajé: arte, magia, tecnologia e paratopia na análise do discurso

Por Ciberpajé

Conheci Fabíola Barros pessoalmente alguns anos depois dela ter iniciado a pesquisa apresentada nesse livro. Foi em 2024, no evento acadêmico da Rede LitELat – Rede de Literatura Eletrônica Latinoamericana, o “II Congresso Internacional LITDIGBR e VII Encontro da Red LitELat” que aconteceu em maio na UFMT, em Cuiabá, na universidade onde ela realizou seu mestrado. No evento integrei uma mesa de debates sobre literatura digital e realizei a *pocket performance Sex Bot Mantra do Posthuman Tantra*.

O nosso encontro foi muito emocionante, pois ela também estava apresentando no congresso uma comunicação sobre a pesquisa que realizava envolvendo meu ideário e minhas obras na perspectiva da análise do discurso. Nunca vou esquecer-me do entusiasmo e afeto com o qual ela me recebeu, com os olhos brilhando e evidente emoção por estarmos finalmente nos encontrando pessoalmente, depois de anos de trocas de mensagens e amizade virtual. Fui presenteado por ela com duas camisetas com estampas de lobo – meu totem mágicko – uma delas pintada à mão exclusivamente para mim por um artista mato-grossense. Para além do encontro com o seu “objeto de pesquisa”, era evidente que Fabíola estava alegre e emocionada por finalmente

Ciberpajé/Edgar Franco, artista transmídia e professor titular da UFG.

vivenciar um momento de partilha com o criador daquelas obras que ela estudou com tanto afincio, mas também com um amigo que a academia lhe trouxe. A minha sensação foi a mesma, conversamos como velhos amigos, acompanhei a sua comunicação com grande interesse e curiosidade, e ela fez questão de destacar aos presentes que o seu “objeto de pesquisa” estava ali acompanhando a sua apresentação.

Uma sincronicidade incrível foi a realização da minha performance no evento. Durante nossos contatos sobre a sua investigação, Fabíola sempre dizia que queria muito assistir uma performance do *Posthuman Tantra*, já que eu não disponibilizo vídeos completos das performances e sempre disse a ela que minhas performances foram pensadas para serem experienciadas ao vivo e não em vídeo. O universo conspirou e o convite da direção do congresso aconteceu e ela teve então a oportunidade de acompanhar minha performance e também não escondeu sua emoção e o impacto causado nela. Tiramos muitas fotos após a performance e ela utilizou uma delas, comigo, ela e seu namorado André Luiz, como foto de seus perfis em redes sociais por algum tempo.

Iniciei esse prefácio com essa história bonita sobre um encontro acadêmico para humanizar esse espaço muitas vezes tido como “frio, imparcial, racional”, no qual dizem que experiências afetivas podem macular a seriedade da pesquisa, como se fosse possível existir alguma pesquisa relevante sem nenhum afeto envolvido. Pois bem, o interesse de Fabíola Barros pela minha obra nasceu da leitura do meu álbum em quadrinhos “Renovaceno” (2021) a partir de uma ação pedagógica da Diretoria Regional de Ensino de Cáceres, intitulada “Linguagem, Corpo, Memória e Afeto: Por uma ética do cuidado”. Barros é professora efetiva da educação básica, na Escola Estadual “Onze de Março”, em Cáceres, no estado do Mato Grosso. Algum tempo depois de adquirir algumas de minhas obras ela entrou em contato comigo, falando de uma ação pedagógica instigante realizada por ela com os seus alunos tomando como base o meu universo ficcional transmídia da Aurora

Pós-Humana. A partir desse momento iniciamos um profícuo contato virtual e o interesse de Fabíola pelas minhas criações foi crescendo, ao ponto dela tornar-se uma verdadeira colecionadora de meus quadri-nhos, livros e discos. Mas ela também iniciou um processo de leituras acadêmicas que tratavam de minhas obras, buscando artigos científicos e livros que analisam minhas criações escritos por pesquisadores de diversas áreas.

Um certo dia fui surpreendido por uma mensagem de Fabíola dizendo que iria desenvolver uma pesquisa de mestrado enfocando minha obra e ideário. Fiquei alegre com a informação e imediatamente me dispus a ajudá-la no que fosse possível para o desenvolvimento da pesquisa. Também soube que Barros iria adentrar por um território ainda não desbravado por pesquisadores de minha obra, a análise do discurso, um recorte acadêmico sobre o qual tenho pouco conhecimento, mas muito interesse.

Em dezembro de 2021, Fabíola Barros enviou-me uma mensagem entusiasmada, tinha sido aprovada para o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso, na área de concentração Estudos Linguísticos. O título de seu projeto de pesquisa era: “Análise do Discurso Digital: A Cosmogonia do Ciberpajé”. A orientadora que acolheu esse inusitado projeto foi a Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi, que durante a investigação conduziu sua orientação com brilhantismo.

Nos anos em que a pesquisa desenrolou-se, acompanhei de longe, como um observador atencioso, mas sem jamais intrometer-me em qualquer aspecto de sua condução, sempre aberto a responder perguntas sobre mim e minhas obras. Fabíola manteve seus textos em segredo, eu pouco sabia dos caminhos para onde suas investigações a levariam. Só tomei conhecimento dos enfoques de sua pesquisa na época de sua qualificação, quando recebi o texto, e confesso, fiquei muito

surpreso positivamente com os caminhos tomados por ela, partindo da investigação de meus perfis digitais e de meus ideários artísticos e filosóficos paratópicos, para chegar finalmente à análise do discurso de algumas de minhas obras. Na leitura da qualificação aprendi muito sobre análise do discurso e mais ainda sobre a maneira singular como construí a minha identidade de Ciberpajé, as conexões – muitas vezes feitas intuitivamente – que ligam múltiplos aspectos de meu ideário poético, filosófico e artístico às imagens que me representam no âmbito digital.

Meses depois veio a exitosa defesa de mestrado e pude ter acesso à dissertação final que se tornou o livro que você está lendo agora. A pesquisa final ganhou ainda mais substância, aprofundando-se nos aspectos paratópicos e singulares de minha identidade como artista, magista e acadêmico, analisando também com densidade e sagacidade as criações artísticas transmidiáticas de minha transmutação artístico-mágicka em Ciberpajé. Apresentando a análise do discurso dos HQforismos formados pelas minhas “10 Chaves da Transmutação em Ciberpajé”, das histórias em quadrinhos “Ciberpajé” e “Borbopoe-mas” e da música “Ciberpajé” do *Posthuman Tantra*. Depois de ter lido e utilizado em sua bibliografia os 7 livros da “Série Quadrinhos Poético-Filosóficos” da “Editora Marca de Fantasia” escritos por pesquisadores de minhas obras e ideário, Fabíola Barros agora tem seu próprio livro publicado pela coleção, uma obra que nos apresenta com unicidade e singularidade a sua investigação sobre aspectos até então obscuros de minha identidade artística e de meus processos criativos, que certamente será do interesse não só daqueles que acompanham minhas obras, mas também de todos os estudiosos de processos de criação e análise do discurso.

Edgar Franco - Ciberpajé - resumo biográfico

Introdução

Nosso primeiro contato com a obra de Edgar Franco (Ciberpajé) foi através da HQ Renovaceno, indicada em uma proposta de ação pedagógica (sequência didática) pela DRE de Cáceres em uma Formação de Professores com a temática Linguagem, Corpo, Memória e Afeto: Por uma ética do cuidado (2021), elaborada pelas professoras Gleice Antonia de Alcântara e Luciene Miranda Faria. Na proposta de atividade n. 7 estava a HQ, que me chamou a atenção por ser uma história em quadrinhos. Entrei em contato com a editora Merda na Mão¹ (selo *underground*) e fiz a aquisição do material. Foi feito um trabalho de apresentação da obra com os alunos em que estes criaram suas próprias histórias em quadrinhos no universo ficcional do artista, além de jogo no *Kahoot* (Plataforma de aprendizado baseada em jogos) e outras atividades.

Neste momento, escrevi a proposta do pré-projeto de pesquisa, que já tinha uma “pretensão” no sentido mais próximo de uma vontade, em analisar o funcionamento do ambiente digital como espaço que possibilita novas práticas de linguagens e subjetividades, com os conceitos forjados por Marie-Anne Paveau sobre discurso digital. Havia uma discussão lançada na intenção de contribuir para os estudos discursivos no ambiente digital, tomando como mote o conjunto arquivista do artista Ciberpajé.

No entanto, após a aprovação no Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na UFMT (Cuiabá), a pesquisa tomou um outro corpo mais ampliado, e passou a ter o intuito de fazer

1. Em 12 de abril de 2020, Diego El Khouri e Fabio da Silva Barbosa fundaram a editora.

uma reflexão² no campo da Análise do Discurso de linha francesa na vertente de Dominique Maingueneau (pois há uma análise do discurso geral que também permite adentrar o espaço do digital), fazendo um deslocamento para a análise do Discurso Digital de Paveau.

Inicialmente apresentamos os percursos desta pesquisa e o quadro teórico-metodológico mobilizado, destacamos algumas de nossas opções na constituição do corpus, isto é, o conjunto dos materiais que responderiam a nossa pergunta inicial de pesquisa, qual seja: de que maneira a produção artística de E. Franco pode ser encarada como materialidade do discurso digital? O primeiro desafio foi determinar o que da produção de Edgar Franco, o Ciberpajé, seria incorporado ao corpus. Optamos por uma estratégia que valorizasse os recursos disponíveis na internet, especificamente os Avatares (representação visual) nas Redes Sociais e Plataformas de Mídia. Outro aspecto igualmente relevante foi abordado, a maneira como o artista se apresenta nas textualidades de si, integrando a dimensão textual (tecnografismo) dos Avatares.

Na análise dos Avatares³, optamos por uma abordagem ecológica e integrada, fundamentada na “mestiçagem” (texto verbal/ visual/ técnico); também exploramos a noção de Tecnodiscurso, apresentando suas seis características (Composição; Deslinearização; Ampliação; Relacionalidade; Investigabilidade; Imprevisibilidade). “Ademais tomamos a hashtag como tecnopalavra e marcadores de extimidade”.

Mobilizamos o conceito de “Discursos Constituintes como ponto inicial para a Paratopia Criadora”, que, em nosso caso de análise, é marcada por uma difícil negociação entre ser e não ser acadêmico, sendo

2. Optei por trabalhar com Dominique Maingueneau e Marie-Anne Paveau, mas suas perspectivas sobre este objeto são distintas. Assim, farei essa articulação ciente de todos os desafios que isso pode gerar, já que esses autores trabalham em perspectivas epistemológicas diferentes.

3. Conforme teoriza Paveau (2021, p. 344), os internautas podem elaborar seus avatares a partir dos seguintes elementos que integram informações textuais e representação visual: pseudônimo, imagem de perfil, sexo, data de nascimento, número de visitas, fotos, vídeos e mensagens.

esta uma das diversas expressões paratópicas detectadas nas análises. Trabalhamos, além disso, com a noção de cena enunciativa em uma perspectiva “tradicional” para evidenciar elementos da cenografia, uma construção que também perpassa pelo desdobramento da cenografia digital, pois quando o artista faz uso de certas técnicas (IA, Animações) contribui para criação de múltiplas cenografias imbricadas.

Ao ponderar sobre como Edgar Franco (Ciberpajé) utiliza o meio digital como uma ferramenta para a apresentação de si, especialmente por meio dos avatares que emprega nos diversos espaços digitais que “frequenta”, é possível perceber a construção de uma cenografia singular. Essa cenografia traz reflexões de um universo ficcional transmídia denominado Aurora Pós-Humana, que abrange uma materialidade diversa de cunho autoral e experimental. O artista criou um sistema “*mágicko*”⁴ que, sob uma perspectiva poética, busca a autocura e a integralidade do ser, promovendo a transcendência. Assim, embora utilize o digital como instrumento, Edgar Franco (Ciberpajé) o faz de maneira autoral, inovadora e experimental.

Inicialmente, examinamos os Avatares das Redes Sociais do artista: Facebook; Instagram; Twitter (atualmente X); Threads; Plataforma de vídeos Youtube, a Plataforma de música Bandcamp e o serviço de Streaming Spotify. A pesquisa foi expandida para contrastar os locais por onde Edgar Franco (Ciberpajé) transita. Nesse sentido, foram incluídos para corpus o Currículo Lattes; Assinatura de e-mail; Biodatas; Artigo Científico; Livro;

A personalização de seus avatares, situada na confluência entre o acadêmico e o artístico, de caráter compósito, representa uma modalidade de Tecnografismo. Alguns pontos merecem a nossa atenção: 1) O usuário se apresenta ora como Ciberpajé, ora como Edgar Franco; 2)

4. Essa grafia com “k”, Crowley não escolheu essa ortografia aleatoriamente. Ele expandiu uma palavra de cinco letras para uma palavra de seis letras (no inglês), que tem significado numérico. Hexagramas, que são formas de seis lados, são proeminentes em seus escritos também. “K” é a décima primeira letra do alfabeto e está relacionada ao Ocultismo. Amino. A Palavra “Mágicka” (Magick) Disponível em: <http://surl.li/gogedi> Acesso em: 17 dez. 2023.

O usuário se vale de múltiplas representações imagéticas, (desenhos/ caricatura; foto pessoal; desenho humanimal) uma sobreposição que causa um efeito de vertigem de pessoa. Alguns avatares remetem ao universo ficcional do artista, o Universo da Aurora Pós-Humana.

Examinamos o processo de auto transmutação que Edgar Franco realiza ao completar 40 anos, em 20 de setembro de 2011, tornando-se Ciberpajé. Este nome é formado por um neologismo — prefixo (Ciber) da cibernética e um radical (pajé) —, simbolizando um pajé de si mesmo, que busca a transcendência, pela integralidade do ser e na busca da autocura. As análises ocorreram na intersecção do digital e do não digital. O processo de transmutação resultou em diversos produtos transmídias, incluindo HQ; música; vídeo; revistas; artigos científicos, entrevistas e mais. Conforme declarado pelo próprio artista, 10 dias antes do seu aniversário, em uma contagem regressiva diária. A elaboração das Chaves seguiu um processo ritual, que engloba o isolamento e a meditação. As Chaves de Transmutação foram elaboradas de forma intuitiva, ou seja, sem rascunho prévio. Este procedimento está detalhado em uma das seções do seu blog “A Arte do Ciberpajé”.

Este trabalho pretende, portanto, contribuir para os estudos acerca da análise do discurso digital, mas também para pensar a paratopia no contexto digital mobilizando essas categorias em diálogo.

1. Percurso teórico-metodológico: situando a pesquisa

1.1. Primeiras palavras

Esta pesquisa debruça-se sobre parte da produção do artista transmídia Edgar Franco, o Ciberpajé. A partir das novas perspectivas que vêm se desenhando, no interior da Análise do Discurso, em uma perspectiva ecológica e integradora, entendemos que esse tipo de produção artística poderia se beneficiar de uma análise mais voltada para os ambientes digitais, especialmente tal como proposto em Paveau (2021) e mesmo em Maingueneau (2015).

Neste capítulo, apresentamos um percurso que aborda os principais conceitos e noções que serão mobilizados nas análises propriamente ditas (capítulo 2). Além disso, tecemos algumas considerações acerca do processo de definição do corpus da pesquisa, isto é, do material que recortamos a fim de buscar responder nossas questões, confirmando ou infirmando as hipóteses de partida.

1.2. Análise do Discurso: entre o digital e o não-digital

Uma primeira questão que se colocou para a pesquisa foi justamente como definir o que da produção de Edgar Franco, o Ciberpajé, entraria para o corpus, na medida em que ela envolve, por exemplo:

Quadro 1 - Obras do Artista Transmídia: Alguns exemplos e breve descrição

Obras do Artista Transmídia	Alguns exemplos e breve descrição
HQ Autoral	<i>BioCyberDrama Saga</i> de Edgar Franco e Mozart Couto – Edição Luxuosa com 275 páginas.
HQ Poético-Filosófica (Impressa)	<i>Artlectos e Pós-humanos</i> – Revistas em quadrinhos poético-filosóficos, com seus 14 números já publicados.
	<i>E(Ternura)</i> – em parceria com robô Moravechio, da série Draw Droids 3.0, desenvolvido por Flávio Gomes de Oliveira.
	<i>Renovaceno</i> – Utiliza tecnologia Neural Style Transfer (técnica de processamento de imagem). Com processo de texturização. E uso de linguagem binária.
	<i>Conversas de Belzebu com seu pai morto</i> – Utiliza tecnologia Neural Style Transfer e IA, com processo de texturização e colorização.
	<i>Elegia</i> – Em parceria com amigos Grim e Naberius músicos da banda de black metal sinfônico “ <i>Eternal Sacrifice</i> ” e do projeto de <i>Dark Atmospheric “Aborym”</i> , uma peça musical que acompanha a HQ em formato de CD.
	<i>Enteogênicos</i> – HQs inspiradas a partir da ingestão dos cogumelos (<i>Psilocybe cubensis</i>) e Ayahuasca através de experiência de E.N.O.C (Estados Não Ordinários de Consciência) que envolve um sistema de sigilos mágickos-artísticos de transmutação.
	<i>Nuaska</i> – HQ inspirada na experiência de expansão da consciência através da <i>Respiração Holotrópica</i> (influenciado por Stanislav Grof e Christina Grof).
	<i>Oráculos</i> – HQs inspiradas em sistemas divinatórios como o I Ching e o Tarô, as Runas e os Búzios.
	<i>Gaiana</i> – HQ estruturada em <i>Sigilos Mágickos</i> .
<i>Naturae – O Sonho dos Deuses</i> – HQ criada a partir de esculturas.	

Aforismos do Ciberpajé	A partir de 2012 o Edgar Franco – Ciberpajé posta aforismos quase diariamente em sua rede social Facebook e na página <i>Os Aforismos do Ciberpajé</i> . Em 2024 foi lançado um livro intitulado <i>Os Aforismos do Ciberpajé</i> pela editora Sinete (SP).
Fanzine	De acordo com Edgar Franco (Ciberpajé) (2019, p. 143), “Fanzine para mim é o ESPÍRITO DA LIBERDADE CRIATIVA SEM AMARRAS, portanto todas as publicações que lancei até hoje, foram fanzines, mesmos os álbuns lançados por editoras, como ‘BioCyberDrama Saga’ é um fanzine para mim, pois eles foram criados como forma pura de expressão artística e sem nenhum vínculo com mercado, editor, público, sem visarem lucro. Nunca admiti, em nenhuma hipótese a intromissão de terceiros em minhas criações, boas ou ruins, elas são o resultado original de minha expressão criativa, por isso sou e sempre serei um FANZINEIRO!
TattooZine	<i>Kzulovo</i> – HQ da Aurora Pós-Humana enquanto prática artística de Tatuagem. Com a parceria de Rennan Queiroz. Primeira HQ no mundo que teve suas páginas tatuadas na pele de 13 interatores.
HQforismo	Uso da linguagem dos quadrinhos com a união entre texto e imagem e aforismos, pode se apresentar sobre papel, de maneira impressa ou no meio digital. Termo criado pelo Ciberpajé e a IV Sacerdotisa Dra. Danielle Barros (UFSB). Zines de HQforismo do Ciberpajé <i>Uivo Nº 1 ao 6</i> .
HQGIForismo	HQ+Gif e Aforismo, é um tipo dos HQforismos, mas com movimento de animação. Feito a mão sobre papel e depois escaneado para colorização digital, tem o modo de circulação no ambiente digital.
HQ Expandida em 360º	HQ feita para navegação digital, com técnicas híbridas envolvendo suporte papel e softwares gráficos.

HQtrônicas	Histórias em Quadrinhos Eletrônicas – Hibridização que mixam elementos do suporte em papel e hipermídia. <i>Neomasu Prometeu; Ariadne e o Labirinto Pós-Humano</i> .
Fotoforismo	Termo criado pelo Ciberpajé. Fotografia + Aforismos. Trata-se de fotografias artísticas que se mesclam aos aforismos quando são publicadas.
Gamearte	Em parceria com Bruno Mendonça (Orientando do Mestrado) no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da UFG, criam o game <i>Posthuman Ms. Pacman</i> que trata de um “intercurso sexual pós-humano”.
Banda Musical Performática <i>Posthuman Tantra</i>	Tem a importância de musicar e ambientar com música eletrônica as criações transmidiáticas e também tem o caráter de levar para os palcos Performances Cíbridas. Com 7 CDs oficiais lançados no Brasil, França, Inglaterra, Suíça e Japão, além de participação em 70 coletâneas em CD ou virtuais nos 5 continentes do planeta. Ao todo a banda ultrapassou 30 horas de músicas gravadas.
Performances com o <i>Posthuman Tantra</i>	Atos Tênuê Esfera Azul; <i>Sexual Initiation; O Selvagem; Biotech Antenna; The Omega Neocortex, Sex Bot Mantra, Ciberpajelança, Cerrado Ser</i> , entre outros. Já foram realizadas mais de 50 performances em 4 regiões do Brasil.
Projeto Musical <i>Ciberpajé</i>	Com 1 CD lançado e 45 EPs em parceria com musicistas e bandas de 8 países.
Projeto Musical <i>Posthuman Worm</i>	Tem dois CDs lançados, um na Turquia (2005) e o outro no Brasil (2024), e um Split CD lançado na Alemanha.
Animaforismo	Termo criado pelo Ciberpajé. Breves animações criadas a partir da fusão entre animação + aforismo, com voz e música, em parceria com C.N.S (aka Diogo Soares). <i>Lobo Luminoso; Interno Eterno; Transmuto-me; Eternorgasmo</i> ; entre outros.

Videoclipes	Produções independentes, com produção D.I.Y. (Faça você mesmo), mas que conta com uma rede de amigos acadêmicos e com a produção do grupo de pesquisa Cria_Ciber (FAV/UFG), a baixo custo, filmados e editados em tecnologia digital. <i>Aforismo I; Aforismo II; Ato VI Lúcifer Transgênico; A Humanidade Passará; O lobo copulando com a floresta</i> , entre outros.
Videoarte	Vídeos desenvolvidos, em sua maioria, com o uso de Inteligência Artificial com prompts de texto interrelacionado ao contexto, a música e o aforismo e editados posteriormente. <i>Menage com duas garotas centauros; O Sabor delicado do nada</i> ; entre outros
Festival de Artes Ciberpajelanças	Evento localizado no Espaço Ruptura Cultural em Goiânia – GO. Já teve 5 edições anuais, com oficinas, performances, exposições de arte, exposições de fanzines nacionais e internacionais chamada “ExpoZine Internacional Ciberpajelanças”, e premiação nacional de fanzines. Iniciativa do grupo de pesquisa Cria_Ciber da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, coordenado por Edgar Franco. Sua quinta edição aconteceu em novembro de 2024. É um projeto de extensão da FAV/UFG.
Web Arte	<i>O Mito Ômega</i> (2006). Obra que utiliza o conceito de vida artificial com tecnologia Java 2D. Ficou disponível online por 6 anos. Fruto do trabalho de doutorado do artista. Atualmente está desativado.
Contos	Livro antologia de ficção científica <i>2021</i> (2020), livro antologia de ficção científica <i>2057</i> (2024); Microcontos – <i>Micros-Beagá</i> (2021) com 5 microcontos do Edgar Franco (Ciberpajé).
Outros Conteúdos	Box com CDs; CDs; K7; Curtaforismos, EPs da Banda Performática Posthuman Tantra; além de cards, bottons, chaveiros, colares, pôsteres (da banda, de lives, de participação em eventos), capas de revistas e livros, camisetas.

A partir de um primeiro contato com o conjunto da obra e com o modo de circulação – que se dá de maneira bastante intensa através das redes sociais do artista –, optamos por uma abordagem que privilegiasse os materiais disponíveis em contexto digital. No entanto, essa primeira escolha foi apresentando uma série de outras questões que não poderiam ser deixadas de lado: i) a produção artística do Ciberpajé, embora circule por ambientes digitais, não é toda, necessariamente, nativa digital (Paveau, 2021), na medida que temos as duas ocorrências (obras nativas digitais e obras que não são nativas digitais) conforme exploraremos mais adiante; ii) não obstante nosso interesse por sua obra em si, a partir das possibilidades de uma Análise do Discurso Digital (ADD), questões acerca do modo de apresentação do artista pareceram mais interessantes de se explorar nesse primeiro momento. Sendo assim, é a partir desses desenvolvimentos iniciais que optamos por conduzir a pesquisa, de modo que o que apresentamos aqui é, em boa medida, fruto do trajeto percorrido.

Paveau (2021) propõe o que considera serem novas bases para uma ADD. Segundo a autora, é preciso superar uma visão logocêntrica e dualista que ainda resistia nas análises discursivas de materialidades provenientes do digital:

As ciências da linguagem [...] têm um atraso importante quanto à questão dos universos digitais e de suas produções nativas, tanto no plano epistemológico, quanto no teórico e metodológico. A maior parte dos raros trabalhos existentes até o momento sobre os discursos nativos da internet ou da web se esforçam para considerar sua dimensão técnica, integrada a sua natureza linguageira, dado que é a programação informática que estrutura os universos digitais. Eles permanecem **logocêntricos, isto é, focados apenas na matéria linguageira, considerada em sua definição saussuriana e dualista (“a língua considerada em si mesma e por si mesma”**, segundo a célebre forma do fundador da linguística moderna) (Paveau, 2021, p. 29, grifo nosso).

Assim, para a autora, é preciso considerar o que é próprio da produção nativa digital, isto é, do “conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita” (Paveau, 2021, p. 28). Sua proposta é, ao mesmo tempo, *ecológica* e *integrativa*, o que significa considerar o conjunto do ambiente nos quais se inscrevem, integrando aspectos linguageiros – já tão familiares a nós linguistas – e tecnológicos – com os quais ainda lidamos pouco –, assim como elementos advindos do social, do político, do cultural, da ética dentre tantas outras possibilidades. A autora propõe, portanto, que se assumam os dados provenientes do digital sem apagar sua *natureza* compósita, ou seja, na “mestiçagem”, para nos valermos das palavras da própria Paveau (2021, p. 119), entre o linguageiro e o não-linguageiro de natureza técnica.

Dessa forma, a autora estabelece um contínuo como objeto de análise, não mais dicotomizado e sim um discurso que inclui as matérias linguageiras e seus ambientes de produção, em uma perspectiva que considera que as determinações técnicas “coconstroem” as formas linguageiras, ou seja, a análise considera tanto o texto verbal quanto o visual e o técnico de forma imbricada.

Paveau (2021, p. 58-59) propõe, então, assumir o discurso produzido no espaço digital da web 2.0 como tecnodiscurso e elenca seis características sinteticamente apresentadas na sequência.

Em primeiro lugar trataremos da **composição**: característica já mencionada anteriormente, que diz respeito propriamente à natureza compósita dos discursos digitais nativos, constituídos de matéria híbrida (linguageira e tecnológica). Tais discursos podem mobilizar concomitantemente texto, imagem fixa ou animada, som. Na obra de Edgar Franco, o Ciberpajé, podemos citar como exemplo uma HQ Expandida em 360⁵, feita para navegação interativa e tridimensional, com técnicas

5. FRANCO. Edgar. HQforismo em 360 graus. Navegue com o mouse. 28 jan. 2017. Facebook: Edgar Franco. Disponível em: <http://surl.li/jfgnxi> Acesso em 02 ago. 2024.

híbridas envolvendo suporte de papel e softwares gráficos. Para sua leitura, temos uma melhor experiência com o uso do mouse, que, à medida em que clicamos em algum ponto da imagem, a movimentamos e ampliamos nossa percepção dos detalhes dessa imagem.

Conforme Paveau (2021, p. 159), “a produção e a recepção discursivas on-line implicam gestos de escrita do usuário inseparáveis dos enunciados (clique, rolar, tocar)”. Assim temos uma ordem que é a do tecnodiscursivo, que considera o -tecnico e o -discursivo de maneira “cointegrada” de uma natureza técnica. A HQ tem uma discursivização em forma de aforismos: “Assim como a luz a escuridão não tem dono”. A obra intitulada *The horns of the alien dictatorship*⁶ (2005) serviu de base para a criação desta HQ que compõe parte da série de pinturas híbridas da série *Crepúsculos Pós-Humanos*⁷, inicialmente criados como cards (representam criaturas extraterrestres do planeta Kelemath) exclusivo das boxes da quadrilogia Kelemath⁸ lançada na França em parceria da banda Posthuman Tantra com o Melek-Tha e esta série também aparece como capa do Perfil⁹ do Canal da banda *Posthuman Tantra* e no Canal Edgar Franco na Plataforma Youtube

6. Franco, Edgar. Arte do Ciberpajé é capa da revista acadêmica “Húmus”, v.6, n. 17 (2016), da UFMA. A Arte do Ciberpajé. 04 out. 2016. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2016/10/arte-do-ciberpaje-e-capa-da-revista.html> Acesso em: 02 ago. 2024.

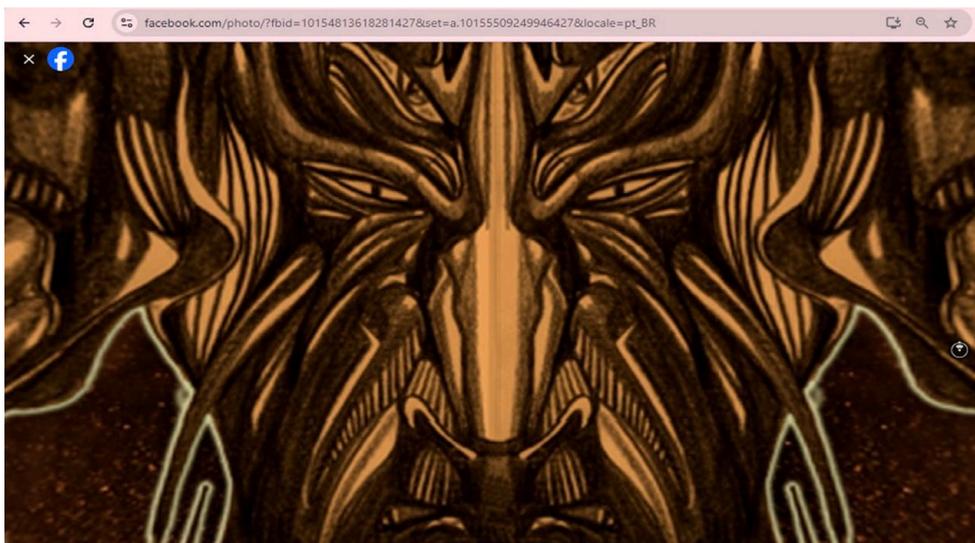
7. Esta é a terceira etapa do contexto da Aurora Pós-Humana: são caminhos narrativos que o artista procura explorar. A Fase Crepúsculo Pós-Humano é segmentada em três períodos: I) Invasão extraprototerrena de uma civilização altamente bélica e avançada chamada de Civilização de Kelemath, que buscam exterminar toda a vida no planeta terra e subtrair todos os metais. II) As espécies da Terra decidem se unir para evitar sua completa destruição. III) Chamada de Ocaso Pós-humanista a população de sobreviventes (Tecnogenéticos, Extropianos e Resistentes) não soma nem 5 milhões em todo o planeta. Trata-se de um retorno completo à cultura arcaica, nesta fase o artista propõe o reencontro com a essência primal da vida, uma reconexão dos seres com Gaia e com o Cosmos (Franco, 2024, p. 131-132).

8. Franco foi convidado pelo francês Legeune Ludovic, líder da banda MeleK-Tha, para uma colaboração musical que incluiria músicas e ilustrações.

9. Para Recuero (2020, p. 142-143) perfis são conversações nas redes sociais na Internet. Não podemos observá-los como elementos fixos, parados no tempo. São representações dinâmicas, coletivas e individuais, construídas para audiências invisíveis e imaginadas pelos autores, numa relação dialógica com as percepções e expressões dos outros autores (por exemplo, através de testemunhos, recados e mensagens). Esses diálogos auxiliam essa construção, contextualizando a interação e constituindo os atores das conversações. Podemos dizer que eles

(obras que serão tratadas mais adiante no capítulo de análises dos avatares), o artista utiliza técnica de grafite e software gráfico. Vejamos alguns frames que foram tirados a partir dos movimentos de leitura:

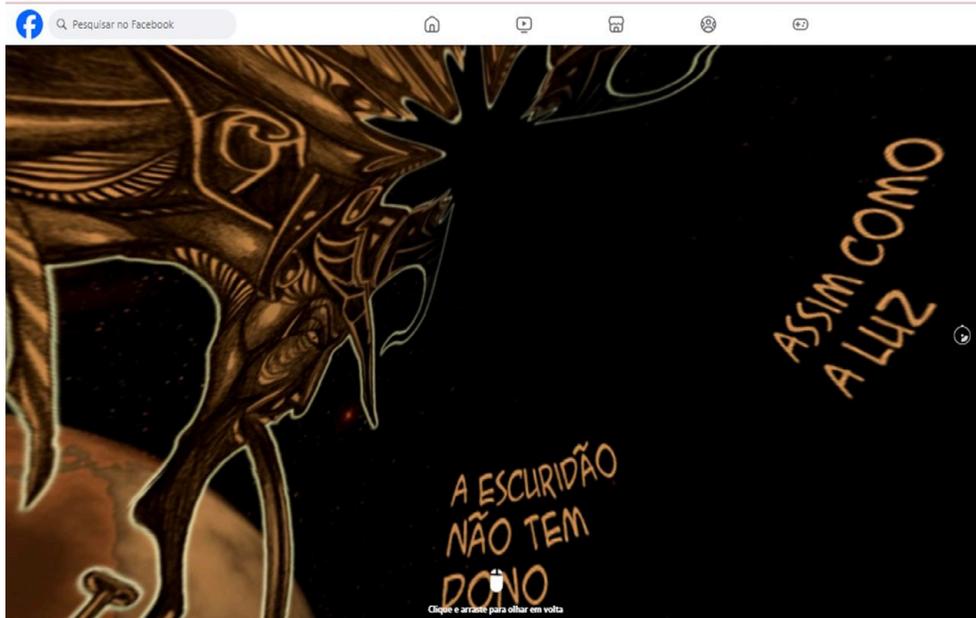
Figura 1 - Frame da HQ 360° Centralizada



Fonte: Perfil Facebook Edgar Franco (Ciberpajé). Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=10154813618281427&set=a.10155509249946427&locale=pt_BR. Acesso em: 02 ago. 2024

se constituem em conversações em “rede” na medida em que são construídos e adaptados através das trocas construídas com outros atores, dos valores que são negociados e dos sentidos que se deseja construir. Esses perfis, portanto, contituem enunciados que focam a questão básica da identidade dos atores. Propostos por estes, os enunciados recebem legitimação ou não pela rede e são adaptados, através dessas trocas simbólicas (comentários, interações e, mesmo, percepções do autor do perfil), de forma a delimitar e aperfeiçoar a ideia que se deseja construir pelo enunciado.

Figura 2 - Frame da HQ 360° (Movimentando para a direita)



Fonte: Perfil Facebook Edgar Franco (Ciberpajé). Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=10154813618281427&set=a.10155509249946427&locale=pt_BR. Acesso em: 02 ago. 2024

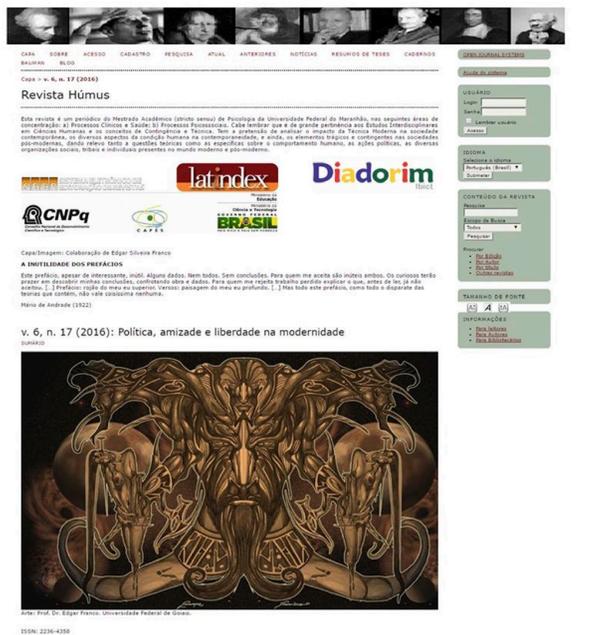
Figura 3 - Frame da HQ 360° (Movimento para cima)



Fonte: Perfil Facebook Edgar Franco (Ciberpajé). Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=10154813618281427&set=a.10155509249946427&locale=pt_BR. Acesso em: 02 ago. 2024

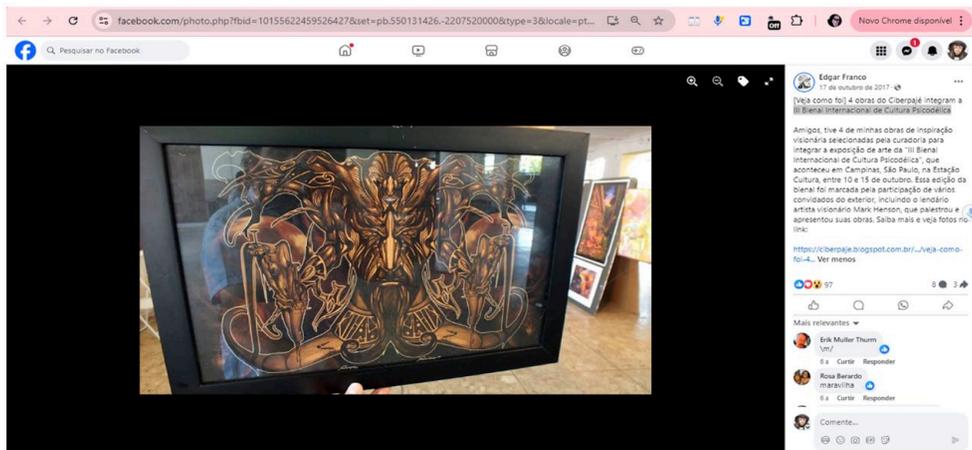
Outra característica apontada por Paveau (2021) é a **deslinearização**: a autora questiona uma abordagem pré-digital na medida em que nesse ambiente o eixo sintagmático não é produzido de uma mesma maneira que nos contextos não-digitais. Assim, os discursos digitais nativos podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais, que direcionam para outro texto, em uma outra situação de enunciação. A esse respeito, é interessante notar que há – para além da própria existência de links, hiperlinks e hashtags, por exemplo, a própria ordem da leitura, como apresentada em modelos diversos que circulam pelas redes sociais, dos quais apresentamos um modelo autoral, com uma navegação 3D em 360 graus com o uso do mouse, que torna a experiência de leitura mais imersiva, com uma narrativa multilinear. *The horns of the alien dictatorship* tornou-se ainda capa da *Revista Acadêmica Húmus*, e também integrou a *III Bienal Internacional de Cultura Psicodélica* em Campinas-SP, como apresentado nos prints a seguir:

Figura 4 - Arte da Capa já online no site da Revista Húmus



Fonte: Franco, 2016. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2016/10/arte-do-ciberpaje-e-capa-da-revista.html> . Acesso em: 02 ago. 2024

Figura 5 - III Bienal Internacional de Cultura Psicodélica



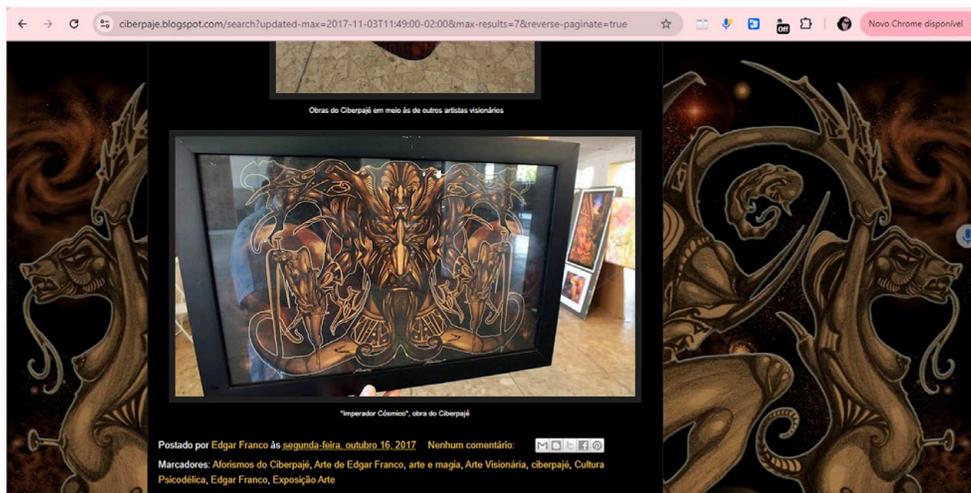
Fonte: Franco, 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10155622459526427&set=pb.550131426.-2207520000&type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 02 ago. 2024

Podemos observar também a composição do hiperlink que traz em si uma discursivização, que, para a autora, “são colocados ‘sob’ uma superfície linguageira, por exemplo em um texto, aparecendo, então, sob a forma de uma palavra ou de um enunciado” (Paveau, 2021, p. 146). Assim, o link tem uma função performativa, pois através do enunciado da postagem do artista, realizada na plataforma Facebook – “HQfotismo em 360°. Navegue com o mouse.” –, a leitura só se completa mediante a ação de clicar e rolar.

A terceira característica dos tecnodiscursos apontada por Paveau (2021) é a **ampliação**: os tecnodiscursos têm uma certa semelhança com dados conversacionais, que, no ambiente digital, podem ser percebidos através dos comentários nas publicações em redes sociais, blogs, portais de notícias etc. Mas, além dessa dimensão da ampliação, é preciso considerar ainda as já diversas ferramentas de escrita ubíquas, isto é, aquelas que permitem escrita coletiva ou colaborativa, com identificação das contribuições de cada enunciador. Uma outra manifestação recorrente é a chamada publicação multisite; trata-se de um mesmo conteúdo que pode se apresentar de forma variada, como links, textos,

vídeos, imagens que são repostados simultaneamente em várias redes sociais diferentes, tornando ainda maior a quantidade de enunciados. Esta ação é bastante recorrente nas redes sociais do Ciberpajé: a mesma postagem aparece no Facebook (observar a Figura 5 apresentada anteriormente), e no seu blog pessoal, conforme podemos ver a seguir:

Figura 6 – “Imperador Cósmico”, obra do Ciberpajé



Fonte: Franco, 2017. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2017/10/veja-como-foi-4-obras-do-ciberpaje.html> . Acesso em: 04 ago. 2024

Embora se trate da “mesma” postagem, há diferentes formatos de navegação, com diferentes arquiteturas técnicas, as próprias interfaces se distinguem entre si, e isso tem um impacto sobre a maneira de ler e também de escrever. Podemos observar que na postagem da plataforma Facebook o post é mais direto, focado na obra “Imperador cósmico”, enquanto no blog do artista é possível uma visão mais ampliada da III Bienal Internacional de Cultura Psicodélica, com várias imagens do evento e com uma textualização mais detalhada.

A **relacionalidade** é também uma das características dos tecno-discursos e decorre das características anteriores, já que os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação, seja com outros discursos, com os aparelhos ou com os escritores e os (escri)leitores.

Neste contexto, encontramos enunciados elaborados sob uma visão transmídia, que são moldados e reformulados tanto pelo artista quanto pela máquina, em termos de sua forma, formato e contexto. Um exemplo disso é a obra *The horns of the alien dictatorship*, que começa como ilustração para os cards da quadrilogia Kelemath, expandindo-se para ilustrar capas de revistas, capas de quadrinhos, ilustrações para redes sociais e ilustrações da mesma série Crepúsculo Pós-Humano que compõem a performance “Biotech Antenna”(2013). Nesse sentido, este exemplo foi reutilizado, ressignificado.

Por se tratar de uma narrativa Work-in-progress, existe uma relacionalidade material, já que os enunciados são assumidos simultaneamente em seus contextos anteriores, em seus contextos atuais e até mesmo em seus contextos futuros. Portanto, temos enunciados que podem ser relacionados, não somente através da análise de hiperlinks, mas também através do tecnodiscurso relatado.

Sob a perspectiva de Paveau (2021, p. 315), “o tecnodiscurso relatado consiste em transferir um discurso de um espaço digital nativo fonte para um espaço digital nativo alvo, por meio de um procedimento automatizado de compartilhamento; é esse traço automatização que justifica o acréscimo do elemento tecno- ao sintagma *discurso relatado*”. Logo, a fotografia pode ser vista como uma variante do tecnodiscurso relatado, conforme ilustrado na Figura nº 4- Captura de tela da capa online da Revista Húmus, onde a fotografia assume o papel do discurso citado. No entanto, a Figura nº 5 a fotografia do Quadro “Imperador Cósmico” apresenta uma ampliação por comentário que constitui um Tecnodiscurso relatado direto integral, em que o artista compartilha a postagem do seu blog “A Arte do Ciberpajé Edgar Franco” postado em sua conta do Facebook Edgar Franco (Ciberpajé). Na Figura nº 6 temos a mesma fotografia de texto do Quadro “O imperador Cósmico” disponibilizada no Blog do artista.

Também é possível distinguir o tecnodiscurso relatado repetidor, que, de acordo com Paveau (2021, p. 320), “trata-se de um comparti-

lhamento do idêntico que tem a ver com a cópia, com ou sem marcas explícitas de discurso citante e de discurso citado”. Vejamos um exemplo, a seguir:

Figura 7 – AQC destaca experimentos artísticos de Edgar Franco (Ciberpajé)



Fonte: Perfil Facebook Edgar Franco (Ciberpajé), 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10155529388291427&set=a.214581541426&locale=pt_BR. Acesso em: 07 dez. 2024

Nesse exemplo da Figura nº 7, vemos o compartilhamento feito pela Associação dos Quadrinhistas e Cartunistas do estado de São Paulo – AQC de vários HQforismos Expandidos em 360º do Artista Ciberpajé. No post, temos um convite escrito em caixa alta, que reproduzimos aqui: “EXPANDA SUA IDEIA DO QUE SÃO QUADRINHOS. Entre nas Experiências HQFóricas de Edgar Franco. Será uma viagem sem igual”. O post possui um efeito discursivo que incentiva a reflexão e a ampliação do conceito de quadrinhos. Ao utilizar a expressão “expanda”, o texto sugere um movimento de abertura e exploração de novas possibilidades, desafiando as concepções tradicionais ou limitadas sobre o que são histórias em quadrinhos assumindo a existência de muitas formas de expressão dentro do universo dos quadrinhos, incluindo estilos, narrativas e mídias. A expressão “Experiências HQFóricas” remete a um conceito de inovação e experimentação oportunizado pelo artista. A metáfora da “viagem” sugere uma exploração que não se limita à visão, mas também envolve aspectos emocionais e sensoriais. O emprego do superlativo “sem igual” indica que essa vivência é singular e merece ser experimentada, prendendo a atenção de quem a lê. Trata-se de uma estratégia frequente em discursos persuasivos, cujo objetivo é provocar um interesse imediato.

É interessante observar que o próprio artista faz a repostagem na sua conta do Facebook, criando uma ampliação por comentário, mas também um efeito de legitimação da sua arte, de reconhecimento enquanto criador autoral, efeito este ampliado ainda mais com o compartilhamento idêntico efetuado pelos amigos do artista, como vemos a seguir:

Figura 8 – Amigos de Edgar Franco (Ciberpajé) que compartilharam o Post



Fonte: Perfil do Facebook de Edgar Franco (Ciberpajé), 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10155529388291427&set=a.214581541426&locale=pt_BR . Acesso em: 07 dez. 2024

Portanto, há uma prolongação escritural através de circulações facilitadas pelo compartilhamento. Assim, temos um enunciador ampliado que, ao compartilhar um conteúdo, estende o texto inicial, incorporando-o a outro ambiente.

Essa relação de ampliação ocorre pela máquina, pois, conforme Paveau (2021, p. 53), “o computador e os ecossistemas da escrita digital ampliam as capacidades de escrita dos humanos permitindo-lhes

realizações que a mão e a caneta não permitem, abrindo-lhes novas possibilidades de expressão e de comunicação”.

Contudo, a expansão também acontece nas relações humanas, no trabalho em equipe. A própria criação artística é ampliada frequentemente no trabalho artístico de Edgar Franco (Ciberpajé). Isso acontece através de parcerias, trabalhos colaborativos, que são fundamentos do movimento underground, ou até mesmo dos trabalhos DIY – Do It Yourself, que significa “Faça você mesmo”. Assim, essa ação de compartilhar post é uma relação mútua, que se dá em outros níveis como publicação de vídeos de divulgação de obras dos amigos, resenhas escritas por outrem e publicizadas em seu blog por exemplo, ou sua conta no Facebook.

Além disso, há que se considerar que os discursos digitais nativos são investigáveis, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições. Ou seja, a **investigabilidade** é também um componente que não pode ser esquecido. O que Paveau (2021) destaca ainda como peculiar nos tecnodiscursos é o fato de que tais informações (os chamados metadados) lhes são interiores, já que inscritos no próprio código.

Por fim, a **imprevisibilidade** é também uma característica fundamental dos tecnodiscursos e está profundamente ligada à dimensão algorítmica dos discursos nativos digitais: os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciadores humanos, tanto no plano da sua forma quanto no plano do seu conteúdo.

Para Paveau (2021, p. 312), “à relacionalidade estão ligadas a investigabilidade e a imprevisibilidade dos tecnodiscursos”, estão imbricados, podem ser buscados na rede, podem também ser redocumentarizados. Chamou a nossa atenção o fato de o artista Edgar Franco – Ciberpajé, retroalimentar seu blog A Arte do Ciberpajé quase diariamente desde 2014, com conteúdo de divulgação da sua obra (e que

abrange participação em eventos acadêmicos, e eventos de fanzines, exposições, bancas de defesas, aulas, o projeto de pesquisa, processos criativos, divulgação de lives, de performances, relançamentos comemorativos, compilações, resenhas, entre outros). Através da funcionalidade da investigabilidade pudemos ter acesso a informações precisas, com dimensões relacionais e compósitas, incluindo o próprio trato com a imagem dos avatares por exemplo, com efeito de reatualização, produzindo novos efeitos de sentido (veremos com mais detalhes no capítulo de análises dos avatares).

Um ponto a ser discutido e que mobilizamos em nossas análises são os elementos visivelmente compósitos, que abrangem os segmentos clicáveis, que Paveau apresenta como palavras-consignas que permitem realizar operações online, como os nomes das contas das redes sociais, os identificadores e pseudônimos, e também as fotografias, os hiperlinks pela intercorrência da deslinearização que permite acessar outros enunciados, mas também referente ao ato de compartilhar perfis, e também pela possibilidade de integrar as redes sociais.

De acordo com Paveau (2021), os discursos nativos digitais também permitem uma abordagem a partir do que ela chama de tecnografismos, isto é,

uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo de internet. O elemento *grafismo*, de acordo com sua etimologia (o verbo grego *graphein* tem sentido de “traçar” e “escrever”) significa nesse caso ao mesmo tempo o gesto de traçar, remetendo o desenho à imagem, e o de escrever, remetendo ao texto (Paveau, 2021, p. 333; grifos no original).

Paveau apresenta uma constituição no campo da multimídia de natureza compósita e que é formado por uma única ordem verbo-icônica. A autora é clara, por exemplo, ao recusar que a relação que uma fotografia mantém com sua legenda ou uma pintura com o seu título seriam da mesma ordem que a relação produzida em um meme, cons-

tituído da relação inextricável entre fotografia e texto verbal, quando “separar a ordem icônica da ordem textual significaria destruir o conjunto” (Paveau, 2021, p. 333).

Diante do que vimos até aqui, cumpre reafirmar que boa parte da obra do Ciberpajé se enquadra naquilo que Paveau (2021, p. 119) considera como nativo digital, através dos observáveis que, conforme teoriza, “não são mais as matérias puramente linguísticas, mas matérias compósitas mestiçadas com o não linguageiro de natureza técnica”. Assim, podemos perceber que há uma hibridização entre o artesanal (a forma artística off-line) e o maquínico, na medida em que são trabalhadas na máquina, de maneira integrada às várias mídias, frutos de trabalhos com as ferramentas digitais, com o uso de Inteligência Artificial e com formas de apresentação nos universos conectados, estas obras são caracterizadas como sendo nativas digitais. São, portanto, obras artísticas com processos criativos de várias ordens. Em geral, seu processo criativo envolve, de acordo com sua descrição, um “processo mágico de transformação do ser”, com várias possibilidades criativas (ENOC com o uso de enteógenos, Respiração Holotrópica, Oráculos e técnicas de magia ritual), concebida de forma atávica (usando nanquim sobre papel), e somente depois transpostas ao digital para criar efeitos, texturização e colorização. Mesmo as obras que utilizam IA são alimentadas com desenho (ilustrações, páginas de quadrinhos) feito à mão, para que a IA possa aprender a identificar padrões (machine learning) da arte do artista de maneira que o processo final há uma amplificação dos seus traços. Na música, o artista utiliza sintetizadores (nato digital), mas também utiliza instrumentos analógicos, como percussão, berimbau de boca, flautas, apitos indígenas e guitarras.

Em razão disso, as possibilidades de corpus para esta pesquisa foram se ampliando, considerando o interesse inicial de estudar a produção do referido artista. Nossa opção foi, assim, olhar para formas através das quais tal artista apresenta-se a seus seguidores, em suas variadas

redes sociais, já que tal construção – como esperamos demonstrar ao longo da pesquisa – é também muito significativa para a compreensão de sua produção artística a partir de uma visada discursiva. Sendo assim, os avatares provaram ser, de partida, uma entrada produtiva para o corpus da pesquisa. É importante sublinhar que o avatar são formas de representação do usuário na tela e que integram aspectos visuais e textuais, como algo uno (por isso um tecnografismo). Além da análise dos avatares, optamos também por apresentar uma análise do processo de transmutação de Edgar Franco em Ciberpajé – e que está representado em uma de suas obras, a saber: Revista *Artlectos e Pós-Humanos* nº 6 (2012). Esses dois eixos da análise permitem dar a ver o processo enunciativo a partir do qual se funda a produção do artista em questão e que podem ser apreendidos sob a ideia de uma descrição de si.

Paveau denomina a parte textual também como descrição de si ou tecnologia de si, considerada uma forma de expressão da pessoa. Assim, como a representação gráfica do avatar, com imagem fixa ou animada, pode ser personalizada com programas de edição visual, um retrato figurativo, os internautas podem criar seus avatares através de sites e ferramentas automáticas, com imensa variabilidade.

O avatar integra uma tecnologia de si que está disponível no ambiente on-line, constituindo um marcador de Extimidade, noção que, para Paveau (2021, p. 214), repousa sobre três elementos:

- uma exteriorização de fragmentos de intimidade por exposição, nas redes sociais em particular;
- uma demanda de validação pelo outro, que funda um desejo de reconhecimento;
- um benefício ao mesmo tempo pessoal e social: apropriação e reforço do seu eu, ampliação de seu capital social.

Nessa perspectiva, Paveau considera possível analisar o discurso do íntimo, no plano linguístico (marcadores languageiros), tecnolinguís-

tico (marcas compósitas) e técnogenérico (gêneros de discursos nativos da web).

Há um entrelaçamento desses marcadores de forma integrada, e indissociáveis, no capítulo de análise dos avatares poderemos acompanhar como esses elementos são complexos e constroem uma cenografia, como uma imagem pode ser reatualizada, hibridizada, performática.

As hashtags – exemplo do que Paveau (2021) considera tecnopalavra – também aparecem como marcadores de extimidade, como uma maneira de externalizar suas posições subjetivas. De acordo com a autora, “a hashtag possui uma natureza compósita: o segmento é tanto linguageiro (trata-se de siglas, palavras, expressões ou mesmo frases inteiras) quanto igualmente clicável, uma vez que é um link que permite a criação de um fio” (Paveau, 2021, p. 226).

Através do conjunto discursivo Edgar Franco-Ciberpajé podemos perceber que as hashtags utilizadas em suas redes sociais e plataformas têm dimensão performativa, levando em consideração que elas podem variar ao infinito quanto a sua complexidade morfológica, são rastreáveis, e inclui questões autorais. Como por exemplo, algumas hashtags do Facebook Edgar Franco (Ciberpajé): #Ciberpajé; #aforismos; #mago; #magiado caos; #magista; #ocultismo; #HQforismo; #Posthumantrantra; #atocriativo; #grafite; #desenho; #aurorapóshumana; #Zines; #Fanzine; #Aforismosdociberpajé; #CRIA-CIBER; #Ayahuasca; #UFG; #PÓSUFG; #favufg; #performance; #arte; #posthumanworm; #edgarfranco; #ppgacv_ufg;

Estas hashtags, mesmo sem os contextos de publicação, apresentam um conjunto de suas relações, que também estão presentes na tecnologia de si, são em sua constituição nativas digitais. Desse modo, funcionam como uma informação complementar, e também como forma de expressão.

De maneira que, nas palavras de Paveau (2021, p. 231-232), “essas hashtags constroem fios, e, portanto, discursos”. O artista procura por

especificidades do contexto de cada postagem, assim, se for quadrinhos, eventos, animações, eles são incluídos nas hashtags. O conjunto de observáveis das hashtags tem semelhanças tecnodiscursivas com o que será visto no capítulo de análise dos avatares.

Assim, podemos dizer que as hashtags incluídas por Edgar Franco (Ciberpajé) possuem marcações no campo artístico (#grafite; #desenho; #aforismosdociberpajé; #arte; #performance) e também apresentam um vínculo institucional (#CRIA_CIBER; #UFG; #ppgacv_ufg; #PÓSUGF). Podemos perceber a presença de hashtag enquanto “verdadeiros argumentos” ou como “etiquetas polêmicas”, pois tratam de causar efeitos reflexivos nos leitores, como: #mago; #ayahuasca; #ocultismo; #magiadocaos. Podemos, então, dimensionar as formações languageiras em uma exteriorização densa.

Uma outra expressão de subjetividade do artista faz referência ao seu nome, ocorrência que aparece em todas as postagens com hashtag, #Ciberpajé no entanto também aparece variações do nome como #edgarfranco. Dessa forma, pela rastreabilidade é uma maneira de fazer com que todas suas postagens sejam encontradas num processo de busca. Isto porque, conforme destaca Paveau (2021, p. 120), “além de seu status linguístico ordinário, a hashtag garante, enquanto tecnopalavra, uma função de redocumentação que depende da investigabilidade dos enunciados nativos na web”.

A partir de contato preliminar com o conjunto da obra do artista, optamos por recortar inicialmente como corpus desta pesquisa – como, aliás, já mencionado acima – os avatares de Edgar Franco, o Ciberpajé, em suas redes sociais. Posteriormente, fizemos uma certa ampliação do referido corpus, que será detalhada mais adiante, em razão da hipótese que formulamos a partir desse primeiro contato: na verdade, ela decorre de uma, digamos, “ambivalência” que notamos no que diz respeito ao modo de inscrição do artista em tais redes e nos espaços acadêmicos. A negociação entre pertencer e não pertencer à

academia e mesmo a problematização de tal pertencimento – algo que foi chamando nossa atenção nessas publicações – nos levou a formular a hipótese de que estávamos ali diante da manifestação de uma paratopia criadora, tal como Maingueneau (2006) elabora em sua reflexão acerca do discurso literário, por exemplo. Para explorar melhor essa questão, apresentamos no tópico que segue a categoria denominada de *discursos constituintes*, aos quais a dimensão paratópica se aplica.

1.3. Uma paratopia criadora: entre lugar e não lugar

A noção de discurso constituinte é, por assim dizer, um ponto de partida para tratar da paratopia. Falar em discurso constituinte é reconhecer um tipo de funcionamento discursivo próprio, por exemplo, dos discursos religioso, científico, filosófico, literário. Trata-se, assim, de questionar o que tais discursos – por trás de suas consideráveis diferenças – têm em comum. Para Maingueneau (2006, p. 60), tais discursos “se propõem como discursos de Origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma”, são, nas palavras do autor, discursos “xamânicos”.

Essa categoria é essencialmente discursiva, já que se funda em critérios que escapam do estritamente linguístico ou psicossociológico: função e modo de circulação, lugares sociais a partir dos quais emergem e determinadas invariantes enunciativas. Para tratar dessas dimensões, veremos algumas de suas propriedades e, pontualmente, apresentaremos alguns exemplos comparativos. Para as discussões desta pesquisa, interessam especialmente as aproximações com a noção de paratopia, que, como se verá, é profundamente relacionada aos discursos constituintes.

Um dos célebres exemplos de discurso constituinte é o literário. Maingueneau (2006) discorre longamente sobre a especificidade de se assumir a literatura como discurso, distanciando-a, assim, de abor-

dagens mais clássicas, digamos. Para o autor, reconhecer o caráter constituinte do discurso literário é o que permite uma abordagem da produção literária efetivamente associada aos interesses da AD, isto é, da relação entre os textos e os lugares sociais dos quais eles emergem, sem que isso assuma ares de uma “sociologia externa” que associa diretamente estrutura e conteúdo. Trata-se, assim, de privilegiar a relação inextricável entre discurso e instituição:

o discurso só vem a ser se se manifestar através das instituições de fala que são os gêneros do discurso, que são pensados através das metáforas do ritual, do contrato, da encenação; a instituição literária, por sua vez, é ela mesma incessantemente reconfigurada pelos discursos que torna possíveis. Cada gesto criador mobiliza, queiramos ou não, o espaço que o torna possível, e esse espaço só se mantém graças aos gestos criadores que ele mesmo possibilita (Maingueneau, 2006, p. 53-54).

Assumir o caráter constituinte do discurso literário é, portanto, reconhecer que se trata de um discurso que valida a si próprio, independentemente de outros discursos. Maingueneau (2006, p. 61) recorre a um exemplo esclarecedor: “o jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo — mas o contrário não acontece”. Ou seja, o discurso religioso ou o literário não recorrem a outros discursos para garantir sua legitimidade: é a própria relação que mantêm com um “Absoluto” ou uma “Fonte” que garante tal legitimidade.

Os discursos constituintes são, segundo Maingueneau (2010, p. 158), ao mesmo tempo auto e heteroconstituintes, “duas faces que se supõem reciprocamente: só um discurso que se constitui tematizando sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte em relação a outros discursos”. É porque tais discursos se apresentam como legitimados por um Absoluto (a tradição, a verdade, a beleza, por exemplo) que estaria “acima” deles que adquirem o estatuto de autoridade até mesmo reco-

nhecidos por outros discursos. E o que Maingueneau argumenta é que tal processo é eminentemente discursivo, já que “esse Absoluto que se supõe como exterior ao discurso para lhe conferir sua autoridade deve, de fato, ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo” (Maingueneau, 2010, p. 159). É assim que, por exemplo, o discurso humanista devoto (discurso religioso na França dos séculos XVI e XVII) “apresenta a figura de um Deus ‘manso’ para legitimar sua doutrina contra reformista, mas essa ‘mansidão’ é, na realidade, elaborada pelos próprios textos que se vinculam a esse discurso” (Maingueneau, 2010, p. 159).

Nessa perspectiva, os discursos constituintes apresentam um funcionamento peculiar, como se estivessem (mas, na verdade, não estão) situados no limite do interdiscurso, pois não haveria discursos acima deles; trata-se, portanto, de zonas de falas que se pretendem superiores (acima de qualquer outra) ao mesmo tempo que se auto legitimam – os grifos permitem acentuar o caráter de efeito do que estamos tratando aqui. Como decorrência disso, mesmo havendo forte interação entre discursos constituintes e não constituintes, do ponto de vista do seu funcionamento, tais interações são negadas ou apagadas.

A “constituição” contempla, assim, duas dimensões indissociáveis:

- a constituição como ação de estabelecer legalmente, como processo mediante o qual o discurso se instaura gerando sua própria emergência do interdiscurso;
- os modos de organização, de coesão discursiva, a constituição no sentido de estruturação de elementos que compõem uma totalidade textual (Maingueneau, 2018, p. 62).

Assim, a fusão dessas duas dimensões – a saber, o processo de legitimação de sua própria enunciação e a elaboração de um texto – é o que interessa à AD, ao destacar a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo, pela indissociação de representações do mundo e pela atividade enunciativa.

Os discursos constituintes apresentam-se ainda como discursos que “pretendem ter um alcance global, dizer algo sobre a sociedade, a verdade, a beleza, a existência...” (Maingueneau, 2006, p. 69), ou seja, sobre o que poderíamos chamar de “grandes temas” em sociedades como a nossa. Mas isso não significa, por outro lado, que o analista do discurso avalia os textos vinculados a esses discursos de uma perspectiva valorativa, isto é, nem todos os textos produzidos têm um mesmo estatuto ou são percebidos pela comunidade a partir dos mesmos parâmetros. Há os textos “grandiosos”, que irão se tornar espécies de arquitextos de uma comunidade, mas há também textos que jamais ocuparão este lugar para um posicionamento dado. Isso significa, portanto, que “a análise de discursos constituintes não se reduz ao estudo dos grandes textos (as obras dos grandes sábios, as grandes obras da literatura, os grandes textos religiosos etc.) ou de alguns gêneros de texto privilegiados” (Maingueneau, 2006, p. 69).

Falar que discursos como o religioso, o filosófico e o literário são constituintes não significa, contudo, compreendê-los como tendo os mesmos modos de constituição. Obviamente, o discurso literário não se constitui como “revelação divina”, tal como se dá no discurso religioso. Entretanto, cada obra literária deve gerir a cena que a instaura por meio da própria enunciação. Nesse sentido, segundo Maingueneau (2008, p. 40-41), “a enunciação se manifesta como dispositivo de legitimação do espaço de sua própria enunciação, a articulação de um texto é uma maneira de se inscrever no universo social”.

Essa característica faz com que os discursos constituintes sejam paratópicos, isto é, discursos que devem gerir a sua relação com o limite do pertencimento social: “aquele que enuncia no âmbito de um discurso constituinte não pode situar-se nem no exterior nem no interior da sociedade: está fadado a dotar sua obra do caráter radicalmente problemático de seu próprio pertencimento a essa sociedade” (Maingueneau, 2018, p. 68). Desse modo, a construção da enunciação decorre de um

“pertencimento impossível” (ao mesmo tempo, pertencer e não pertencer): uma impossibilidade de atribuir para si um “verdadeiro lugar”.

O termo paratopia foi introduzido por Maingueneau (1993, p. 28), conforme foi citado por Charaudeau & Maingueneau (2020, p. 368) para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (1993, p. 28).

A paratopia não é, vale destacar, “ausência de lugar”, mas a gestão desse pertencimento paradoxal. Como adverte o próprio Maingueneau (2018, p. 92), “a representação que se tem normalmente de um lugar [é de] algo dotado de um dentro e um fora. Os ‘meios’ literários são, na verdade, fronteiras”:

Enquanto discurso constituinte, a instituição literária não pode de fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se antes na fronteira entre a inscrição em seus funcionamentos tópicos e o abandono a forças que excedem por natureza toda economia humana. Isso obriga os processos criadores a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num pertencimento impossível (Maingueneau, 2018, p. 92).

Segundo Maingueneau (2010, p. 160), a paratopia pode se apresentar em dois níveis complementares: i) no nível do discurso constituinte em si; ii) no nível de cada produtor de texto vinculado a um discurso constituinte dado. No primeiro nível, tal manifestação se dá no sentido de que os discursos constituintes eles próprios pertencem e não pertencem ao universo social. O discurso científico, por exemplo, não “negocia” com posições ou outros discursos, mas expressa “a” verdade (o seu Absoluto) e, portanto, mesmo estando, por óbvio, na sociedade, está, de alguma maneira, um pouco à parte dela, acima. Já quanto aos produtores de textos, essa paratopia se manifesta no modo de construir, pela enuncia-

ção, “uma impossível identidade por meio das formas de pertencimento/não pertencimento à sociedade” (Maingueneau, 2010, p. 160). Isso significa, portanto, que “produzir um texto constituinte significa, em um único gesto, produzir um texto e construir as condições que permitem produzi-lo” (Maingueneau, 2010, p. 161).

No campo literário, tal pertencimento impossível se apresenta como um trabalho criador, mas é forçoso reconhecer que há um processo histórico aí envolvido, de modo que “a paratopia, invariante em seu princípio, assume [...] faces sempre mutantes, dado que explora as fendas que não cessam de abrir-se na sociedade” (Maingueneau, 2018, p. 93). Vejamos, então, alguns exemplos apresentados pelo autor que, esperamos, auxiliem mais adiante na compreensão da especificidade do objeto desta pesquisa:

[...] No século XVII, a proteção dos grandes fez do parasita a figura prototípica do homem de letras.

[...] O salão do século XVII e XVIII – e, em menor grau, no século seguinte – ofereciam ao escritor uma relação indispensável com o corpo social e com o poder, sem com isso encerrá-lo em algum lugar.

[...] O Salão vai conservar um papel importante no século XIX, mas será acompanhado pelos lugares prototípicos da boemia, como o café dos artistas, que está vinculado com uma população mais diversificada.

[...] O próprio regime da paratopia criadora tal como foi fixado no século XIX é questionado pela evolução recente da sociedade. A Estética que opunha “artistas” a “burgueses” supunha um mundo de pertencimentos sólidos, mundo em que havia as pessoas de classes e os “artistas”, mundo em que as pessoas de posição temiam sobretudo a união com os inferiores e a perda do status. O artista em relação ao “burguês”, solapava um mundo que se julgava estabilizado. Mas no começo do século XXI, os grupos de pertencimento enquadram cada vez menos indivíduos, que devem conferir a si mesmos uma identidade que lhes escapa, seja com base na etnia, nas preferências sexuais, no esporte, no

lazer, na confissão religiosa, no engajamento político... Trata-se de “pertencimentos” instáveis e múltiplos, uma “mobilidade” fundamental que condena cada vez mais as pessoas a um nomadismo crônico (Maingueneau, 2018, p. 93 e seg.).

Assim, a paratopia integra a atividade de criação e enunciação. Toda essa gestão elaborada pelo escritor também é parte da criação:

Nem suporte nem quadro, a paratopia envolve o processo criador, que também a envolve: fazer uma obra é, num só movimento, produzi-la e construir por esse mesmo ato as condições que permitem produzir essa obra. Logo, não há “situação” paratópica exterior a um processo de criação: dada e elaborada, estruturante e estruturada, a paratopia é simultaneamente aquilo que precisa ficar livre por meio da criação e aquilo que a criação aprofunda; é a um só tempo aquilo que cria a possibilidade de acesso a um lugar e aquilo que proíbe todo pertencimento. Intensamente presente e intensamente ausente deste mundo, vítima e agente de sua própria paratopia, o escritor não tem outra saída que a fuga para frente, o movimento de elaboração da obra (Maingueneau, 2018, p. 109).

A paratopia expressa esse pertencer paradoxal, a impossível inclusão em uma “topia”. Assim, o autor apresenta tipos de paratopia, para efeito de clareza, na perspectiva que se trata de efeitos cumulativos e que se entrecruzam:

– A paratopia de identidade – Familiar, sexual, ou social- Apresenta todas as figuras da dissidência e da marginalidade, literais ou metafóricas: meu grupo não é meu grupo. A paratopia *familiar* dos desviantes da árvore genealógica: crianças abandonadas, encontradas ao acaso, escondidas, bastardos, órfãos... A paratopia *sexual* dos travestis, homossexuais, transsexuais... A paratopia *social* dos boêmios e excluídos de alguma sociedade: cidade, clã, grupos, classe social, Igreja, religião, nação...[...]

– A paratopia espacial – É a de todos os exilados: meu lugar não é meu lugar, ou onde estou nunca é meu lugar. Suas duas grandes figuras são o *nômade* e o *parasita*, que trocam constantemente seus poderes. [...]

– A paratopia temporal – Por sua vez, funda-se no anacronismo: meu tempo não é o meu tempo. Vive-se aí na modalidade do arcaísmo ou da antecipação: sobrevivente de uma época passada ou cidadão prematuro de um mundo por vir. [...]

– A paratopia linguística – A língua que falo não é a minha língua. [...] (Maingueneau, 2018, p. 110-111).

Conforme teoriza Maingueneau (2018, p. 115), “a paratopia só é motor de uma criação quando implica a figura singular do insustentável que torna essa criação necessária”. Nesse sentido, o autor esclarece que a enunciação literária está em negociação com este insustentável. Em uma perspectiva, que a paratopia é uma construção do criador, que torna possível o surgimento da sua obra e apresenta assim uma organização “paradoxal”. Nesta perspectiva, sobre a complexidade do processo criador, Maingueneau (2018, p. 119) afirma:

A paratopia do escritor, na qualidade de condição de enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir seu próprio desenvolvimento. Na qualidade de enunciação profundamente ameaçada, a literatura não pode dissociar seus conteúdos de legitimação do gesto que os propõe; a obra só pode configurar um mundo se este for dilacerado pela remissão ao espaço que torna possível sua própria enunciação.

A partir do que vimos apresentando até aqui, é possível concluir que o estatuto constituinte de certos discursos se encontra profundamente atrelado às manifestações de sua dimensão paratópica, na medida em que os textos vinculados a tais discursos devem gerir as relações instáveis a partir das quais eles efetivamente ganham existência.

Os discursos constituintes, nesse sentido — e para os propósitos que interessam a esta pesquisa —, pensar na produção transmídia de Edgar Franco (Ciberpajé) implica assumir, em boa medida, conceitos como esses, uma vez que o modo de inscrição do referido artista no interior do campo artístico se produz a partir de processos paratópicos. Tratar de

“grandes temas” da existência humana a partir de uma “verdadeira” prática artística em um contexto digital condicionante da vida contemporânea é, assim, uma forma de produzir as condições criadoras da sua obra. De nossa parte, caberá demonstrar que, de modo consistente, a obra de Edgar Franco, o Ciberpajé, é resultante desse processo criador que se inscreve, por exemplo — embora não apenas — nos meios em que essa obra é posta a circular (as redes sociais, por exemplo) e, de modo particular, nos interessa ver nos avatares a manifestação dessa paratopia. Assim, a articulação entre as especificidades do digital, tal como proposta em Paiveau (2021) e a discussão acerca da dimensão paratópica dos discursos constituintes, tal como formulada por Maingueneau (2006, 2010, 2014), nos pareceram o apoio teórico necessário para esta pesquisa.

Edgar Franco, ao mesmo tempo profundamente inscrito na sociedade (é, afinal de contas, um funcionário público, professor universitário), problematiza tal inscrição. Cabe, no entanto, uma observação importante aqui: é a produção enunciativa da paratopia que interessa a uma abordagem discursiva. Assim, ela não deve ser assumida como uma origem ou causa, pois, como adverte Maingueneau (2010, p. 160),

não é nem necessário, nem suficiente ser um exilado ou um mendigo para estar envolvido em um processo de criação. [...] Ainda que determinado filósofo seja “objetivamente” um menor abandonado, ou que certo autor religioso seja “objetivamente” surdo, nenhuma necessidade havia de que eles organizassem uma produção textual em torno dessa tensão, a qual só se revela paranóica por intermédio das cenas de enunciação que eles constroem.

É, assim, a difícil negociação entre esse pertencimento, por um lado, e a dificuldade em “encaixar-se” ou “conformar-se” a ele que é “motor” criador da obra de Edgar Franco, o Ciberpajé. De acordo com Maingueneau, é, pois, a dimensão enunciativa que deve ser objeto do trabalho de um analista de discurso e, para tanto, ele introduz o conceito de cena da enunciação.

Segundo Maingueneau (2010, p. 205), “apreender uma situação de discurso como cena de enunciação é considerá-la ‘do interior’, através da situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no movimento mesmo de seu desdobramento. Um texto é, na verdade, rastro de um discurso no qual a fala é encenada”.

Assim, o conceito de cena da enunciação diz respeito à forma como o discurso constrói uma representação de sua própria situação de enunciação. Portanto, não é possível separar a cena de enunciação e o enunciado como forma e conteúdo: a cena de enunciação é um componente fundamental do conteúdo. Dessa maneira, Maingueneau faz uma distinção de três cenas que atuam em planos que se complementam: a cena englobante, a cena genérica, a cenografia.

A “cena englobante” é a que corresponde a um tipo de discurso (político, religioso, administrativo...). Na verdade, os locutores só interagem nas cenas englobantes através de *gêneros de discurso* específicos, de sistemas de normas: podem-se então falar de “cena genérica”. Quanto à “cenografia”, ela é construída pelo próprio texto. Não se trata simplesmente de uma moldura, de uma decoração, como se o discurso aparecesse no interior de um espaço já construído e independentemente dele, mas da enunciação que, por seu próprio desdobramento, institui a cena de enunciação que a legitima (2010, p. 206).

Há, assim, uma intersecção entre os conceitos apresentados de discursos constituintes, paratopia e cena da enunciação, já que é neste enlaçamento que a obra se legitima, pois, nas palavras de Maingueneau (2018, p. 253), “toda obra, por sua própria apresentação, pretende instituir a situação que a torna pertinente”.

No item 3.2.1 As redes sociais e plataformas digitais examinaremos como as cenas de enunciação são mobilizadas.

Nas palavras de Maingueneau (2018, p. 253) “a cenografia é ao mesmo tempo origem do discurso e aquilo que engendra esse mesmo discurso; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la,

estabelecer que essa cenografia de onde vem a fala é precisamente a cenografia necessária para enunciar como convém”.

Assim, a cenografia possui uma unicidade com a obra, com o processo de criação, uma instância enunciativa, há uma construção da cena de enunciação que legitima um lugar onde Edgar Franco (Ciberpajé) vai falar e gerir sua criação.

Maingueneau introduz o conceito de cenografia digital como um desdobramento para abordar a web, uma vez que, segundo ele, o sistema “clássico” é organizado pela sequência dos planos da cena da enunciação: Cena englobante > Cena genérica > Cenografia, como podemos ver acima. No entanto, na internet, a Cena genérica e a Cena englobante se enfraquecem devido à própria desestabilização do texto, através da circulação de hiperlinks de um site para outro. Desse modo, ele estabelece que a Cenografia digital pode ser analisada em três componentes:

- um componente *iconotextual* (o site mostra imagens e ele mesmo constitui um conjunto de imagens na tela);
- um componente *arquitetural* (o site é uma rede de páginas acionada de uma determinada maneira);
- um componente *procedural* (cada site é uma rede de instruções destinadas ao internauta (Maingueneau, 2015, p. 162- 163).

Dessa forma, Maingueneau apresenta “uma subversão generalizada da lógica do texto”, e aborda mais uma categorização que vai denominar de hipergênero. Vejamos a seguir:

Por sua natureza, a análise do discurso tende a focalizar o gênero considerado como um dispositivo de comunicação; mas a introdução da categoria “hipergênero” traz à cena os enquadramentos que estão situados “acima” do gênero. Além de hipergênero, este é especialmente o caso da mídia: imprensa, tv, Web, computadores, interação oral face a face, telefone... Cada médium pode ser dividido em vários *modos*. Por exemplo, para textos impressos: livros, periódicos (periódico científico, jornal, revista de varieda-

des...), panfletos de propaganda, pôsteres...; para computadores: arquivos de textos, arquivos de imagens, apresentação de Power Point etc. (Maingueneau, 2010, p. 131).

No contexto do trabalho artístico do Edgar Franco (Ciberpajé), a tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas um espaço de criação e experimentação e reflexão, há uma criação que burla os efeitos da máquina, como por exemplo, ao alimentar a IA com seus desenhos manuais, páginas de quadrinhos ou mesmo com fotografias pessoais, tendo efeitos de amplificação do seu trabalho, dos seus traços, além de um trabalho de texturização e colorização. O artista tem desenvolvido espaços virtuais que questionam as definições convencionais de gênero (HQ; HQforismo; HQGIForismo; HQtrônica; Fanzine; Animação; Videoarte; Arte visual; IA; Curtas; Poesias, Performance). Há uma hibridização entre magia, inspiração enteogênica, experimentalismo com IA, tecnoxamanismo, tecnognose, tecnofetichista, arte visionária.

Nessa perspectiva, os Avatares do artista Edgar Franco (Ciberpajé) estão profundamente imbricados com a noção de cenografia, assim quando o artista faz uso de certas técnicas (IA, animações) contribui para a construção de múltiplas cenografias, assim temos uma cenografia onírica que remonta visões enteogênicas (estados não ordinários de consciência), cenografias que remontam o tempo e o espaço do Universo Ficcional da Aurora Pós-Humana, indumentária como índice de instauração de cenografia, por exemplo o braço mecânico com plugues P10, simulando a hibridização homem-máquina — como veremos nas análises mais adiante.

Assim, os Avatares não funcionam sozinhos, eles estão interconectados à cena de enunciação, com as cenografias que são mobilizadas, e com a gestão da Paratopia criadora.

2. Adentrando o universo de Edgar Franco, o Ciberpajé: os avatares

2.1. Primeiras palavras

Como visto anteriormente, Paveau (2021) concebe os avatares como um dos tipos de tecnografismos, isto é, aquela “produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo de internet” (Paveau, 2021, p. 333). Mais especificamente, para a autora, os avatares são uma das formas de representação de si. Nesse sentido, uma entrada que se mostrou produtiva para as análises aqui reunidas foi precisamente a partir dos avatares utilizados nos múltiplos espaços digitais “frequentados” por Edgar Franco/Ciberpajé.

Considerando o processo de transmutação descrito no capítulo 3, é importante lembrar que a maneira como Edgar Franco se apresenta nesses espaços — nas redes sociais e plataformas de todos os tipos — contribui para a materialização de uma posição no campo da arte, posição essa que, como se verá, encontra-se na negociação entre um lugar mais acadêmico e a recusa desse mesmo lugar. Tal processo está, portanto, relacionado à ideia de uma paratopia, que, por seu turno, decorre do estatuto constituinte dos discursos artísticos.

Nossas buscas iniciaram-se nos seguintes perfis das redes sociais do artista: Facebook, Instagram, Twitter, Threads, e, mais tarde, incluímos a plataforma de vídeo YouTube, a plataforma de músicas voltada a artistas independentes Bandcamp, e o serviço de streaming Spotify. Em razão de nossa hipótese, para que pudesse haver um contraste entre os espaços por onde circula Edgar Franco/Ciberpajé, ampliamos

as análises para o perfil do Currículo Lattes, as assinaturas de e-mails acadêmicos, as biodatas em artigos científicos e livros.

Os dados foram coletados manualmente através do print da tela de smartphone¹⁰. Esta opção decorre do fato de que, no notebook ou desktop, o layout não fica suficientemente legível, o que implica assumir que certas redes são desenvolvidas justamente para serem acessadas pelo smartphone e não pelo computador. Essa informação nada tem de irrelevante, uma vez que supõe um certo modo de participar das referidas redes: pelo celular, a mobilidade é pressuposta, enquanto pelo computador, demanda-se uma certa rotina mais demorada (tanto para ligar quanto para acessar o dispositivo, por exemplo).

Assim, nesses dispositivos (notebook ou desktop) seriam necessárias duas capturas para cada perfil. O smartphone provou-se, então, a melhor opção de transmitir percepções das redes de perfis selecionados, além de ser, atualmente, o dispositivo por meio do qual se costuma usualmente acessar esses ambientes.

Também tratando dos avatares, Georges (2012, p. 34) aponta que, com o desenvolvimento das interfaces gráficas e da computação multimídia, o avatar assumiu uma forma gráfica, os dados são agregados (por exemplo, data de registro, experiência, status, classificação, objetos) refinando as possibilidades da identidade¹¹.

Este capítulo dedica-se, portanto, à apresentação das análises desses variados perfis — que são alterados pelo artista a cada rede ou plataforma — a partir de uma perspectiva de multidimensionalidade e multiversão (Martínez, 2011), propiciada justamente pelo ambiente digital. Ao longo das análises, será possível notar que há uma grande variação nos nomes dos perfis, como sistematizamos a seguir para fins didáticos:

10. Com exceção dos dados do Bandcamp, pois no smartphone não aparece a imagem de capa, comprometendo a visualização.

11. No original: Avec le développement des interfaces graphiques et de l'informatique multimédia, l'avatar a pris une forme graphique ; des données lui sont agrégées (par exemple, la date d'inscription, l'expérience, le statut, le classement, les objets), affinant les possibilités d'expression identitaire.

Quadro 2 - Personalização de usuário Edgar Franco¹²

Rede social/Plataforma de Mídia Social	Nickname ou nome de perfil
Facebook	Edgar Franco (Ciberpajé)
	Aforismos do Ciberpajé (O Ciberpajé é Edgar Franco)
	Projeto Ciberpajé
	Posthuman Tantra
Instagram	Ciberpajé - Edgar Franco @ciberpaje
Threads	Edgar Franco é o Ciberpajé
X (Twitter)	Ciberpajé @ciberpajé
YouTube	Edgar Franco/ Ciberpajé (a.k.a. Edgar Franco)
Bandcamp	@posthumantantra
Spotify	Ciberpajé

12. Quadro 2: Variação do nickname do usuário online nas plataformas digitais/ perfis Edgar Franco.

Franco, Edgar. Perfil Facebook: Edgar Franco (Ciberpajé). 3. mar. 2017. Facebook: Edgar Franco. Disponível em: https://www.facebook.com/Oidicius?locale=pt_BR Acesso em: 22 dez. 2023.

CIBERPAJÉ. Perfil Facebook Aforismo do Ciberpajé. 14 nov. 2021. Facebook: Aforismo Ciberpajé. Disponível em: https://www.facebook.com/aforismosdociberpaje?locale=pt_BR Acesso em: 22 dez. 2023.

CIBERPAJÉ. Perfil Facebook Projeto Ciberpajé. 11 jul. 2022. Facebook: Projeto Ciberpajé. Disponível em: https://www.facebook.com/projetociberpaje?locale=pt_BR Acesso em: 22 dez. 2023.

POSTHUMAN TANTRA. Perfil Facebook Posthuman Tantra. 8 set. 2022. Facebook: Posthuman Tantra. Disponível em: https://www.facebook.com/posthumantantra?locale=pt_BR Acesso em: 22 dez. 2023.

CIBERPAJÉ. Perfil Instagram Ciberpajé. Instagram: @ciberpajé. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciberpaje?igsh=bGZxNnpuNmh5cDRn> Acesso em: 22 dez. 2023.

FRANCO, Edgar. Perfil Threads Edgar Franco. Threads @Ciberpajé. Disponível em: <https://www.threads.net/@ciberpaje>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Franco, Edgar. Perfil X Edgar Franco. X: @ciberpajé. Disponível em: <https://x.com/ciberpaje?t=GK9DDi6w6vmueCHJ-clFNw&s=09> Acesso em: 22 dez. 2023.

Franco, Edgar. Canal Edgar Franco. Youtube. 27. nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/@edgarfranco8644> Acesso em: 22 dez. 2023.

POSTHUMAN TANTRA. Canal Posthumantantra. Youtube. 03 jan. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/@posthumantantra> Acesso em: 22 dez. 2023.

CIBERPAJÉ. Bandcamp. Disponível em: <https://ciberpaje.bandcamp.com/> Acesso em 22 dez. 2023.

CIBERPAJÉ. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/artist/5sIost2F5k8UmsIbvE2imK?si=18PJ-IEISRqdu-iX1StPNQ> Acesso em: 22 dez. 2023.

Essa multiplicidade parece também uma das formas de materialização da difícil negociação que constitui o lugar a partir do qual se enuncia. Trataremos dessa questão como uma vertigem de pessoa mais ao final do capítulo.

Faremos aqui a descrição e análise de cada um desses lugares, com ênfase nos avatares, a fim de esmiuçar a construção da representação de si do artista/acadêmico e, para tanto, optamos por uma abordagem de acordo com a proposta da gramática do design visual (Kress e Van Leeuwen) e também princípios e práticas dos quadrinhos e arte sequencial Will Eisner e Scott McCloud além de autores como Fanny Georges, Raquel Recuero, Santaella. Apesar dessa variedade, cumpre destacar que não estamos assumindo os lugares epistemológicos implicados por cada uma dessas referências, mas eventualmente algumas categorias que nos pareceram relevantes para a descrição das materialidades dos avatares.

Articulando esse referencial ao que é assumido teórico-metodologicamente nesta pesquisa, que é a dimensão discursivo-enunciativa de Maingueneau — especialmente a partir da noção de discursos constituintes e paratopia criadora —, e a de Paveau — no que diz respeito à análise do discurso digital.

2.2. Processos de personalização dos avatares de Edgar Franco-Ciberpajé

Os perfis das diversas redes sociais e plataformas apresentam elementos (de natureza compósita) que merecem atenção: i) o usuário ora se apresenta como Ciberpajé, ora como Edgar Franco, o que pode indiciar a percepção em relação aos diferentes espaços (mais acadêmicos ou mais artísticos, por exemplo); ii) o usuário se vale de múltiplas representações imagéticas (desenho/caricatura da figura Edgar Franco; foto pessoal; desenho “humanimal”).

O artista Edgar Franco (Ciberpajé) possui obras que são impressas de maneira tradicional, mas também em formato digital, e tem ampliado, com a Inteligência Artificial (IA), para criação de animações e imagens. O artista desenvolve um processo de alimentar a IA com as produções artísticas do grupo de pesquisa CRIA_CIBER⁴ e de autoria dele, assim toda a padronagem estética do trabalho é baseada no processo autoral do artista, com objetivo de resgatar e amplificar a geração de imagens.

Quanto à sua “fazibilidade”, como denominam Recuero, Bastos e Zago (2020, p. 89), é delimitar qual tipo de dado é relevante para o problema de pesquisa, a possibilidade de coletá-lo e do estudo que se tem em mente como um todo, bem como seus limites. Foi feito através dos rastros deixados on-line e não foi uma tarefa fácil coletá-los, porque as informações dadas nas capturas de tela de cada perfil não foram suficientes para compor a análise dos avatares, pela questão da diagramação do layout de cada perfil que cortam as imagens, sendo possível expandi-las apenas no digital com um clique, no entanto, não bastava apenas ter a imagem no tamanho original, assim foi realizadas buscas de cada imagem na rede separadamente, tanto do perfil, quanto de capa, em um acervo fotográfico com mais de 1.600 imagens e 10 anos de arquivo em seu blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco, para obter maiores informações como: quando foi tirada? Quem tirou a fotografia? Onde? Como foi feita a composição da imagem? Por qual processo artístico aquela imagem passou?

E essas informações muitas vezes se encontram fragmentadas, descontextualizadas, demandando tempo e atenção. Fiz algumas tentativas no Google Lens, porém os resultados não correspondiam, na maioria dos casos ele a aproximava com outras imagens (de outros artistas), não relacionadas ao meu objeto.

13. Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (“Criação e Ciberarte”) coordenado por Edgar Franco no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG.

Paveau (2021, p. 20) trata da investigabilidade, “os tecnodiscursos estão inscritos na memória da rede e podem ser pesquisados e redocumentados, seus metadados são internos, pois se inscrevem no código”.

Dessa forma trata-se de dados qualitativos e localizados de contextos específicos, que muitas vezes foram estendidos no que tange às imagens, por se tratar de um artista transmídia.

2.2.1. As redes sociais e plataformas digitais

Iniciemos pelo perfil do Facebook, cujo print apresentamos na sequência a fim de facilitar o acompanhamento da descrição e análise:

Figura 9 - Captura de Tela do Perfil do Facebook de Edgar Franco (Ciberpajé)



Disponível em: https://www.facebook.com/Oidicius?locale=pt_BR
Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 10– Avatar de Edgar Franco (Ciberpajé)



Fonte: Franco (2017).
Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10154909451471427&set=a.470130141426&locale=pt_BR
Acesso em: 21 nov. 2023

A foto do perfil encontra-se no canto esquerdo inferior da interface do Facebook e apresenta uma imagem do rosto do usuário que é, segundo o próprio artista, um autorretrato como Ciberpajé. Publicada em 03 de março de 2017, a imagem se repete no Instagram e no Threads, como se nota nos prints que relaciono a seguir:

Figura 11 – Perfil do Instagram de Edgar Franco @Ciberpajé



Fonte: Perfil do Instagram Edgar Franco @Ciberpajé. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciberpaje/>. Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 12 – Perfil de Edgar Franco do Threads



Fonte: Perfil de Edgar Franco do Threads.

Disponível em: <https://www.threads.net/@ciberpaje>. Acesso em: 21 nov. 2023

Feito em nanquim sobre papel, o autorretrato apresenta, do ponto de vista das texturas, hachuras (linhas com variação de volume usadas para fazer a transição da sombra para a luz) e pontilhismo (técnica de se colocar pontos para um efeito degradê), conforme é possível notar na imagem ampliada acima.

Por se tratar de um autorretrato, é interessante observar que a imagem não é a do artista em posição frontal — ou voltado para o espectador: ele tem um olhar para cima e para esquerda (na perspectiva dele) como se fosse um olhar para o horizonte, ou para o além, ou mesmo resgatando imagens em sua memória. Para Halliday (1985), é possível descrever esse tipo de imagem do ponto de vista da metafunção interativa a partir da categoria de contato, segundo a qual a imagem apresenta-se sob a perspectiva de oferta (cumpre com a função de ser objeto de nossa contemplação), pois não há um direcionamento do olhar para o espectador, não se estabelecendo com este qualquer tipo de contato; nesse sentido, ocorreria um envolvimento/ interação menor com o leitor. Para o autor, haveria um certo nível de impessoalida-

de em imagens desse tipo, na medida em que elas se apresentam como se dispusessem os objetos como exemplares numa vitrine.

No entanto, de uma perspectiva discursiva, o não-contato estabelece, paradoxalmente, alguma forma de contato com o enunciatário, ainda que numa sugestão de transcendência em relação a esse mundo. Além disso, implica ainda uma certa relação com a própria noção de paratopia, na medida em que o olhar para um certo horizonte também inscreve o enunciador na relação com uma topografia¹⁴ que está colocada para além “deste” lugar que ele ocuparia e também com uma certa cronografia de um tempo futuro, adiante.

Como descrito pelo Ciberpajé (2019), o sentido de transcendência está imbricado com a noção de Pós-humanismo, constitutiva de seu processo de transmutação (cf. Capítulo 3), como argumenta no vídeo¹⁵ *Atos de Escuta*:

O conceito de pós-humanismo é motivo de controvérsias, existem muitas definições possíveis, particularmente gosto da ideia de pós-humanismo como um momento de **transcendência** em que o humano deixará a sua prepotência secular de lado, deixará de sentir-se como uma criatura mais importante do planeta, o ser eleito para dominar e destruir as outras espécies vivas, animais e vegetais. **O meu pós-humanismo é uma utopia clara de reconexão com o humano, a natureza e o cosmos.** Um entendimento não mais em voga de que somos parte da natureza e nossa existência só é possível a partir de uma simbiose com todos os outros seres vivos que formam gaia. (grifo nosso).

Para O’Connell & Airey (2010, p. 106) “o horizonte é a linha que aparece para dividir a terra do céu ou, de modo figurativo, os reinos

14. Para Maingueneau (2008, p. 117), em uma cenografia associam-se uma figura de enunciador e uma figura correlata de coenunciadores. Esses dois lugares supõem igualmente uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar), das quais pretende originar-se o discurso.

15. AMANTEDAHERESIA. *Atos de escuta: Pulso Ciberpajé* (setembro - 2019). Youtube. 20 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mQLaDxuO5wY> . Acesso em: 03 set. 2024.

humano e espiritual”. Em vários avatares analisados no decorrer deste trabalho temos este olhar voltado para o horizonte, o que configura um certo padrão de comportamento do artista. Na concepção simbólica de O’Connell & Airey (2010, p. 251) o olho/ sobranceira representa “a habilidade de ver, visão (literal e metafórica), associada ao poder mágico ou espiritual em muitas tradições”. Nesse sentido, é possível relacionar a ação deste olhar como expressão de um elo do artista com a natureza, evocando uma conexão mais profunda com o mundo natural, ou mesmo uma proposta de reconexão com a natureza e o cosmos. Assim, esse tipo de olhar pode ser lido como a relação do artista com o tempo futuro, funcionando como um modo de embrear (presente e futuro), e também como forma de deslocamento para o tempo futuro.

Apoiando-se nas categorias de Halliday, Kress & Leeuwen (2006) enquadram tal imagem como não-transacional, já que a ação do olhar não se dirige para algo ou alguém identificáveis no plano da imagem. Além disso, há uma angulação do rosto (nos casos das fotografias de perfil, ou ângulo oblíquo, ou ângulos 3/4), que indicam maior afastamento por parte do participante da imagem. Os autores observam que,

em alguns contextos — por exemplo, a leitura de notícias na televisão e a fotografia posada de revista — a fotografia do tipo ‘demanda’ — é preferida: estes contextos exigem um sentido de ligação entre os telespectadores e as figuras de autoridade, celebridades e modelos que retratam. Noutros contextos — por exemplo, no cinema, no drama televisivo e na ilustração científica —, a perspectiva da “oferta” é preferida: aqui é erguida uma barreira real ou imaginária entre os participantes representados e os espectadores, um sentimento de desengajamento, no qual o espectador deve ter a ilusão de que os participantes representados não sabem que estão sendo observados, e em que os participantes representados devem fingir que não estão sendo observados. E o que num contexto é uma convenção aceita, noutro contexto pode

ser um erro espantoso ou uma experiência inovadora (Kress & Leeuwen, 2006, p. 120, tradução nossa)¹⁶.

Ainda em relação à metafunção interativa, cumpre destacar que a imagem do rosto do artista/acadêmico, no que se refere à distância (quanto aos níveis de intimidade com o observador) apresenta-se em primeiro plano — o enquadramento aparece na altura dos ombros —, sendo o espaço delimitado para que seja possível focar nas expressões faciais.

Sobre a anatomia do rosto, Eisner (2010, p.103 e 114) ressalta:

[...] quando uma imagem é habilidosamente retratada, ao ser apresentada ela consegue deflagrar uma lembrança que evoca o reconhecimento e os efeitos colaterais sobre a emoção. Trata-se aqui, é evidente, da memória comum da experiência. [...] “A janela do rosto, como alguém disse certa vez, é uma janela do pensamento”. Trata-se de um terreno familiar à maioria dos seres humanos. Seu papel na comunidade é registrar as emoções.

Já quanto à metafunção composicional, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2006) faz referência à forma como os elementos representacionais e interativos se relacionam entre si e como integram um todo significativo através dos três sistemas inter-relacionados: valor informacional, saliência e moldura.

Ao clicar na imagem do perfil do Facebook Edgar Franco pelo notebook o layout possui o botão clicável de: “ver foto do perfil”, (à esquerda de quem observa, lembrando que a imagem da tela é espelhada)

16. No original: In some contexts – for instance, television newsreading and the posed magazine photograph – the ‘demand’ picture is preferred: these contexts require a sense of connection between the viewers and the authority figures, celebrities and role models they depict. In other contexts – for example, feature film and television drama and scientific illustration – the ‘offer’ is preferred: here a real or imaginary barrier is erected between the represented participants and the viewers, a sense of disengagement, in which the viewer must have the illusion that the represented participants do not know they are being looked at, and in which the represented participants must pretend that they are not being watched. And what in one context is accepted convention may in another be a startling mistake or an innovative experiment (Kress & Leeuwen, 2006, p. 120).

o espectador é direcionado para uma imagem ampliada uma composição visual do autorretrato do Ciberpajé como já dado (algo que se presume que o espectador conheça, que seja familiar, além de estar posicionado à esquerda da composição, dessa perspectiva são apresentados como dados), como ponto de partida bem estabelecido para o texto e à direita temos um texto verbal, o novo (a mensagem, a questão): “16 anos depois fiz um novo autorretrato a pedido de um editor. Essa é a primeira vez que me desenho como Ciberpajé”.

No entanto, ao visualizar em um smartphone, as posições são invertidas, o layout é diferente e a imagem centralizada no topo (Quando na composição visual alguns elementos constituintes são posicionados na parte superior da imagem, é representado como Ideal, a parte ideológica, que ocupa o primeiro plano da mensagem, é transmitida visualmente, enquanto o texto, localizado na parte inferior, é representado como Real, servindo para elaborá-lo).

Ainda no âmbito da metafunção composicional, é possível destacar a dimensão da saliência da imagem que, embora não seja, num primeiro momento, percebida como “grande”, pode receber destaque se o usuário clicar sobre ela, como explicamos anteriormente.

A ação de clicar na imagem, conforme aponta Paveau (2021, p. 148-149), produz uma deslinearização semiótica: “o compartilhamento de um post em uma rede resulta automaticamente no compartilhamento de suas fotos, por exemplo, sendo os dados de uma unidade de informação incorporados no código”.

Quanto à cor, por se tratar de uma figura em preto e branco, pode-se dizer que esse contraste também a torna saliente, assim como o fato de estar em primeiro plano. O cenário da imagem é um fundo branco, como se fosse um espaço de respiro para a reflexão, o pensamento, no que tange à perspectiva do personagem.

Outro aspecto muito próprio da figura do Ciberpajé é a presença da cartola, que ganha destaque no autorretrato. Do ponto de vista históri-

co, o chapéu tem uma longa trajetória, tendo sido os primeiros modelos “feitos de materiais naturais, como peles de animais, penas, palha e até folhas. Eram usados, principalmente, por caçadores, agricultores e pastores que ficavam muito tempo expostos ao sol, vento e chuva para trabalhar” (Xavier, 2023).

No entanto, na história do chapéu, o acessório serviu não apenas como proteção contra o sol, mas também como adorno, serviu como um importante símbolo de status social, mas também como uma indicação da personalidade, do estado de espírito ou mesmo da natureza de cada personagem. Algumas personalidades (reais ou fictícias) se destacaram na história pelo uso da cartola, especificamente, tais como: Abraham Lincoln ou ainda a figura do Tio Sam, que se tornou marca da cultura dos Estados Unidos; o Rei Charles III da Inglaterra e seu filho Willian fazem uso da cartola em certas cerimônias aristocráticas, como na coroação do Rei Charles III, em 05 de março de 2023 em Londres; Slash, guitarrista da banda Guns’n Roses; o personagem do Chapeleiro Maluco, de *Alice no país das maravilhas* (Lewis Carroll); no Brasil, o personagem Zé do Caixão, criação de José Mojica Marins; o personagem icônico da rádio e televisão brasileira, Abelardo Barbosa, conhecido como Chacrinha. Além desses, há também a figura de Jack Estripador.

Nas palavras de Edgar Franco (2019, p. 36),

A cartola — símbolo aristocrático no passado — é um elemento estranho nos trópicos, ela causa ruído e usá-la com roupa “esporte”, camiseta e tênis é também uma provocação. E a cartola tem uma relação com o mágico prestidigitador e com o Chapeleiro Louco do mundo da Alice de Lewis Carroll. Ela guarda em seu design e estrutura mítica alquímica.

É importante lembrar o quanto esta peça de roupa tem muitos aspectos paradoxais, porque a cartola seria vista como uma parte de um sistema de significações mais amplo que mostra e constrói as relações entre poder, identidade e sociedade.

Além disso, a cartola também ganhou significados simbólicos em contextos culturais e artísticos, sendo usadas para representar figuras de prestígio, há aspectos atravessados pelos rituais, e com forte relação a espetáculos de mágica, shows e até mesmo cosplays. Dessa maneira, pode-se pensar na cartola como um componente do discurso social que ajuda a manter certas visões de mundo e revela os conflitos e obstáculos dentro da própria estrutura social. Além disso, reforça a paratopia Edgar Franco (Ciberpajé).

Edgar Franco, explicando “O que é ser Ciberpajé” durante o 2º Colóquio Filosofia e Quadrinhos da UFRJ (2012), destaca também o caráter, digamos, chamativo que o adereço tem:

[...] Se eu conseguir me tornar um ser humano integral, pois esta é a minha busca, ser eu mesmo, ser eu mesmo de verdade, a cada dia, ser assim, **um pós-doutor que se veste como ele acha que tem que se vestir**, que traz toda simbologia que ele acha que é interessante, isso faz parte desse processo de ser eu mesmo. Esse meu jeito de me vestir após tornar-me Ciberpajé. Eu adoro me vestir assim, eu gosto de aparecer. Se me perguntarem porque você se veste assim? Eu não sou tímido. Essa postura em um mundo muito visual, me trouxe um benefício violento. A partir do momento que eu comecei a me vestir assim, trazer à tona esse tipo de perspectiva simbólica, o visual dos meus quadrinhos para o meu dia a dia, as pessoas passaram a olhar mais pra mim, do que para o meu trabalho, incrivelmente, **eu passei a gostar mais de mim também. Então a minha declaração de Ciberpajé é uma declaração para mim.** (grifo nosso).

Dessa maneira, quando o artista diz “ser assim, um pós-doutor da universidade que se veste como ele acha que tem que se vestir”, trata-se de uma tomada de consciência, o professor artista, ocupa seu lugar com mais alto título acadêmico e ao mesmo tempo não cumpre determinadas regras de vestimenta, criando um efeito de jogo duplo. Isso tem um efeito de criação paratópica. Nas palavras de Maingueneau (2018, p. 93) “o autor cria, na verdade, as condições de sua própria criação”.

Nesse mesmo autorretrato, trataremos também do simbolismo das borboletas, que, para o artista, é tanto a materialidade da transmutação quanto a marca do feminino em sua obra:

As borboletas apareceram em minha arte desde o princípio. Considero-as uma forte imagem de meu inconsciente cósmico que insiste em se perpetuar e invadir minhas obras. Elas têm múltiplos significados em seus contextos, um dos principais é a **transmutação**, a lagarta que se torna imago, cria sua própria tumba e mergulha em seu abismo pessoal para renascer pura, leve, linda e voadora. O ser rastejante que renasce voador! O mergulho profundo no nigredo alquímico e a reviravolta do albedo. Mas é claro que **em múltiplos trabalhos meus (...) - a borboleta é um ícone do princípio feminino universal**, portanto ela representa sim a exuberância da vagina, nesse caso são literalmente BORBOCETAS! (Franco, 2019, p. 38; grifo nosso).

Também Chevalier (2003) destaca a relação da borboleta com o feminino e com a própria ideia de renascimento:

Graça e leveza, a borboleta é, no Japão, um emblema da mulher (...) Um outro aspecto do simbolismo da borboleta se fundamenta nas suas metamorfoses: a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser; a borboleta que sai dele é um símbolo de ressurreição. É ainda, se se preferir, a saída do túmulo. Um simbolismo dessa ordem é utilizado no mito de Psique, que é representada com asas de borboleta (Chevalier, 2003, p. 138).

Mark O'Connell & Raje Airey, por sua vez, apontam que,

na China, ela está associada aos prazeres da vida e aos espíritos superiores. Alguém que muda de uma coisa para outra e nunca está satisfeito pode ser descrito como uma borboleta. Na América Latina, a palavra em espanhol para borboleta porque ela está ligada (mariposa) pode se referir a uma prostituta, que vai de um homem para outro. Os astecas associavam a borboleta às mulheres que tinham morrido no parto, enquanto para os mexicanos,

ela era um símbolo do “sol negro” passando pelo submundo durante sua jornada noturna (2010, p. 185).

Para Jung (2016), anima é o elemento feminino no inconsciente masculino.

Buscando na obra do artista, encontramos, na revista *Artlectos e Pós-Humanos* n. 6, uma HQ intitulada Borbopoemas “como um exercício livre de desenho”: são sete borboletas multicoloridas, borboletas hiper-tecnológicas (geneticamente modificadas), após os desenhos prontos ele compôs um texto poético para cada uma delas. Segue uma imagem (fragmento) das Borbopoemas:

Figura 13 – Arte com as borboletas cósmicas do single do Posthuman Tantra, Borbopoemas



Fonte: Franco (2019). Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=borboletas> . Acesso: 23 nov. 2023

As borboletas apresentam-se, conforme o artista, em múltiplos desdobramentos criativos “em outros suportes e mídias, mostrando uma integração dinâmica entre seu processo criativo e o desenvolvimento de trabalhos conectados a elas em suportes como: ilustração, vídeo, música eletrônica e performance artística” (Franco, 2015).

Figura 14 – Foto de Edgar Franco durante a performance “O Selvagem II”, na UFSM em Santa Maria- RS, 2013



Fonte: Acervo particular de fotos do Posthuman Tantra, autor da foto: Rafael Happke. Disponível em: <https://tocadoshark.blogspot.com/2015/12/edgar-franco-o-ciberpaje-arte-auto.html> . Acesso em: 23 nov. 2023

A HQ Borbopoemas é um trabalho, segundo o artista, sobre os valores e buscas do Ciberpajé.

Para Turkle (1995), sendo “o avatar [...] uma ferramenta de exploração Experiência de identidade” (apud Georges, 2012, p. 35)¹⁷, pode-se dizer que Edgar Franco, enquanto usuário, personaliza e manipula seu avatar, com características físicas (seus olhos, nariz, boca, a sua face em si, a barba) e características simbólicas (a cartola, a borboleta, a barba).

17. No original: l'avatar est un outil pour l'exploration expérience de l'identité (zsoo6B, 1995).

A borboleta enquanto identidade projetiva representa mutação positiva e, como princípio feminino na obra do artista, seus desdobramentos criativos em forma desta personalização gráfica, estão intimamente associados à representação do usuário. No entanto, funciona também enquanto marca de enunciado artístico conferindo-lhe uma corporeidade mutante.

A barba de Edgar Franco (Ciberpajé) é outro elemento importante na composição da sua “fantasia”: há postagens em sua rede social Facebook¹⁸ em que ele responde aos amigos sobre as referências a personagens que remetem a ele, como: Asimov, Dom Pedro I, José Rico (da dupla com Milionário), Abraham Lincoln e Logan (um dos X-Men). A barba tem uma forma de costeleta, por um estilo de barbear que se refere aos pelos que crescem nas laterais do rosto, normalmente na linha da mandíbula até as têmporas.

A barba tem vários significados, dependendo do contexto individual, histórico e cultural, podendo ser associada à “virilidade, de coragem, de sabedoria” (Chevalier, 2003, p. 120), aspectos também reforçados por Lexicon (1992, p. 33) e Mark O’ Connor & Raje Airey (2010, p. 212).

No caso do Ciberpajé, a barba em formato de costeleta associa-se ainda à imagem do lobo, também representado em anéis, colares e camisetas que o artista exhibe. A figura do Lobo permeia sua criação em HQs, fanzines, aforismos e também em performances, como totem mítico/ lobisomem. Trataremos com mais detalhes no tópico de análise do Perfil Projeto Ciberpajé.

Tais elementos repetem-se também em outros momentos, outras imagens, outras representações, como se verá ao longo deste capítulo.

Além da dimensão imagética, a textualização de si envolve também, “uma dimensão textual” do avatar (Paveau, 2021, p. 342). É possível notar que nessa descrição languageira também se encontram imbrici-

18. Franco, Edgar. A amiga Luciana Vieira Aranha. 09 out. 2011. Disponível em: https://www.facebook.com/Oidicius/posts/299087546774131?locale=pt_BR Acesso em 06 set. 2024.

cadadas a dimensão artística e acadêmica: é um artista transmídia, mas também um pós-doutor, por exemplo.

A descrição acadêmica é minuciosa, pois perpassa por cada titularidade e universidade distinta, funcionando como um marcador linguageiro, Pós-Doutor (UnB e Unesp), Doutor (USP), Mestre (Unicamp), e professor (UFG). Para Maingueneau (1996, p. 155) “a repetição, assim como a obscuridade, podem ser objetos de tantos tipos de legitimações quantos forem os universos estilisticamente distintos que se definirem”. Assim, essa enumeração dos títulos acadêmicos é uma forma de o artista validar a instituição acadêmica.

Nesse sentido, temos uma representação gráfica, vinculada à qualificação profissional, mostrando uma esfera pública do artista, marcando o pertencimento institucional e acadêmico. Essa formalização semiótica acadêmica (professor, conferencista, orientador de mestrado e doutorado, escritor de livros e artigos acadêmicos) encontra-se embutida na imagem de texto da descrição de si em diversas redes sociais (no Facebook, no Instagram e no Threads).

Maingueneau (2008, p. 132), ao tratar de discursos de competências técnicas com finalidades controladas, destaca o papel exercido pelos diplomas em sua relação com determinados campos discursivos:

os diplomas são apenas uma solidificação, uma oficialização particularmente extremas de uma realidade multiforme e instável; com efeito, nos campos político, religioso, estético... a relação com o diploma não deixa de ser profundamente problemática. Alguns discursos políticos supõem enunciadores eruditos, detentores de tais títulos, que tenham seguido tais carreiras; outros supõem, ao contrário, “homem do campo”, dotados de “bom senso”, afastados de qualquer ideologia; outros ainda, de militantes na linha teórica exata, cumprindo certas funções num aparelho etc. Em nenhum momento há a menor independência entre a vocação enunciativa e a semântica discursiva.

É interessante observar o modo como a relação com a academia vai se construindo nas textualizações de si nas redes: trata-se de um lugar reivindicado, como se pode ver pela menção até detalhada da formação e titulação, mas, ao mesmo tempo, criticada, constituindo-se, assim, num lugar ambivalente de sua criação. Há, portanto, um certo efeito de ressentimento, talvez em razão de um reconhecimento esperado, mas não alcançado ainda — ao menos na medida do esperado: “A universidade é um dos antros principais desses **eruditos estéreis**, por isso ela tornou-se o **lixo** que é, não transforma ninguém, **não ilumina ninguém**” (Franco, 2019, p. 196; grifo nosso). Anteriormente, vimos que a criação (ou, nas suas palavras, transmutação) do Ciberpajé apresenta-se como um movimento voltado para si e não para o outro, mas aqui ele atribui às universidades a função de “iluminar”, ou seja, em certa medida, de “guiar”, o que é feito através de seus eruditos, professores — grupo do qual ele faz parte. Essa manifestação materializa a difícil negociação sobre a qual sua enunciação se apoia para legitimar-se: é a dimensão paratópica de sua inscrição no campo artístico.

Sua relação com a academia tem ainda um componente familiar, conforme se pode notar no trecho a seguir, ao falar de seu pai Dimas Franco:

Para um garoto de uma pequena cidade do interior, nasci em um lar privilegiado. Meu pai sempre foi um intelectual e sábio autodidata, e em minha primeira infância era rodeado por sua biblioteca que tinha cerca de 5 mil volumes. Ele nunca se preocupou em comprar uma casa própria, era um louco para muitos, investindo tempo e dinheiro nos livros. E como ressaltai anteriormente, ele tinha um histórico de perseguição na juventude, sofreu com o mal das HQs do século 20, perpetrado pelo psicólogo norte-americano Fredric Wertham — que dizia que os quadinhos eram nocivos aos jovens (Franco, 2024, p. 38).

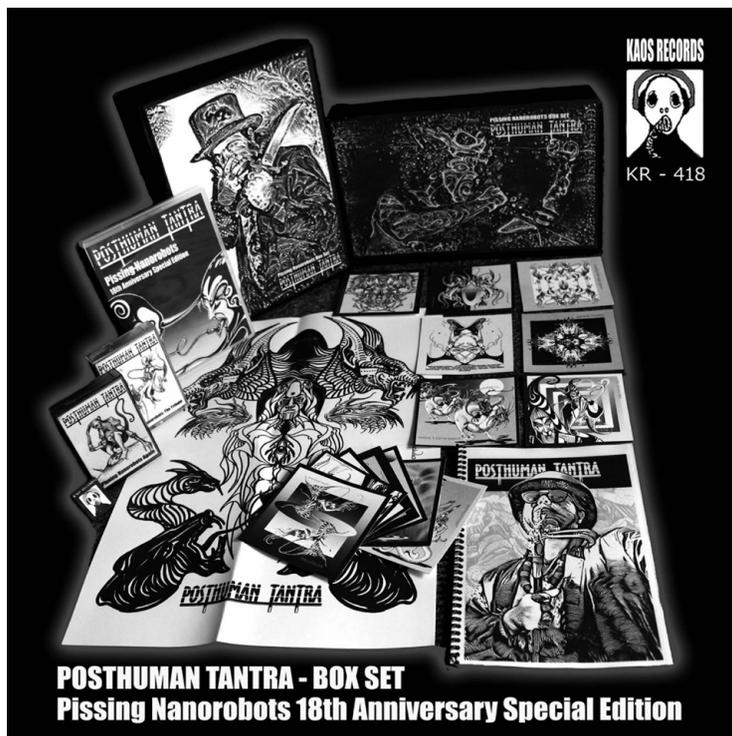
Nesse sentido, seu pai não teve incentivo familiar para seguir a carreira de artista, cineasta, ou escultor, não teve a chance de cursar uma universidade, mas foi o principal incentivador de Edgar Franco (Ciberpajé).

Se, de um lado, temos a relação com o espaço acadêmico, o discurso científico, de outro temos a própria inscrição no campo artístico, materializada através de marcadores como: Artista transmídia, Mago, Psiconauta e Mentor da Banda Performática Posthuman Tantra.

A predicação inicial presente nos perfis do Instagram e do Threads — “Edgar Franco é o Ciberpajé” — ressoa como uma inseparabilidade, uma unidade; no entanto, o efeito de transparência é colocado em suspenso quando se faz uma inversão “Ciberpajé é o Edgar Franco”, pois aqui temos um sentido outro em relação à enunciação sob análise. O movimento que vai “da ficção (personagem) ao real (pessoa física)” ou, ao contrário, “da real (pessoa física) à ficção (personagem)” produz diferentes embregens de pessoa: quem “é”? Com isso, a enunciação tal como colocada, parece apoiar-se mais fortemente sobre a ideia de uma fusão entre os dois mundos e não como a representação de um personagem.

Além da imagem do perfil, o Facebook tem também uma capa, uma espécie de banner, que complementa a construção da descrição de si de Edgar Franco. Nela vê-se a produção do artista, mais especificamente uma produção da banda performática Posthuman Tantra, ainda que a produção exposta também apresente imagens do próprio artista, como na capa do Zinebook, na capa da caixa box. Vejamos:

Figura 15 – Capa do Perfil do Facebook de Edgar Franco (Ciberpajé):
“Posthuman Tantra Box Set”



Fonte: Perfil do Facebook Edgar Franco (Ciberpajé). Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10160484191431427&set=a.10150781212166427&locale=pt_BR Acesso em: 25 nov. 2023

Eis a imagem de divulgação da box de 18 anos da banda *Posthuman Tantra* — *Pissing Nanorobots*. Os produtos que compõem a box estão dispostos na imagem. Ela inclui: uma caixa de papel trabalhada de maneira artesanal e adesivada, feito pela Kaos Record-Ramon Gonçalves Farias (selo que lança e distribui material sonoro e visual) com uma tiragem de 50 cópias; uma caixa de DVD com dois CDs: CD1 — *Pissing Nanorobots* (versão original mais 1 bônus track exclusiva); CD2 — *Pissing Nanorobots* remasterizado pelo produtor Alan Flexa; duas fitas K7: fita K7 *Pissing Nanorobots — The Tribute* — tributo com as 14 bandas recriando as faixas do álbum original; fita K7 *Pissing Nanorobots Again* — novo álbum da *Posthuman Tantra* com 14 faixas mais bônus track

exclusiva para essa versão em K7. Pôster A3, 14 cards com artes “sigilos mágickos”, 1 zine book¹⁹ com 12 páginas — o título *Posthuman Tantra*, com o conteúdo de uma entrevista exclusiva referente aos 18 anos da banda *Posthuman Tantra*; e um pin metálico da empresa Kaos Records.

A imagem que divulga o material disponível para aquisição do público chama a atenção para essa dimensão que as redes sociais adquiriram. De acordo com Dantas,

o Facebook é uma plataforma comercial de rede social, mais popular no mundo, com 2,7 bilhões de usuários ativos em 2021. [...] Hoje a maior fonte da receita do Facebook é o anúncio publicitário, razão pela qual o acesso é gratuito para usuários. A relação recursiva entre seu potencial econômico e a atração de investimentos financeiros tem levado a corporação a um crescimento exponencial (2022, p. 176).

No caso da box anunciada, trata-se de um produto autoral, sendo o próprio artista que faz a divulgação e comercializa o produto de uma maneira indireta (por e-mail), pois, de acordo com Dantas, “no Facebook não há possibilidade de os criadores de conteúdo monetizarem seus materiais. Isso só ocorre de modo indireto se um enlace leva o usuário ao sítio original ou a um aplicativo e, lá, essa visita passa a ser monetizada com publicidade” (2022, p. 181).

19. “De um modo geral o Fanzine é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente revista do fã (de fanatic magazine). Alguns estudiosos do assunto consideram Fanzine somente a publicação que traz textos, informações, matérias sobre algum assunto. Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada Revista Alternativa. No entanto, o termo Fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado. Assim, são Fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante” (Guimarães, 2020, p. 8). Atualmente as fanzines são conhecidas também como zines, artezines, artzines (no exterior), biograficzines...

Para esta pesquisa, adquirimos o material. A experiência da compra foi feita por e-mail e depois via whatsapp, o valor da box mais o valor da postagem via (sedex). Eles não operam em aplicativos de compra, nem em forma intermediária como PagSeguro. Ocorre de maneira direta com o banco por pix; depósito ou transferência bancária. A embalagem é manufaturada com dedicação exclusiva da unidade, todo o processo e acabamento foi feito de maneira independente.

O pedido foi feito no dia 28 de março de 2023 e foi enviado dia 15 de maio de 2023. Esse tempo mais estendido para entrega, esse período mais prolongado entre a confecção e entrega é justamente pela questão de logística, por ser um trabalho autoral, artesanal e por não haver atravessadores até o produto final. Ao falar da parceria na produção da box²⁰, Franco (2023) observa que,

a partir de outubro de 2022, Ramon Farias iniciou a produção D.I.Y. da box, envolvendo muito da concepção zineira do faça você mesmo, reciclando caixas de marmitta, pintando-as de preto com spray e adesivando tampa e fundo com as artes originais criadas pelo Ciberpajé, também realizando todo o trabalho gráfico em gráficas rápidas, mas com o capricho e cuidado que é característico da KAOS RECORDS.

Dessa forma, temos uma relação entre forma de produção (como são manipulados) do texto e também a forma como ele é consumido (como são lidos), de modo que estão intimamente correlacionados. A cultura do *Do It Yourself* (Faça você mesmo) está ligada ao movimento de contracultura, a um fazer artesanal e uma difusão também artesanal, com relação à autoralidade e auto expressão e autonomia artística, e se estende também à escolha do formato de mídia analógica como:

20. Franco, Edgar. [Lançamento da Kaos Records] Edição especial em box celebra os 18 anos do POSTHUMAN TANTRA e do álbum "Pissing Nanorobots" incluindo um tributo com 14 bandas convidadas e o novo álbum "Pissing Nanorobots Again". 27. mar. 2023. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=box+set> Acesso em 11 set. 2024.

fitas K7 /CDs/ DVDs (muitas vezes descritas como retro ou vintage, permanecem no mercado para colecionadores e para certos nichos).

Assim, todo o modo de fazer artesanal corporifica a ideia de ir na contramão do mercado, de maneira que são auto editados, com pequenas tiragens, operando fora do sistema de entretenimento padrão, acrescentam artigos de colecionador com encartes, mídias essas tidas como “obsoletas”.

Conforme Franco (2023),

Em 2021 o lendário selo D.I.Y. Kaos Records, maior gravadora independente de noise e industrial da América Latina, fez um convite ao Ciberpajé, lançar um tributo comemorativo aos 18 anos do POSTHUMAN TANTRA, enfocando especialmente o álbum de estreia da banda “PISSING NANOROBOTS”, lançamento independente de 2004 que teve ótima repercussão internacional com resenhas positivas em muitos veículos da área. O álbum também tornou-se uma referência da música autoral noise, ambient, e industrial no Brasil, sendo lembrado e reverenciado pela cena.

Esta edição especial, em comemoração aos 18 anos da Banda Posthuman Tantra e do álbum “Pissing Nanorobots”, funciona como um mecanismo de reconhecimento, a presença de avaliações positivas em meios internacionais indica que a cena brasileira tem a capacidade de interagir com públicos globais, ultrapassando obstáculos geográficos e culturais. Portanto, a seleção de um tributo não é meramente uma homenagem, mas um reconhecimento do significado histórico e do impacto que a banda teve na música atual.

O projeto envolve a participação de 14 bandas (escolhidas por afinidade musical, admiração, representatividade na cena), um relançamento e uma nova versão remasterizada do trabalho. Esta trajetória musical possibilita que novas gerações de artistas e público se conectem com o patrimônio artístico, inspirando novos projetos e colabo-

rações, promovendo a continuidade da produção e inovação. Assim, funciona como um meio de validar a produção artística.

Existe uma discursividade que exalta o ambiente alternativo, o movimento underground e as expressões artísticas que desafiam as normas estabelecidas. Essa exaltação se estende a um nível global, ao enfatizar sua repercussão internacional, reforçando um lugar de reconhecimento, e transformação. Neste cenário, o artista procura validar sua obra e se refere a uma dimensão de paratopia criadora que está intrinsecamente ligada à construção de um espaço alternativo de produção musical. Isso acontece através da oposição às tendências mainstream, onde a liberdade criativa possibilita experimentação e inovação, caracterizados pela autoexpressão, ou seja, uma maneira autêntica de criar.

Nesse sentido, este modo de fazer está, pois, vinculado a uma forma costumeiramente assumida como independente de produzir.

Um fator a ser considerado, principalmente com o surgimento da internet, é o quanto ela aproximou os usuários do espaço literário tradicional, em virtude disso, a cadeia que separa autor de editor diminuiu significativamente nos últimos tempos. Conforme aponta Maingueneau (2018, p. 107), “podemos acumular as funções de autor, editor, impressor, na medida em que é relativamente fácil produzir textos cuja apresentação tem qualidade próxima da que um editor pode conseguir. O escritor pode inclusive fazer sua própria promoção, bastando para isso saber administrar um site da internet”. Nesse sentido, a combinação desses fenômenos torna difícil distinguir o mundo do consumo literário do mundo da criação.

Ainda no Facebook, há um perfil denominado Aforismos do Ciberpajé, conforme podemos ver no print abaixo.

Figura 16 – Perfil do Facebook Aforismos do Ciberpajé



Fonte: Perfil do Facebook Aforismos do Ciberpajé. Disponível em:
[https://www.facebook.com/
photo/?fbid=293308606131479&set=a.131358688993139&locale=pt_BR](https://www.facebook.com/photo/?fbid=293308606131479&set=a.131358688993139&locale=pt_BR)
Acesso em: 21 nov. 2023

As imagens do perfil em questão — assim como no Bandcamp e X (antigo Twitter) — são, como se pode notar, tratadas. O artista usou aqui a experimentação com redes neurais, com algoritmo NST (*Neural Style Transfer*), apresentando uma visualidade trabalhada com aplicação de cores e texturas. Em suas palavras,

a técnica de rotoscopia digital utilizada na animação (In)Finitum é diferente da utilizada em O Enterro dos Deuses, na qual foi aplicado o algoritmo base do Deep Dream, desta vez utilizamos redes neurais batizadas de Neural Style Transfer. Traduzido do inglês, é o que podemos chamar de “Transferência de estilo neural”, e refere-se à uma classe de algoritmos que manipulam imagens, objetivando adotar a aparência ou o estilo visual de outra imagem. Os algoritmos NST são caracterizados pelo uso de redes neurais profundas em prol da transformação das imagens (Franco, 2021, p. 52).

Para Paveau (2021, p. 344), existem de fato inúmeras ferramentas automáticas on-line para fabricar um avatar, e, mais amplamente, tecnografismos de todo tipo, podendo-se também utilizar programas de edição visual, o que personaliza ainda mais o produto e o aproxima da arte ou do artesanato.

Na foto do perfil do Facebook Aforismos do Ciberpajé²¹, seu avatar e a da capa são a mesma imagem, intitulada “Lobo do Cerrado louvando Gaia”, que, para o perfil, é recortada. Vejamos na sequência a imagem sem cortes.

Figura 17 – Avatar “Lobo do Cerrado louvando Gaia”



Fonte: Franco (2021). Fotografia de Anésio Neto.

Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=293308606131479&set=a.131358688993139&locale=pt_BR
Acesso em: 23 nov. 2023

A imagem acima, no que tange à metafusão interativa, apresenta um leve ângulo vertical baixo, o chamado *contra plongée* (com o sentido de contra-mergulho)²², quando a câmera está abaixo do nível

21. Para o Ciberpajé os aforismos são uma necessidade de traduzir em poucas palavras uma experiência vivida. [...] Os meus aforismos têm uma característica básica: são produtos do meu agora, da minha experiência fruindo a vida, e esse é um critério meu – eu só escrevo sobre aquilo que realmente experienciei, sou rígido nesse aspecto. Meus aforismos não são reproduções teóricas do pensamento alheio, não são citações estereis. Obviamente muitos deles vão trazer rastros de pensadores iluminados que me influenciaram, no entanto quero deixar claro que só trato de coisas que eu realmente experienciei. Ou seja, os aforismos condensam a experiência de vida do Ciberpajé, são o sumo daquilo que acredito ter importância na minha busca por ser integral. O aforismo é essa sentença curta que tem uma pretensão de gerar uma reflexão sobre a vida (Franco, 2019, p. 58).

22. Mais adiante, veremos esse mesmo ângulo mais acentuado.

dos olhos, voltada para cima, produzindo, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), um efeito de poder, grandeza e superioridade.

Além disso, é interessante observar que, embora o Ciberpajé se encontre em posição frontal, não há contato visual estabelecido com o espectador, a categoria de atitude apresenta-se de maneira horizontal e confere um sentido de distanciamento (ou intimista) pela linha do olhar, por estarem os olhos fechados. Ou seja, o ângulo frontal coloca, tradicionalmente, a imagem na posição de demanda, mas os olhos fechados nos parecem impedir a “proximidade” que tal posição suporia. Diferentemente do perfil analisado anteriormente, aqui temos uma imagem que coloca o Ciberpajé posicionado à direita da imagem num plano médio (pois a imagem se apresenta da cintura pra cima) de braços abertos e com as palmas das mãos voltadas para cima — uma posição que sugere uma interação com o meio circundante — e com um fundo que, como aponta McCloud (2005, p. 132), por se apresentar distorcido ou expressionista pode afetar nossa “leitura” dos estados interiores do personagem em si.

Esse mesmo efeito utilizado na imagem acima também foi aplicado em outras imagens produzidas pelo Ciberpajé²³. Sobre isso, em seu blog, há uma postagem²⁴ explicando que “o resultado final da colorização e texturização digital buscou representar a umidade e pastosidade de nossos tempos pandêmicos e foi fruto de experiências artísticas utilizando redes neurais e inteligência artificial”. Além disso, o artista afirma expressamente que esse processo “rememora suas visões em

23. Por exemplo, Licanarquia; 2021; a capa da Revista Humus; a capa do periódico eletrônico Zygmunt Bauman v 11, n^o 25-A filosofia do desenvolvimento.

24. Em tópico cujo título é: [Lançamento] Arte do Ciberpajé estampa capa da revista acadêmica Húmus (UFMA) v. 11, n. 25 (2021): Brasil e Portugal: leituras, experimentações, práticas comunitárias e coesão social e territorial. (Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?updated-max=2021-04-22T15:49:00-03:00&max-results=7&start=90&by-date=false> Acesso em: 10/09/23).

estados não ordinários de consciência induzidos pelo uso de enteógenos”²⁵, resgatando, assim, um universo mais onírico.

Há que se dizer ainda que o uso de enteógenos — isto é, certas substâncias psicoativas utilizadas em rituais ancestrais (conforme batizou Gordon Wasson) —, tais como “plantas ou fungos que possuem substâncias naturais psicoativas utilizadas em rituais xamânicos [...], compõe uma das vertentes da chamada arte visionária”²⁶ (Franco, 2017, p. 45). O termo “psiconauta”, que aparece na descrição de muitos dos perfis de Edgar Franco, está relacionado a esse uso e, portanto, a esse tipo de manifestação artística.

Da perspectiva discurso-enunciativa aqui adotada, pode-se dizer que esses elementos constroem a cenografia sobre a qual se apoia a própria emergência da figura do artista/acadêmico. O tempo pandêmico (registro da cronografia) e o espaço onírico (registro da topografia) que se entrelaçam na representação manifestam as condições enunciativas a partir das quais vemos emergir a figura do enunciador, alguém que está para além do seu tempo, que se vale de recursos tecnológicos inovadores para criar uma arte que chama “visionária” e que congrega passado, presente e futuro, diluídos inclusive nas texturas da imagem. Nesse sentido, vale lembrar as palavras de Jung (2016), para quem

muitos sonhos apresentam imagens e associações análogas a ideias, mitos e ritos primitivos. Essas imagens oníricas eram chamadas por Freud “resíduos arcaicos”. A expressão sugere que tais “resíduos” são elementos psíquicos que sobrevivem na mente humana desde tempos imemoriais. É um ponto de vista caracte-

25. Em tópico cujo título é: [Lançamento] Arte do Ciberpajé estampa capa da revista acadêmica Cadernos Zygmunt Bauman (UFMA) vol. 11, n. 25 (2021) (Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/scarch?update=-d-max2021=04-22-15T49:00:03-00:&max-results-7&start=90&by-date=false>. Acesso em: 10/09/23).

26. Enteogênicos é um álbum de quadrinhos expandidos que apresenta HQs poético-filosóficos e HQforismos inspirados em experiências de E.N.O.C. — estados não ordinários de consciência — a partir da utilização dos enteógenos *Psilocibe cubensis* e *Ayahuasca* (Franco, 2019, p. 1) Dessa maneira, o artista possui uma série de trabalhos artísticos de narrativas experimentais de vivências sinestésicas, baseadas em vivências visionárias a partir de ingestão de enteógenos e ele também utiliza um sistema de sigilos “mágickos” para sua transmutação.

terístico dos que consideram o inconsciente um simples apêndice do consciente (ou, numa linguagem mais pitoresca, como uma lata de lixo que guarda todo o resíduo do consciente).

A fim de visualizar melhor esse trato artístico com a imagem, apresentamos a seguir a fotografia original usada como base para a inteligência artificial e o artista.

Figura 18 – Ciberpajé fotografado por Anésio Azevedo Costa Neto. Ensaio “Bioma Cerrado” - Ituiutaba-MG



Fonte: Franco (2015). Disponível em: <https://marcadedefantasia.com/livros/quadrinhospoeticos/conversas-ciberpaje/conversas-ciberpaje.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023

Um ponto relevante é pensar que uma fotografia de 2015 se reatualiza produzindo novos sentidos em 2021, através de todo processo artístico, maquínico e histórico, pois remete a um tempo de pandemia em esfera global. Ou seja, a cena de enunciação é outra.

Outro perfil vinculado a Edgar Franco no Facebook é o denominado “Projeto Ciberpajé”²⁷.

27. Em 2014, Edgar Franco, o Ciberpajé, recebeu um convite inusitado do músico Genilson Alves, mentor da banda Each Second (SP) e da gravadora Lunare Music, que sugeriu a criação de um projeto musical que musicasse os aforismos iconoclastas do Ciberpajé — escritos por ele quase diariamente e publicados em página no Facebook com cerca de 3 mil seguidores — também propôs que o nome do projeto fosse simplesmente "Ciberpajé". Ao pensar no projeto, Genilson lembrou-se do escritor de ficção científica cyberpunk japonês Kenji Siratori — que inclusive participou do primeiro disco do Posthuman Tantra. Siratori grava recitações de seus textos viscerais e intrigantes e envia para bandas de industrial e darkwave musicarem, tendo participado de inúmeros álbuns pelo mundo afora. A ideia foi fazer algo parecido, mas dessa vez feita com os aforismos criados e recitados pelo Ciberpajé. FRANCO.Edgar.8 EPs do Projeto Ciberpajé serão tocados na íntegra em especial da KFK Webradio. FRANCO.E.Blog A arte do Ciberpajé Edgar Franco.09 abr.2017.Disponível em:<https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=projeto+ciberpaj%C3%A9> Acesso em: 18 dez.2023.

Figura 19 – Perfil do Facebook Projeto Ciberpajé



Fonte: Perfil do Facebook Projeto Ciberpajé,
Disponível em: https://www.facebook.com/projetociberpaje?locale=pt_BR
Acesso em: 29.nov. 2023

O seu avatar é uma fotografia também tirada por Anésio Azevedo Costa Neto, em um ensaio fotográfico intitulado *Lupino*, realizado em 2012, para um vídeo da banda Posthuman Tantra. Também foi utilizada para a divulgação de uma entrevista ao zine *Reboco Caído* nº 34 – *Ciberpajé: A ira genuína é um dom raro na contemporaneidade*, postado no seu blog “A Arte do Ciberpajé Edgar Franco”, em 05 de março de 2017, além de utilizada para divulgar a participação em eventos. Vejamos a imagem de forma ampliada e não como se apresenta na diagramação do perfil de maneira recortada.

Figura 20 – Avatar “Ensaio Lupino”



Fonte: Franco (2017) Fotografia de Anésio Azevedo Costa Neto.
Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/2017/03/entrevista-ao-zine-reboco-caido-34.html>. Acesso em: 23 nov. 2023

Trata-se de uma imagem do artista em primeiro plano, e o contato estabelecido, mais uma vez, possui a metafunção interativa na categoria de contato, de oferta, já que ele não está olhando diretamente para o espectador, não há um contato visual direto, o Ciberpajé está com a linha do olhar à sua direita (na perspectiva dele), olhando para o horizonte. Assim, ele se apresenta de perfil, com ângulo oblíquo. O espectador observa o mundo do participante representado.

O avatar se apresenta em um momento de performance fotográfica, pois há uma personalização, que é também declarativa de Ciberpajé. Chama a atenção o uso de alguns elementos em sua composição: um sobretudo preto de couro vegetal, o batom preto, a cartola preta e a bengala com detalhes metálicos e que também é um punhal camuflado. Esse cuidado com o figurino já foi objeto de pesquisa em nível de mestrado²⁸ e é apontado como estando integrado

28. Silva, Luis Carlos Ferreira. Performance Cíbergótica: Processo Criativo de Figurino do Posthuman Tantra. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2019. Disponível em: [/https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/76cb6c4c-8933-490f-990a-5713b90ca060/content](https://repositorio.bc.ufg.br/teseserver/api/core/bitstreams/76cb6c4c-8933-490f-990a-5713b90ca060/content). Acesso em: 27 nov. 2023.

(...) à problematização teórica do universo do Posthuman Tantra; interessado em desenvolver poéticas autorais desconectadas de uma obsessão mercadológica e consumista, a confecção artística promoveu pesquisas de materiais adequados e reaproveitáveis, com proposta de customização inicial. Propondo a consolidação de uma tendência ecológica nos projetos do figurino para dar suporte às ações de conscientização diante da obsolescência programada dos produtos. A partir de roupas usadas, couro vegetal, reaproveitamento de materiais como: retalhos, roupas desgastadas recebendo tingimentos, pinturas, aplicações, customizações, entre outras técnicas para desenvolver novas indumentárias (Silva, 2018, p. 517).

Diferentemente do avatar anteriormente apresentado, aqui o Ciberpajé aparece com uma cartola preta que, segundo ele,

é mais comportada e ainda gera alguns subtextos relacionados a certos ícones pop do mundo globalizado **como o roqueiro Slash e o cineasta Zé do Caixão**. [...] No entanto a cartola preta não foi abandonada por mim, uso-a em muitas ocasiões e recentemente, desde fins de 2018 tenho usado-a mais que a vermelha, **simbolizando um luto pela ascensão global de um neofascismo obscurantista** (Franco, 2019, p. 37; grifo nosso).

A partir da dimensão relacionada à metafunção composicional, pode-se dizer que a fotografia monocromática oferece um espaço visual que enfatiza a forma, a textura e a luz, criando uma atmosfera única fazendo lembrar as fotografias analógicas, o que evoca, em certa medida, um tom atemporal. O contraste preto e branco compõe o recurso de saliência, assim como a bengala, que ganha destaque na imagem, aparentando pés de gavião ou águia, que, por seu turno, rememora uma conexão com aspectos animais. Essa conexão, aliás, está expressa até mesmo no título do ensaio (*Lupino*), que faz referência ao lobo: segundo o artista, este é seu totem xamânico, durante sua carreira a discursividade sobre o lobo aparece, seja na música, nos aforismos, nas fotografias, em vídeos, HQs, até mesmo como enunciado expressivo

aderente (Maingueneau, 2022), em muitas de suas camisetas há uma figura de lobo²⁹. Para Maingueneau (2022, p. 143) “[...] o enunciado aderente em uma camiseta não tem propriamente destinatário: ele se oferece ao olhar de qualquer pessoa que cruze com o expressador”.

Em uma entrevista, o Ciberpajé fala sobre o simbolismo do lobo:

Simbolicamente é o desejo compulsivo pela vida. Ele possui os dois aspectos, sombrio e luminoso: se não houver equilíbrio e serenidade na busca pelas experiências, pela vida, ele pode tornar-se destrutivo, ególatra – remontando a sanha desenfreada dos homens ocidentais na busca de satisfazer ensandecidamente seus prazeres sensoriais que se reduziram quase que completamente a variações de atos de consumo. Se o Lobo é equilibrado, ele usa os seus desejos para seu crescimento consciente, não os nega, mas não é escravo deles. Então ser sempre um Lobo Selvagem e Sereno é a meta do Ciberpajé! (Franco, 2019, p. 40).

O avatar deste perfil traz muito do processo artístico do artista, que atua entre a luz e a sombra, que utiliza de estratégias transmídias com objetivos poéticos e de auto expressão.

A capa do perfil foi atualizada recentemente e a incluí para análise:

Figura 21– Capa do Perfil do Facebook Projeto Ciberpajé: “O Sabor Delicado do Nada”



Fonte: Produção do Projeto de Pesquisa CRIA-CIBER FAV/UFG.

Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=o+sabor+delicado+do+nada>

Acesso em: 29 nov. 2023

29. Como no caso do perfil anterior, Aforismos do Ciberpajé.

A imagem da capa é a divulgação de um videoclipe de animação e single chamado O Sabor Delicado do Nada e é baseada numa série de rituais mágickos de transmutação da Aurora Pós-Humana.

O artista apresenta, no videoclipe, uma performance, a imagem de capa remete a uma vertigem de personagem (pelos efeitos da inteligência artificial e também de rotoscopia digital), como se a imagem fosse triplicada em um momento do vídeo, o Edgar Franco (Ciberpajé) aparece usando uma máscara de lobisomem 3D, cor prata, realizando um ritual mágicko³⁰ de posismo³¹ no contexto da Aurora Pós-Humana, encenando uma batalha consigo mesmo.

Segundo o artista,

O processo da animação foi em rotoscopia digital, com referências de totens xamânicos e ao conceito de tecnoxamanismo e tecnognose que influenciaram o musicista Alan Flexa. Foi usado um sistema de inteligência artificial, alimentada com mais de 300 artes originais do Ciberpajé. Os criadores foram Ciberpajé e C.N.S (AKA Diogo Soares), demoraram 6 meses no processo de aprendizagem de máquina (Franco, 2023).

O elemento simbólico do lobo é, assim, novamente manifesto em sua obra. O'Connell e Airey (2010, p. 244) apontam que o lobo é símbolo ambivalente de crueldade, astúcia e ganância, mas também de coragem, vitória ou cuidado de nutrição (romana) em outras cultu-

30. Essa grafia com “k”, Crowley não escolheu essa ortografia aleatoriamente. Ele expandiu uma palavra de cinco letras para uma palavra de seis letras (no inglês), que tem significado numérico. Hexagramas, que são formas de seis lados, são proeminentes em seus escritos também. “K” é a décima primeira letra do alfabeto. Está relacionado ao Ocultismo. Amino. A Palavra “Mágicka” (Magick) Disponível em: <http://surl.li/bctlou> Acesso em: 17 dez. 2023.

31. “Posismo” é um dos princípios da magia ocultista de Randolph, readaptando a gestualidade para o contexto de reconexão com a natureza e o cosmos proposto pela música e pelo sistema mágico da ‘Aurora Pós-Humana’ (Franco. E. Resenha do clipe “The Reconnection: Werewolves Touching the Cosmos” do álbum “Biotech Werewolves”- Posthuman Tantra. Franco, E. A arte do Ciberpajé-Edgar Franco.03 nov. 2014. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=posismo> Acesso em: 01 dez. 2023.

ras. É um animal sagrado para Apolo e Odin. De outra ótica, Chevalier (2003, p. 555) aponta o lobo como sinônimo de selvageria.

O lobo é representado no perfil, através do ensaio fotográfico Lupino e agora pela performance “O sabor delicado do nada”³², com o uso da máscara de lobo e também por desenhos artísticos de lobos, formando assim, uma representação do corpo do artista. Vejamos a imagem a partir de uma captura de tela da animação:

Figura 22 – Captura de tela com enfoque na Máscara do lobo 3D, animação “O Sabor Delicado do Nada”



Fonte: Frame de O Sabor Delicado do Nada, de Diogo Soares³³ e Edgar Franco (2023). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PBS7Zbodl5Q>

Acesso em: 17 dez. 2023

Para Georges (2012, p. 36), “o avatar-máscara enfatiza a personalização deliberada e declarativa do avatar”³⁴.

32. O Sabor Delicado do Nada é uma criação do grupo de pesquisa CRIA_ CIBER da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

33. Arquiteto, dirigiu a animação em parceria com Edgar Franco.

34. No original: l’avatar-masque met l’accent sur la personnalisation délibérée et déclarative de l’avatar. (2012, p. 36).

Algumas expressões linguísticas também compõem pistas de representação desse corpo performático, como as expressões Tecnoxamanismo³⁵ e tecnognose³⁶.

De acordo com Fanny Georges (2013, p. 20),

O avatar é o mediador desse processo, como personagem, como elemento da interface, e como elemento da ficção: no centro de um dispositivo explodido, incluindo os objetos, a câmera e as diversas funcionalidades de manipulação em geral, o avatar apela ao esforço cognitivo do usuário para criar um vínculo semântico, prático, ficcional³⁷.

Novamente a performance se estabelece construindo um efeito de presença do Ciberpajé de maneira onírica, há sensualidade nos movimentos de posismo, criando uma interação corpórea com o espectador.

35. Sobre o Tecnoxamanismo de acordo com Borges Melo (2012) apud Belisário (2016, p. 67) “O tecnoxamanismo possui indícios de uma nova ética, uma ética ecológica, ou ainda uma ética transformadora que conceba a tecnologia não como um projeto evolucionário, mas como um organismo vivo, interdependente do seu meio e, assim como o próprio planeta Terra, capaz de autoregulação. É uma tentativa de juntar duas formas de conhecimentos que são constantemente separadas. A bruxa e o cientista. O curandeiro e o médico. A feiticeira e o robô. A convergência entre técnica e xamanismo é um investimento de reparação de erros antigos de má distribuição de saberes e julgamentos deterministas precipitados a respeito das formas de conhecimento. O Tecnoxamanismo apela ao animismo, às religiões da natureza, as visões de mundo mais tradicionais, ou ainda ancestrais, a fim de trazer à tona suas sincronicidades, fazê-las interpenetrarem-se.” Tecnoxamanismo. São Paulo: Goethe Institut, Invisíveis Produções, Rede Tecnoxamanismo, 2016. Disponível em: https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/tcnxmnm_ebook_resolution_1 Acesso em: 21 dez. 2024.

36. Tecnognose (S.f.) # Etim.: Do grego *téchne* “arte”, “ofício” + do grego *gnôsis* “conhecimento”, “sabedoria”. O progresso tecnológico pode ser caracterizado unicamente pela necessidade instrumental de busca por soluções econômicas para o mundo dos negócios. Porém, paralelo a este discurso, encontramos outro de natureza diversa, isto é, de motivação mística ou espiritualista: onisciência, ubiqüidade, superação de limites pessoais, utopias (“estrada para o futuro”, “o futuro é agora”) e toda uma série de nomações transcendentalistas que, para muitos autores, apontam para uma secreta afinidade entre tecnologia computacional e pós-religiões tradicionais. [...] TECNIGNOSE. In: DICIO, Dicionário de Comunicação, Copyright © 2011. Disponível em: <https://cinognose.blogspot.com/2009/12/dicionario-de-comunicacao-apresenta-o.html> Acesso em 01 dez.2023.

37. No Original: L’avatar est le médiateur de ce processus, comme personnage, comme élément de l’interface et comme élément de la fiction: au centre d’un dispositif éclaté, incluant les objets, la caméra, et les diverses fonctionnalités de manipulation en général, l’avatar appelle l’effort cognitif de l’utilisateur pour créer un lien sémantique, pratique et fictionnel.

Vejamos um fragmento da descrição do vídeo, fornecido pelo artista:

O aforismo recitado pela voz do Ciberpajé faz conexões metafóricas com o tratado militar A Arte da Guerra, de Sun Tzu, mixando os seus conceitos à busca do equilíbrio interior presente no Tao-Te King, de Lao Tzi, e conceitos retirados do Livro dos Cinco Anéis, atribuído ao lendário samurai Miyamoto Musashi. Ele trata da necessidade premente de jamais nos vitimizarmos diante das circunstâncias da vida, de nos responsabilizarmos por nossos atos, de respondermos pelas consequências de nossas ações, de encarar as dores e perdas como parte do processo natural da existência, do autoperdão e do aprendizado para não cometermos os mesmos erros jamais, o texto é uma visão metafórica desse posicionamento estoico do magista Ciberpajé. (Franco, 2023).

Para Recuero (2020, p. 140),

Ao construir um perfil, os atores precisam reconstruir indícios que deem pistas aos demais interagentes **a respeito de quem são**. Assim, elementos representações do corpo (como avatares), descrições, expressões linguísticas, gostos, convenções etc. são transportados para este perfil. São essas pistas que darão a quem entra no perfil uma ideia de quem é aquele ator (grifo nosso).

A composição onírica desta animação nos remete à figura do xamã, do guerreiro, além de incluir referências simbólicas a totens xamânicos. Para Eliade (1957, p. 3), nos universos oníricos, reencontram-se os símbolos, as imagens, as figuras e os eventos que compõem as mitologias. Esta descoberta deve-se ao gênio de Freud e sobre ela trabalharam, desde há meio século, todas as psicologias das profundidades.

Como dito anteriormente, a música traz um “conceito de tecnoxamanismo e tecnognose que influenciaram o musicista Alan Flexa” e também nos remete ao aspecto de transe do tipo xamânico:

[...] um produto de imaginação em estado puro. De um certo ponto de vista, o onírico e o imaginário participam nas práticas

do êxtase: ver-se-á em breve que sentido se deverá atribuir a esta participação. Lembremo-nos desde já de que as psicologias das profundidades reconheceram à dimensão do imaginário o valor de uma dimensão vital, de importância primordial para o ser humano na sua totalidade. A experiência imaginária é constitutiva do homem, ao mesmo nível que a experiência diurna e as atividades práticas. Ainda que a estrutura da sua realidade não seja comparável às estruturas das realidades “objectivas” da existência prática, o mundo do imaginário não é “irreal”. Avaliar-se-á de imediato a importância das suas criações para a antropologia filosófica (Eliade, 1957, p. 56).

O artista aborda essa questão de acessar o imaginário do pajé, um pajé ligado ao tecnoxamanismo e à tecnognose, acessado por meio da música e dos aforismos, além de imagens que combinam desenhos do artista com vídeo gravado com movimentos de posismo, um pajé que interage com outras formas de tecnologia. Assim, o conceito de tecnologia é expandido pelo artista, que vê as “plantas de poder” como tecnologia ancestral, ao se referir ao Ayahuaska e Psilocybe Cubensis (enteogênicos), utilizada para expansão da consciência, por meio de transes, processos meditativos e mágickos. A obra do artista consiste em transferir (ou aproximar) a imagem mental desses momentos para o meio digital.

Sobre as implicações sociológicas das tecnologias, Laymert (2005, p. 174)

Depois, achei muito interessante quando vi, no livro do antropólogo Jeremy Narby, que ele tomou ayahuasca no Peru porque queria acreditar nos pajés quando diziam para ele que seus conhecimentos lhes eram transmitidos pelas plantas. Se não temos este canal, mas eles têm, porque vou considerar que o meu mundo tecnológico é mais avançado que o deles? Talvez seja justamente minha incapacidade de alcançar o seu conhecimento que me faça pensar que aquilo é tudo primitivo. Se considerarmos, por exemplo, a quantidade de coisas de que precisamos para viver, do ponto de vista material, e aquilo de que os índios precisam, pode ser que eles sejam até mais sofisticados do que nós.

O artista Edgar Franco (2017, p. 44) trabalha com elementos narrativos que envolvem múltiplos sentidos, o háptico, o sonoro e o visual. Franco

acredita que paralelamente ao uso crescente das novas tecnologias como fonte de investigação das relações entre matéria e consciência, a humanidade irá utilizar cada vez mais a antiga tecnologia dos xamãs para buscar a transcendência e novos estados de consciência. Ele chama essa tecnologia de “tecnologia das plantas”, referindo-se às substâncias vegetais que proporcionam alteração da consciência e já eram usadas por pajés tribais há séculos (2017, p. 46 apud Roy Ascott, 2003, p. 277).

O artista (2017, p. 47) nomeou os enteógenos de “plug-ins de neocortex”, por considerar “os enteógenos uma forma de software natural, capaz de produzir mudanças em nosso hardware cérebro consciência e permitir o desenvolvimento de processos criativos diferenciados”.

Assim, a hibridização deste trabalho artístico se dá neste entrecruzamento entre Edgar Franco, a máquina e a IA, mas também no efeito de sobreposição, que não é apenas uma voz (que recita os aforismos), há uma musicalidade que remonta a um estado de transe, com influência do tecnoxamanismo e que também é de movimento marcado pelo posismo ritualístico e pelo instrumento mágicko (a espada), com uma estética visual (psicodélica) e multicolorização dos desenhos artísticos (que representam uma diversidade de seres com 300 artes). Dessa forma, temos uma cenografia onírica, que remontam visões de experiências enteogênicas (com o cogumelo *Psylocibe cubensis*) que se passa no futuro no Universo da Aurora Pós-Humana, com seres tecnogenéticos³⁸ que hibridizam homens, animais e vegetais. E seres

38. Segundo Edgar Franco (2013, p. 35) Tecnogenéticos são fruto da hibridização entre humanos, animais, e vegetais, permitida pelo avanço da biogenética. Infinitas possibilidades de mixagem das características genéticas de todos os seres preexistentes na Terra fazem com que esse grupo adquira uma imensa variedade de formas físicas, algumas realmente inimagináveis.

extropianos³⁹ com corpos robóticos de silício, plástico e metal. Para além disso, Ciberpajé encena uma batalha consigo mesmo.

De acordo com Franco (2023, p. 11) “o próprio Ciberpajé situa-se como um dos seres do seu universo ficcional mágico transmídia e encarna o papel de um tecnoxamã que incorpora as múltiplas entidades/criaturas que habitam a Aurora Pós-Humana durante seu transe artístico performático”. O artista remonta um efeito visual de transmutação (através da sobreposição), com intenções simbólicas e iconográficas, e ao mesmo tempo reforça um efeito de vertigem de pessoa, como se todas essas criaturas fossem Ciberpajé.

Uma outra questão a se considerar na descrição do artista nos avatares é a presença da expressão “mentor da banda”. Tal recurso é, de partida, interessante na medida em que não é nada comum quando se pensam os papéis comumente relacionados à imagem de uma banda: tem-se vocalista, baterista, baixista, por exemplo, eventualmente se fala em front man ou líder de uma banda, mas mentor é um tanto incomum. Conforme o dicionário:

Mentor (substantivo masculino) Indivíduo experiente que guia (dá conselhos) uma outra pessoa. Guia ou Mestre. [Por extensão] Indivíduo que direciona, desenvolve, **produz ou cria projetos, ideias, obras etc.**⁴⁰ (grifo nosso).

Assim, a figura “mentor” indica uma relação mais intrincada e diversificada, que pode abranger elementos de liderança criativa, orientação artística e formação de identidade musical, funcionando como uma espécie de curadoria e desenvolvimento de uma perspectiva artística compartilhada, nesse contexto, o termo “mentor da banda” é

39. Conforme Franco (2016, p. 39) Os extropianos são organismos pós-humanos e abiológicos, resultado do transplante da consciência humana para chips de computador. Conseguem perpetuar infinitamente sua “vida” através desse mecanismo.

40. MENTOR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mentor/> Acesso em: 29 nov. 2023.

uma expressão bastante intrigante e que também diz respeito a uma paratopia criadora (mesmo no âmbito da produção musical, atribui-se a si um lugar que não equivale a lugares consolidados).

Já no perfil no Facebook, a descrição apresenta a *Posthuman Tantra* como um “projeto musical” e não como uma banda e, talvez por isso mesmo, a figura do “mentor” seja aí evocada. Em outros momentos, contudo, há retomadas da *Posthuman Tantra* como “banda”. O artista, também traz a informação “CDs lançados na Suíça, França e Japão...”, ilustra aqui uma relação paratópica (demonstra uma transcendência ao ‘mercado’ e concomitante integra suas dinâmicas) mesmo em uma perspectiva de pequenos selos do movimento underground, compondo publicações com baixas tiragens, marcado por uma cultura conhecida como alternativa.

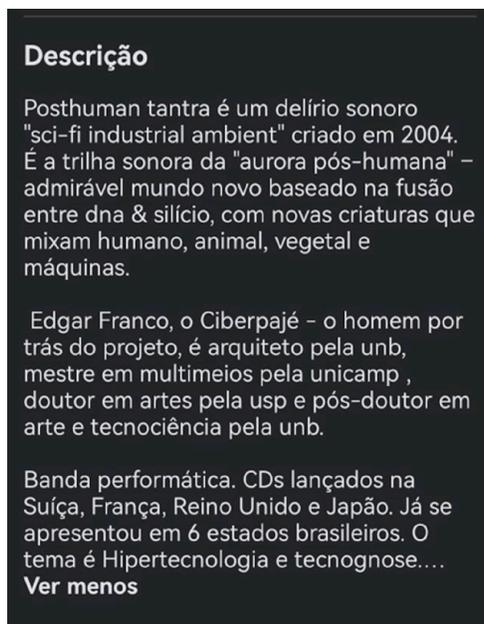
Vejamos os prints:

Figura 23 – Perfil do Facebook da Banda Performática Posthuman Tantra



Fonte: Perfil do Facebook da Banda Performática Posthuman Tantra. Disponível em: https://www.facebook.com/posthumantantra?locale=pt_BR. Acesso em: 27 nov. 2023

Figura 24 – Descrição do Perfil do Facebook da Banda Performática Posthuman Tantra



Fonte: Perfil do Facebook da Banda Performática Posthuman Tantra. Disponível em:
https://www.facebook.com/posthumantantra/about_details?locale=pt_BR
Acesso em: 27 nov. 2023

A descrição do Perfil reforça o apelo ao universo onírico (“delírio sonoro”) e à transcendência temporal (“pós-humana”) em que se entremisturam “novas criaturas” dos diversos reinos (animal, vegetal e humano) assim como as máquinas. O perfil também dá destaque especial, com efeito de grandiosidade, a Franco, apresentado como “o homem por trás do projeto”; esta expressão é bastante comum quando se deseja salientar que por trás de algo grandioso (uma lenda, um mito, uma máquina potente, uma ideia genial...) há uma pessoa, um ser humano, conhecidos que somos por nossas imperfeições. A ideia de novidade e ineditismo é também reforçada: artista que desenvolveu experimentos ritualísticos sonoros, que ele nomeou de *Sci-fi Ambient Ritual Experimental* (ambiente sonoro experimental ritualístico de ficção científica).

Chama a atenção também o fato de que especifica não apenas “Edgar Franco”, mas “Edgar Franco, o Ciberpajé”, fazendo referência ao seu ser já transmutado.

O seu avatar, na foto do perfil, apresenta-se como Ciberpajé híbrido, homem e máquina. O artista faz uma abordagem de Ascott, este pesquisador propõe a divisão da mente atual em um triângulo de três polos que ele chama de “Três RVs: “Realidade Virtual”, “Realidade Validada” & “Realidade Vegetal” (Ascott, 2003, p. 277 apud Franco 2017, p. 47):

Ascott explica que a “Realidade Virtual” envolve toda a ontologia da telepresença, da imersão sensorial e conectividade imaterial telemática; enquanto a “Realidade Validada” representa nossa experiência diária, a ortodoxia do senso prático comum que tem base no pensamento euclidiano que nos leva a rejeitarmos os princípios da física quântica e do misticismo oriental; já a “Realidade Vegetal” refere-se aos estados de percepção aguda (insights) conhecidos há milênios pelos xamãs e ainda poucos difundidos no mundo ocidental, estes insights têm um poder amplamente visionário.

E por ser um artista transmídia, as performances “cíbridas”⁴¹ são multimídia com recursos de realidade aumentada (RA), para encenar as mutações de Edgar Franco (o Ciberpajé) nos palcos. E há o trabalho de ensaio fotográfico, associado aos videoclipes que são produções independentes, segundo o artista, filmados e editados com tecnologia digital, que estão conectados aos aspectos do universo ficcional da Aurora Pós-Humana. Vejamos o avatar com a imagem sem recortes:

41. Segundo o artista, o uso de efeitos computacionais em realidade aumentada confere um caráter “cíbrido” às performances, criando os chamados ambientes cíbridos -- que integram simultaneamente o real e o virtual (Franco, 2023).

Figura 25 – Avatar Ciberpajé em Performance do Posthuman Tantra na UFU, campus Ituiutaba-MG



Fonte: Arth Silva (2014). Disponível em: <https://marcadedfantasia.com/livros/quadrinhospoeticos/conversas-ciberpaje/conversas-ciberpaje.pdf> . Acesso em: 27 nov. 2023

Diferentemente dos perfis anteriores, neste temos uma perspectiva de demanda (pois o personagem representado faz contato visual com o espectador, demandando maior envolvimento) em plano médio. O ângulo vertical baixo (*contra-plongée*, contra mergulho, de baixo para cima) aqui também é mais acentuado em relação a outros perfis apresentados. Quanto à metafunção composicional, na categoria de valor informacional, o fato de o Ciberpajé aparecer ao centro da imagem também lhe confere mais poder já que está colocado como o centro da informação.

O Ciberpajé aparece na base da página e este uso do espaço real confere informações mais realistas, como se fosse real a hibridização homem-máquina. Como ele aparece em relação ao tamanho grande na imagem, denota a categoria de saliência.

O contraste também se apresenta como um recurso de saliência, as cores preto, verde e vermelho chamam a atenção. A perspectiva é de primeiro plano e os elementos da composição são representados

através do figurino do artista como uma unidade integrada, estabelecendo uma relação de informações conectadas ao universo transmídia do artista.

O braço “mecânico” com fios e plugues p10⁴² é expressão simbólica que faz referência à cibercultura, placas de vídeo interconectados com o corpo humano: “vestindo um braço confeccionado com brim e placas de circuito rebitado em toda a sua extensão” (Silva, 2019, p. 104), entendemos essa indumentária como índice de instauração da cenografia, numa referência ao universo ficcional do artista na Aurora Pós-Humana, uma era futura “enquanto milhares de pessoas abandonariam seus corpos orgânicos para novas interfaces robóticas” (Franco, 2016, p. 34). Estes plugues também remetem aos cintos de balas, muito usados no âmbito do metal extremo, assim como a armadura, compondo uma estética rústica.

E também em uma relação de “conexão” com o universo ficcional da Aurora Pós-Humana e o nome Posthuman Tantra, nas palavras de Silva (2019, p. 105) “apresenta esse paradoxo poético curioso, relacionado à questão dinâmica energético-sexuais tântricas das criaturas híbridas pós-humanas, a questão ficou ainda mais explícita depois dos figurinos”.

Do ponto de vista artístico, essa imagem do Ciberpajé híbrido, que tem o olhar direto ao espectador, temos uma postura de transgressão em relação às demais imagens de avatares.

Essa relação do artista com os novos modos de se fazer arte é constantemente tematizada por ele mesmo. Edgar Franco (2010, p. 103) observa, por exemplo, que

a arte conceitual foi importante nesse contexto de retomada da pluralidade e o desenvolvimento tecnológico aos poucos está

42. Para Silva (2019, p. 101) ao pensar a introdução dos plugues p10 “poderia corresponder a ideia de reconexão, que não nega a tecnologia, mas sim os aspectos monetaristas que atravessam o avanço das tecnologias como as energias limpas e renováveis”.

permitindo uma reintegração, pois a aceleração tecnológica que resultou na criação do computador pessoal e dos “softwares intuitivos” na década de 1980 e na consolidação da rede Internet durante os anos 90, aponta para um horizonte anticartesiano. Uma possível ruptura com o crescente processo de superespecialização das artes que dominou os séculos XIX e XX.

Dessa forma, no avatar performático há demonstrações de uma percepção visual do texto. Para Paveau (2021, p. 337), “a imagem apareceria, então, como uma forma legítima do texto e poderíamos dizer sobre o texto” e podemos falar de uma enunciação material visual: material porque ela passa pela elaboração programável dos tecnografismos, e visual porque a imagem é predominante ao texto, ao menos pelo formato de circulação.

Segue a imagem de capa do perfil:

Figura 26 – Capa do perfil do Facebook da banda Posthuman Tantra em “10 anos de Pós-humanidade”



Fonte: Ciberpajé, 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=527921942666834&set=a.527921869333508&locale=pt_BR
Acesso em: 27 nov. 2023

Essa imagem dispõe o acervo da banda performática *Posthuman Tantra*, o artista faz um tributo pela gravadora inglesa 412 Recordings e comemora os 10 anos de banda *Posthuman Tantra* no ano de 2014, com uma produção que ultrapassou as 30 horas de música, com CDs, DVD, fitas K7, cards, chaveiro, camiseta. A máscara à esquerda da imagem (como se fosse um crânio de um animal, com plugins, fios e placas de vídeo), enquanto elemento simbólico, faz referência ao CD *Lúcifer Transgênico*.

Para Franco (2014), a *Posthuman Tantra* foi a primeira banda de dark ambient brasileira a assinar com um selo Europeu, a Legatus Records da Suíça. Em seus shows — que já passaram por 4 regiões brasileiras — a banda utiliza, de forma pioneira, efeitos de realidade aumentada, aliados a interações com vídeos, mágica eletrônica e performances teatrais.

Nota-se uma tendência contínua, isto é, há um costume de criar edições especiais, como a caixa comemorativa de 18 anos do grupo *Posthuman Tantra — Pissing Nanorobots*. Nesse sentido, a edição comemorativa estabelece uma relação não apenas como uma revisitação da obra, mas como forma de validação da produção artística, possuem uma tiragem limitada, com brindes exclusivos, mostram trabalhos lançados por gravadoras e selos de países como Suíça, Inglaterra, França, Austrália, Japão e Brasil, toda essa forma de criação artesanal confere um caráter de exclusividade e valorização, para além disso, enriquece a narrativa artística e constitui seu arquivo.

Agora iremos avançar em outro perfil do Ciberpajé na rede social digital X (o antigo Twitter). Ali, o nome de usuário é Ciberpajé e a foto do perfil, o seu avatar, corresponde a uma fotografia que foi tirada no evento *II Colóquio de Filosofia e Quadrinhos*, na UFRJ/RJ. Vejamos a perspectiva da fotografia em tamanho original:

Figura 27 – Perfil Ciberpajé no X (antigo Twitter)



Fonte: Perfil @ciberpajé no X. Disponível em: <https://x.com/ciberpaje?t=7qaYN3qY5lwnTs39wVty4A&s=09> . Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 28 – Avatar Fotografia Ciberpajé no evento “II Colóquio de Filosofia e Quadrinhos” da UFRJ/RJ (2012)



Fonte: Perfil @ciberpajé no X. Fotografado por Fabio Bola. Disponível em: https://pbs.twimg.com/profile_images/1461314878577258498/9kgEDT3C.jpg . Acesso em: 24 nov. 2023

Assumindo a metafunção interativa da imagem como ponto de partida, o contato é, mais uma vez, de oferta, pois seu olhar está para a direita (na perspectiva dele), não estabelecendo uma relação visual com o espectador. O ângulo 3/4, que se encontra entre o frontal e o lateral, é muito usado em cenas com mais de uma pessoa, como em diálogos, por exemplo (no caso trata-se de um evento acadêmico). A possibilidade de recuperar esses elementos (a cadeira de madeira com detalhes em dourado, nos remete às cadeiras clássicas, de luxo) permite a instauração de uma cenografia acadêmica, como em uma mesa redonda ou banca de arguição. Este ponto parece particularmente interessante na medida em que é este o primeiro perfil em que temos uma cenografia (mais especificamente, a topografia) com apelo ao universo acadêmico em redes sociais. Mais que isso: embora na perspectiva de oferta, a imagem evoca um contexto dialogal, ausente nos demais avatares. Tudo isso parece deixar ainda mais borrada a fronteira entre as figuras do artista e do acadêmico.

Quanto à distância, o artista está no plano médio, a imagem o retrata da cintura pra cima, a mão apoiada no queixo remete a uma imagem de reflexão. Aparecem ainda na imagem a cartola vermelha, as mãos com inúmeros anéis, colares e a camiseta com a imagem de lobo: adereços que apontam para a figura do Ciberpajé:

[...] É uma indumentária simples, mas que investe totalmente em aspectos simbólicos, cada elemento tem um significado poderoso, cada anel, os tênis/coturnos de cores trocadas, os colares, pulseiras, a cartola, o preto, as camisetas com estampas lupinas. Tudo se une para mim e traduz signos não verbais que eu considero fundamentais para uma compreensão mais efetiva do que sinto em relação ao mundo e à vida. Sou um pós-doutor muito fora dos padrões, extremamente crítico das estruturas universitárias e com a coragem para assumir-me como criador e pensador em um meio onde quase todos são reprodutores de pensamentos importados (Franco, 2019, p. 240).

Ao afirmar, “Sou um pós-doutor muito fora dos padrões, extremamente crítico das estruturas universitárias”, o enunciador confere uma transcendência, legitimando-a e o coloca em um patamar superior ao acadêmico. Entretanto, com certa frequência, o artista retoma a si mesmo com uma descrição detalhada de todos os títulos acadêmicos que recebeu. Trata-se de um discurso dotado de um estatuto singular, que Maingueneau (2018, p. 61) descreve como “zonas de falas entre outras falas que se pretendem superiores a todas as outras”.

Já no que tange ao uso da Cartola vermelha, é o próprio Ciberpajé quem relata:

A cartola vermelha é mais chamativa e resgata outra imagem pregnante do sincretismo brasileiro, certos exus usam cartola vermelha, e certas imagens iconográficas de demônios também, então seu significado de ruptura é ainda mais intenso. Ela é mais provocativa, mais intensa, ela atende às necessidades simbólicas e ocultistas da imagem do Ciberpajé (Franco, 2019, p. 37).

Observemos a seguir a imagem de capa do perfil do Ciberpajé da rede social X.

Figura 29 – Capa do Perfil @Ciberpajé no X: “Saudando a Morte”



Fonte: Capa do Perfil @ciberpajé no X. Disponível em: https://pbs.twimg.com/profile_banners/1461314646841962502/1637349684/1080x360 Acesso em: 23 nov. 2023

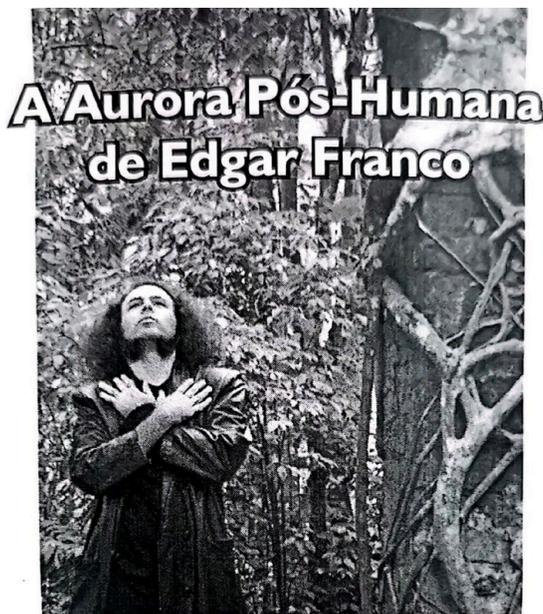
Trata-se de um autorretrato, com o título artístico “Saudando a Morte”, do ano de 2021. O Ciberpajé está ao centro da imagem com os olhos fechados ou semi-cerrados, não é possível precisar, e a cabeça voltada para cima, em um ângulo frontal; o fundo da imagem (o cenário borrado, distorcido pelo tratamento da imagem com rede neural e uso de inteligência artificial) evoca o período pandêmico e estados mentais com enteógenos estimulantes, conforme analisado anteriormente.

O fotógrafo estabelece um enquadramento de plano médio, mostrando a ação de saudação (expressa inclusive no título), com os braços entrelaçados, formando um x, e com as mãos abertas, sinal este que significa um abraço (em LIBRAS).

A imagem de capa traz a assinatura do artista Ciberpajé, e possui uma tipografia toda trabalhada com letras bastante estilizadas, esse trato com a letra ocorre de forma mais orgânica e pessoal, associado a algo autoral, a marca do artista, as formas são arredondadas, de algo mais acolhedor, suave, orgânico, feminino e estão muito associadas às formas da natureza em si (o sol, a lua, nosso planeta terra, as montanhas, frutas, alguns legumes). As letras se apresentam conectadas, possuem formas irregulares, e expressam rebeldia, o caos, aquilo que é espontâneo, criativo.

Vejam os a imagem original que serviu como base para a inteligência artificial e o artista:

Figura 30 – A Aurora Pós-Humana de Edgar Franco



Fonte: Revista *Top Top* n. 25. Marca de Fantasia, ano 2009

Para Martínez (2011, p.50), “o corpo é o nosso bilhete de identidade, mas também um recipiente de informações, é o abrigo das nossas sensações mais humanas, o eixo da nossa alma”⁴³. O corpo representado nesta fotografia do Edgar Franco (antes de sua declaração de Ciberpajé) foi tirada (como foto de cena) do primeiro videoclipe intitulado “The Master of the Alien Werewolves’Clan”.

Segundo Franco (2009, p.19), o trabalho foi uma produção conjunta Brasil-Alemanha e foi dirigido pelo bavariano Christian Rengstl e sua esposa Ariadne. O clipe⁴⁴ conta com locações especiais e um clima tétrico-mágico, com influências do expressionismo alemão & b-movies da produtora inglesa Hammer.

43. No original: El cuerpo es nuestra tarjeta de identidad, pero también contenedor de información; es el albergue de nuestras sensaciones más humanas, eje de nuestras proyecciones más subterráneas, aquellas que nos habitan y que están, pareciera, en el universo más lejano de nosotros mismos. (Martínez, 2011, p. 50)

44. Franco, E. Posthuman Tantra - The Master of the Alien Werewolves' Clan.Youtube.4 jan.2008. Disponível em: <https://youtu.be/xErqQhhdFoY?si=W8kDUGIzI9AdfHd7>. Acesso em: 24 dez. 2023.

Assim, um contexto que é espacial e temporal ao mesmo tempo embutido na imagem (2009) borrando as fronteiras do pré-digital e digital, visto que essa fotografia se reatualiza em 2021 em um momento pandêmico e hibridiza com a máquina através da IA e do artista. Com um processo de texturização, colorização da IA, as distorções oníricas também sob efeito da IA, no entanto, alguns traços da fotografia antiga permanecem, como a imagem de Edgar Franco e as raízes das árvores que são salientes nas duas imagens.

Além das redes sociais, a plataforma Youtube também conta com um canal chamado “Edgar Franco”. O canal do YouTube — plataforma que permite a criação e o consumo de conteúdos em vídeo via streaming — utiliza o mesmo avatar que o perfil do X (Twitter), mas a foto de capa é outra (Figura 41). Mas, no X, o nome do perfil é Ciberpajé, enquanto no YouTube é Edgar Franco. Vejamos.

Figura 31 – Perfil do Canal Edgar Franco do YouTube



Fonte: Canal Edgar Franco do YouTube.
Disponível em: <https://www.YouTube.com/@edgarfranco8644>
Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 32 – Descrição do Perfil do canal Edgar Franco do YouTube



Fonte: Descrição do perfil do canal Edgar Franco do YouTube.

Disponível em: <https://YouTube.com/@edgarfranco8644?si=MwR6odrILZWSbZ23>

Acesso em: 24 nov. 2023

A imagem de capa do canal do YouTube Edgar Franco apresenta um componente iconotextual oriundo do trabalho do artista intitulado Trilogia Kelemath:

Surgiu então o conceito da Trilogia Kelemath, um extenso trabalho de criação musical e de imagens que levou dois anos para ser desenvolvido. Uma trilogia composta por três boxes, cada uma delas incluindo três CDs musicais e ainda cards e adesivos especiais e exclusivos, lançados na França. O conceito que gerou a trilogia foi inspirado na Aurora Pós-Humana de Edgar Franco, e trata de uma invasão alienígena à Terra durante um período de grande avanço tecnológico do planeta e também enorme deterioração da moral e caráter humanos. A raça extraterrestre híbrida provinda de Sirius -- do planeta Kelemath, chega à Terra com o objetivo de destruir por completo a espécie humana e as subespécies extropiana e tecnogenética. A saga contada nos

três boxes por meio da música criada pelas bandas dura mais de nove horas e conta com mais de 20 cards exclusivos criados por Edgar Franco para ilustrar a invasão, com criaturas alienígenas e imagens simbólicas da dominação. A terceira caixa conta ainda com um vídeo de 30 minutos composto com imagens que Edgar Franco e Legeune Ludovic criaram para a saga (NARANJO, Marcelo. Edgar Franco lança música e ilustração na França. UAHQ. 16 ago. 2006. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/edgar-franco-lanca-musica-e-ilustracoes-na-franca/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Essa ilustração híbrida que compõe a capa do perfil do YouTube Edgar Franco também aparece na cenografia digital do seu blog: *A arte do Ciberpajé!* Como expõe Maingueneau (2015, p.162), uma cenografia digital que reveste a cenografia propriamente verbal: ela será ao mesmo tempo uma imagem na tela, um suporte de operações (por exemplo pode-se clicar em determinada palavra ou grupos de palavras), um constituinte da arquitetura do site do qual ela figura.

Nessa perspectiva, trata-se do mesmo componente iconotextual. Sob o ponto de vista de Maingueneau (2015, p. 164),

na Web, o recurso a um hipergênero ou a determinada cenografia está longe de ser insignificante. Pelo contrário, permite dar sentido à atividade de comunicação, instaurando uma relação entre os parceiros da comunicação, e tais escolhas são sintomáticas de determinada configuração social.

Assim, temos uma cenografia que mobiliza recursos multimodais (imagem fixa ou móvel, som). E muitas vezes, as cenografias que se desenvolvem no quadro do hipergênero (o blog) algumas rotinas se instalam como a repetição do componente iconotextual (blog e Youtube), e possui uma textualidade planejada (na qual a fala é regida por um dispositivo prévio). Pois são trabalhos criados e recriados, publicados em revistas e republicados na internet, às vezes uma imagem reporta a uma capa de cd, e ao mesmo tempo está em uma exposição enquanto

obra de arte. Mas também possui uma textualidade navegante, marcado pelas escolhas do leitor durante a navegação.

Figura 33 – Capa do perfil do canal Edgar Franco do YouTube – Imagem “Trilogia Kelemath”



Fonte: Franco, 2004. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/edgar-franco-lanca-musica-e-ilustracoes-na-franca/>. Acesso em: 24 nov. 2023

Esta imagem também faz referência a uma exposição que foi realizada na Galeria da Faculdade de Artes Visuais-FAV-UFG que ocorreu de 28 de maio a 09 de julho de 2014. Intitulada *Biobot Sex Tantra* alia desenhos híbridos criados por Franco à música de sua banda performática Posthuman Tantra. Imagens e música exploram aspectos tecnognósticos e tecnofetichistas amplificados com base na interconexão acelerada entre o ser humano e as novas tecnologias (Franco, 2014). A imagem com cores híbridas, tons de marrom, preto, dourado e vermelho remetem à natureza e à terra, as diversas esferas fazem alusão ao espaço, a imagens espaciais⁴⁵.

45. Outros trabalhos do Edgar Franco nesta mesma perspectiva aparecem como: *The Earth Puzzles... Pieces of crashed humankind*; *Trans Biomorphs Necronomicon*; *The Last Cosmic Shaman*; *Aforismo II Cura Cósmica*.

Sob o ponto de vista de Heller (2000, p. 256) O marrom, como sistemas de cores mais escuras, é, junto com o preto, a principal cor do ruim e do mal. O apodrecimento gera a cor marrom, por isso essa cor é, em sentido real e simbólico, a cor da decomposição e do intragável. Na natureza, é a cor do que está murchando, definhando, é a cor do outono.

O artista faz uso da técnica de grafite e software gráfico. O resultado final permite vislumbrar o formato de borboleta que, como visto, é um elemento crucial na construção artística de Edgar Franco (Ciberpajé).

Também aí tem-se a instauração de uma cenografia assentada sobre o tempo e espaço da Aurora Pós-Humana, um futuro com seres humanos e seres extropianos, que são, de acordo com o artista, “organismos pós-humanos e abiológicos, resultado do transplante da consciência humana para chips de computador”, além de seres tecnogenéticos, “frutos da hibridização entre humanos, animais e vegetais, permitida pelo avanço da biogenética” (Franco, 2013).

A imagem é parte, portanto, de uma saga de invasão alienígena ao planeta Terra, em um momento “de grande avanço tecnológico do planeta e também enorme deterioração da moral e caráter humanos”, com a intenção de destruir por completo a raça humana e as subespécies. A impressão que fica é a de que os seres serão engolidos, que os personagens estão se diluindo, ou mesclando, em meio à escuridão e às trevas.

A seguir vejamos o perfil do canal do YouTube da Banda Performática *Posthuman Tantra*.

Figura 34 – Perfil do Canal da Banda Performática *Posthuman Tantra* do YouTube



Fonte: Perfil do Canal da Banda Performática *Posthuman Tantra* do YouTube. Disponível em: <https://www.YouTube.com/@posthumantantra>. Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 35 – Descrição do perfil do canal do YouTube da Banda Performática *Posthuman Tantra*



Fonte: Descrição do canal do YouTube da Banda Performática *Posthuman Tantra*. Disponível em: https://YouTube.com/@posthumantantra?si=uVQfW_guycdKFuSu. Acesso em: 21 nov. 2023

Figura 36 – Avatar Fotografia de Edgar Franco (Ciberpajé) Por Daniel Rizoto



Fonte: Franco (2018). Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10156559739196427&set=pb.550131426.-2207520000&type=3&locale=pt_BR. Acesso em: 24 nov. 2023

O avatar da banda performática Posthuman Tantra no canal do YouTube é uma fotografia feita por Daniel Rizoto. A perspectiva de contato é a de oferta, o Ciberpajé olha para sua direita (na perspectiva dele). O ângulo oblíquo, ou seja, de perfil, faz com que a linha do olhar não tenha contato visual com o espectador, que se apresenta como observador.

O Ciberpajé está vestindo um sobretudo preto de couro vegetal, uma camiseta preta, alguns colares, e usando uma cartola vermelha, ou seja, está em seu traje mais conhecido. Aqui ganha destaque, inclusive pela iluminação, a barba volumosa do artista, cuja simbologia para o masculino, de acordo com O’Connell e Airey (2010), “representa dignidade, soberania, virilidade e sabedoria”. Aspectos que Chevalier (2003) reforça: “a barba é símbolo de virilidade, de coragem e sabedoria”.

A imagem de capa, por sua vez, apresenta certa semelhança com aquela do YouTube de Edgar Franco, já que apresenta o mesmo conceito da obra *Trilogia Kelemath*. Ela foi recortada, fazendo referência à ex-

posição de pinturas híbridas da série Crepúsculo Pós-Humano; integra um projeto de que fez parte o Ciberpajé, a saber: *Exposição Artes: do interior para o interior*, divulgado em seu blog em 20 de junho de 2014.

Os seres híbridos representados na capa são do tipo tecnogenético radical, segundo o artista:

Os radicais avançaram para uma forma de hibridização que chamam de totêmica ou mítica, incorporando as características de apenas um animal ou mito imemorial que elegendem como seu totem. Com isso, resgatam mitos e arquétipos tradicionais, como os gregos Centauro, Minotauro, Sereia e Ciclope, e os hibridizam até imitarem integralmente sua forma física (Franco, 2016).

As cores escuras (o preto, marrom, dourado, vermelho) criam uma aura de escuridão, com forte presença de tons terrosos, em que o artista trabalha com as obscuridades.

Para Heller (2000, p. 146) Preto-vermelho-marrom é o acorde da violência e da brutalidade.

Figura 37 – Capa do perfil do Youtube da Banda Posthuman Tantra – Imagem da série Pinturas Híbridas intitulada “Crepúsculo Pós-Humano”

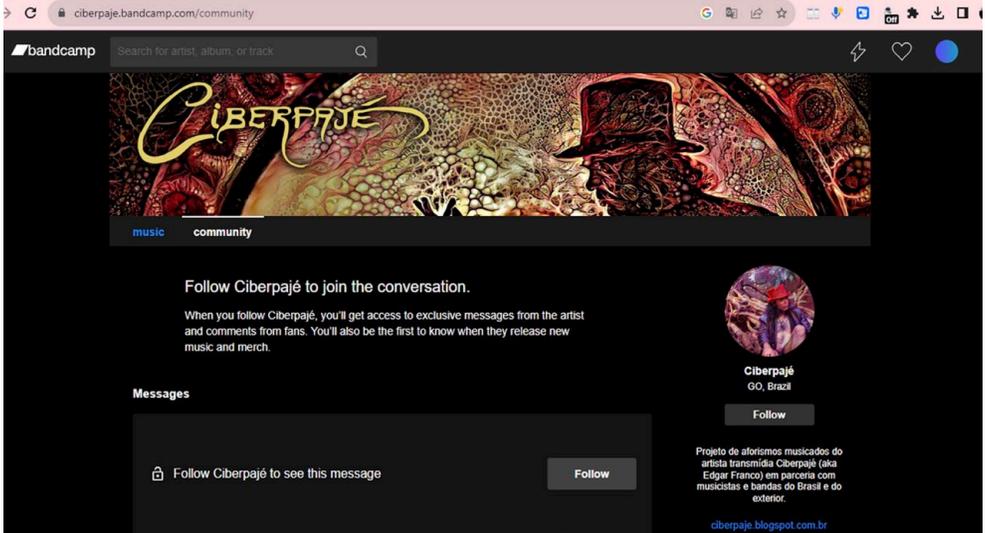


Fonte: Franco, 2014. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10152479788351427&set=a.10150796959766427&locale=pt_BR
Acesso em: 21 nov. 2023

2.2.2. Plataformas

Observemos agora o perfil da plataforma online Bandcamp.

Figura 38 – Perfil Ciberpajé no BandCamp



Fonte: Perfil do Ciberpajé no BandCamp. Disponível em: <https://ciberpaje.bandcamp.com/>
Acesso em: 15 nov. 2023

A fotografia de capa do Bandcamp, segundo o artista, foi feita “em técnica que mixa grafite à texturização com I.A. e redes neurais computacionais”, e compõe uma série de imagens que foram realizadas para a divulgação do videoperformance *Aforismo Desintegração*⁴⁶ para o evento *Carnival Dark Online Festival 2021*, um festival internacional de música darkwave. O referido aforismo está conectado ao momento vivido pela covid-19, conforme a letra abaixo:

A desintegração é inevitável. Tudo se esvai, escorre pelos dedos, vaza pelos becos, some nos esgotos, volatiliza-se para as estrelas. Tudo

46. Franco, E. Aforismo A Desintegração (Videoperformance). 17 fev. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/28zFfsNHQeE> Acesso em: 10 de nov. 2023.

que tem vivacidade apodrece. Tudo que tem bom odor um dia fede. Sonhos despedaçam-se de imediato com uma porção de chumbo lançada ao coração. Sinta o fedor adocicado e intenso da podridão. Tudo foi em vão no jogo sórdido da eterna mutação. Seu sorriso tem sabor de sangue coagulado. Seu choro lança lágrimas de fel ao léu. A árvore frutífera foi lancinada pelo raio, o útero fértil foi trespassado pela lança afiada do tempo. A existência obscurece a glória etérea e sublime do nada, jamais esperada, mas certa. Ao louco resta a gargalhada, ao covarde o gatilho da arma, ao Lobo o reflexo da Lua na lança, na faca e na espada! Nada!Nada! Nada! (Franco, 2020).

A imagem de capa está de perfil, ângulo oblíquo para o lado direito (da perspectiva dele). Ele estabelece contato de oferta, visto que não tem contato da linha do olhar com o espectador, e este por sua vez novamente como observador da obra do artista.

A texturização e colorização (as cores vermelho, marrom, preto, dourado) são trabalhadas para gerar essa impressão de carne putrefeita, escarificação, o horror. Alguns trabalhos do Ciberpajé apresentam esse mesmo conceito, como no ep *Reino Devastado*, ep *Vulvaláxia*, ep *covid 666*, e o cartaz de participação no *Festival Necrocarne*.

A seguir, a foto original, que serviu como base para a inteligência artificial.

Figura 39 – “Diante do Sol” no diorama do Sistema Solar do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC/RS (2014)



Fonte: Fotografia da IV Sacerdotisa Danielle Barros. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=740983019326126&set=a.131358698993138&locale=pt_BR
Acesso em: 26 nov. 2023

Observemos a imagem que foi trabalhada pela inteligência artificial, recortada pelos moldes da Plataforma Bandcamp a seguir:

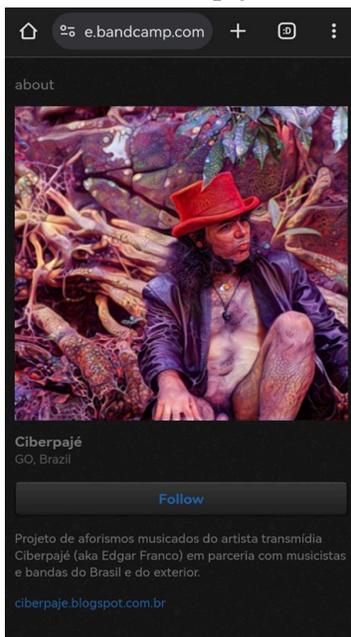
Figura 40 – Capa do Perfil do BandCamp



Fonte: Ciberpajé (2021). Disponível em: <https://ciberpaje.bandcamp.com/>
Acesso em: 26 nov. 2023

O trabalho com inteligência artificial pelo artista é algo experimental, perpassa processos manuais, muitas vezes tendo como base uma fotografia (real) ou um desenho do artista, objetos, desenhos a grafite antes da aplicação das texturas finais; trata-se, assim, de múltiplos experimentos visuais em redes neurais.

Figura 41 – Avatar Ciberpajé no BandCamp



Fonte: Perfil do Ciberpajé no BandCamp.
Disponível em: <https://ciberpaje.bandcamp.com/>
Acesso em: 15 nov. 2023

Já a imagem do perfil faz referência a uma fotografia feita por Daniel Rizoto, que compõe o ensaio fotográfico *Águas Eternas* e o videoclipe⁴⁷ *Aforismo I*, gravado em 26 de dezembro de 2016, intitulado *Cura Cósmica*⁴⁸, gravado com a participação do seu pai, Dimas Franco. O vídeo foi filmado no local chamado de “Cachoeirinha”, nos arredores do município de Ituiutaba-MG, terra natal do Ciberpajé.

Nas palavras do artista,

O videoclipe explora aspectos conceituais do ideário do Ciberpajé, sobretudo a chamada Reconexão Cósmica, a redescoberta de nossa essência primal animal e da necessidade de nos sentirmos como parte integrante do complexo sistema sinérgico e simbiótico Gaia. Também trata da reverência à vida e a tudo que nos gerou, sendo uma singela homenagem do Ciberpajé ao seu pai, o Granciberpajé Dimas Franco, que recita o aforismo na obra e é também convidado especial no vídeo (Franco, 2017).

O aforismo recitado por Dimas Franco é como segue: *A batida do meu coração dita o ritmo das mutações e da eterna renovação cósmica* (Franco, 2017).

47. Franco, E. Aforismo I. Youtube. 2 jan. 2017. Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=EhR_x9gDoQk Acesso em: 24 nov. 2023.

48. “Meu pai tinha sido diagnosticado com câncer de próstata, isso em 2017. E eu entrei em um drama muito complexo, aquilo para mim já tinha um impacto muito grande. E eu comecei a correr junto com ele, buscar alternativas de cura, que não fosse apenas a medicina alopática, sem abandonar a medicina alopática. Meu pai era um pouco hipocondríaco, e ele não queria abandonar, meu pai tinha essa percepção da possibilidade de outros processos e aí agente começou a buscar essas coisas juntos. Meu pai topou se tornar vegetariano, com 77 anos de idade, muitas transformações na vida dele. É incrível, porque ele conseguiu zerar o PSA da próstata dele. Quando ele foi fazer a primeira sessão de radioterapia ele já havia zerado. Não tinha mais sinais do câncer. Isso com dieta, outras técnicas alternativas de cura que nós fomos utilizando. Uma das técnicas foi a criação desse EP, a música é do Projeto Ciberpajé, do Posthuman Tantra. E meu pai foi convidado. E ele recita com a voz dele 3 aforismos que escrevi para ele. Sigilos Mágickos de transmutação. Não só pra ele. O nome do EP é Cura Cósmica. O objetivo não era só a cura dele. Era uma conexão com essa imagem cósmica holográfica que está dentro da gente, para que a gente chegue a essa cura. [...]” (Franco. Deu Merda 58-Ciberpajé- Lançamento da HQ Renovasceno. Youtube. 2. mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lsmoRlpyMpQ> Acesso em 13 set. 2024).

Figura 42 – Aforismo I: Ciberpajé & Posthuman Tantra



Fonte: Fotografia Daniel Rizoto. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=aforismo+I> .Acesso em: 13 set. 2024

O vídeo *Aforismo I* encena uma troca energética entre o Edgar Franco e seu Pai Dimas Franco (sinalizada na troca de um anel) em busca do processo de cura. O tema do EP. de acordo com Franco (2017) “é o nosso poder interior de autocura através da reconexão com nossa dimensão natural e cósmica”.

Um trecho que compõe a descrição do vídeo nos chama atenção: “clipe totalmente D.I.Y, contou com a equipe formada pelos amigos Anésio Neto (Doutorando em Artes pela UnB), Daniel Rizoto (Mestrando em artes pela UFU) e Diogo Vilela (doutorando em biologia pela USP)”. O clip é fruto do ‘do it yourself’ (faça você mesmo), em um ambiente natural, com montanhas e cachoeira (marcado por um espaço fora da academia) no entanto é realizado na colaboração com

amigos e, para além disso, não deixa de mencionar as credenciais acadêmicas dos amigos.

Este espaço natural marcado por montanhas e cachoeira são espaços fracamente tópicos, que alimentam o trabalho de criação. Temos assim, uma paratopia marcada pelo afastamento geográfico.

Para Georges (2013),

uma metáfora para o Skin-Ego é construída em *Silent Hill 4*. O Skin-Ego é uma metáfora desenvolvida por um psicanalista, Anzieu (1985). Este último define esta noção como uma pele para o pensamento, uma membrana dupla face, uma das quais, voltada para a realidade física e social externa, constrói uma barreira protetora que filtra a informação, enquanto a outra, voltada para o interior, encerra e consolida a construção de um eu imaginário.⁴⁹

Nessa perspectiva, temos novamente o avatar performático, que traz a natureza como uma segunda pele. A imagem passa por um processo de texturização (como se fosse uma membrana) e colorização utilizando a inteligência artificial, como já citado anteriormente, no que se refere a esse tratamento da imagem.

O contato é, uma vez mais, de oferta, pois o Ciberpajé não olha para o espectador, a linha do seu olhar está para sua esquerda (na perspectiva dele), um olhar para o horizonte, de contemplação, sua face levemente em um ângulo oblíquo, de perfil.

Chama a atenção o fato de ele estar seminu, vestindo um sobretudo preto (de couro vegetal) e uma cartola vermelha, e alguns colares. A imagem possui um enquadramento de plano geral (é possível ver o personagem quase de corpo inteiro e o ambiente em que está). A nudez, po-

49. No original: une métaphore du Moi-Peau se construit dans *Silent Hill 4*. Le Moi-Peau est une métaphore développée par un psychanalyste, Anzieu (1985). Ce dernier définit cette notion comme une « peau pour la pensée », membrane à double face dont l'une, tournée vers la réalité extérieure physique et sociale, édifie une barrière protectrice qui filtre les informations, tandis que l'autre, tournée vers l'intérieur, enclos et consolide l'édification d'un soi imaginaire (Georges, 2013, p. 18).

rém, não parece tão transgressora se considerarmos a posição do corpo, que, diferentemente de outras imagens analisadas aqui, apresenta-se sentado. A fotografia vale-se de um ângulo normal (sem angulação ou inclinação) e estabelece uma relação igualitária entre os participantes na imagem. No caso, o Ciberpajé sobrepõe e se integra com a natureza, as raízes, as árvores, a terra, as pedras, e as plantas (as folhagens); tem elementos de composição que expressam uma unidade, se apresenta de forma conectada, integradas. A intensidade do foco, das cores, dos detalhes da textura implica uma sensorialidade à imagem.

Esta outra entrada nos leva ao perfil Ciberpajé no Spotify. Segue adiante a imagem do perfil:

Figura 43 – Perfil Ciberpajé no Spotify



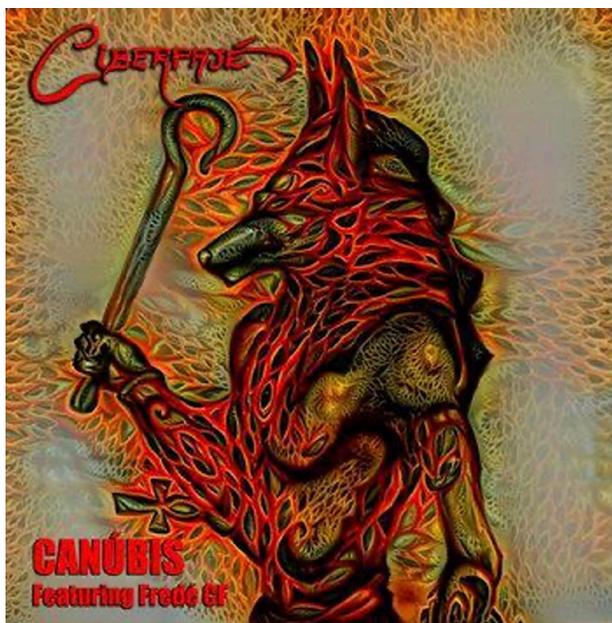
Fonte: Perfil Ciberpajé no Spotify. Disponível em: https://open.spotify.com/artist/5sIost2F5k8UmsIbvE2imK?si=tcVgmkOMQtKLxXw_oFsmCw
Acesso em: 21 nov. 2023

No Perfil do Spotify, o artista usa como foto do perfil a capa do CD *Canúbis*, do projeto musical Ciberpajé, em parceria com o musicista Fredé CF, fazendo referência ao deus grego Anúbis: “é um dos deuses egípcios, considerado o pai das múmias. Cabeça de chacal e corpo de

homem. Divindade muito representativa na mitologia egípcia” (Franco, 2022).

O EP *Canúbis* emerge de uma fusão do trabalho artístico *Cão Breu Pós-Humano* do Fredé-FC em 2019 com a participação de Edgar Franco e a parceria se repetiu em *Canúbis*. As palavras-valises como “Cão Breu”, “Canúbis”, e “Cannabis” funcionam como um trocadilho que produz múltiplas possibilidades de sentido. Vejamos a imagem do EP *Canúbis* em formato original:

Figura 44 – Avatar EP Canúbis (2022)



Fonte: Ciberpajé (2022). Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?update--max=2022-02-18T18:38:00-03:00&max-results=7&start=103&by-date=false>. Acesso em: 26 nov. 2023

Segundo o artista, a arte teve inspiração mágicko-psiconáutica e resgatou a figura de Anúbis em um contexto pós-humanista. O avatar aqui representado tem, como se observa, características humanimais.

2.2.3. Ampliando o corpus: espaços tipicamente acadêmicos

As análises deram ênfase para o modo de funcionamento dos avatares utilizados por Edgar Franco (o Ciberpajé) em redes sociais e plataformas que não se encontram fortemente vinculadas à esfera acadêmica, de modo que — embora tenhamos destacado algumas fronteiras que se borram ou certos processos recorrentes ligados à figura do artista e acadêmico —, não era possível chegar a conclusões muito definitivas acerca da construção do espaço enunciativo que materializa a difícil negociação entre essas duas posições que o processo de transmutação (cf. capítulo 3) deixava visível numa primeira abordagem do corpus e que havíamos formulado como hipótese de pesquisa. Nesse sentido, optamos por incluir no corpus da pesquisa dados relacionados mais de perto ao funcionamento do discurso acadêmico, como o currículo Lattes, as assinaturas de e-mails que tratassem de temas acadêmicos, as biodatas de artigos ou capítulos de livros, para ficar em alguns dos principais exemplos. Passemos, então, a esses dados.

2.2.4. Apresentação no Currículo Lattes de Edgar Silveira Franco

O primeiro dado que chamou nossa atenção nesse sentido foi o resumo publicado na abertura do currículo Lattes. A plataforma gera automaticamente um texto, mas ele é frequentemente personalizado pelos pesquisadores. Entretanto, não é tão comum que este texto tenha marcas autorais, digamos, muito marcadas, assumindo, via de regra, um caráter mais “técnico” de apresentação das atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico.

Já de partida, o texto resgata aspectos da infância de Edgar Franco — aqui ainda não é mencionada a transmutação em Ciberpajé, nem mesmo de forma parentética no nome do perfil —, destacando sua re-

lação com a arte: “Nascido a 20 de setembro de 1971, em Ituiutaba, Minas Gerais, a arte entrou cedo na vida de Edgar Franco. Aos 12 anos publicou sua primeira história em quadrinhos (HQ) em um fanzine, desenvolvendo um amor constantemente renovado por esta forma de expressão”. Incomum também nesse gênero discursivo a referência ao “amor” por uma dada forma de expressão, o que reforça a instauração de uma cenografia que extrapola o contrato do quadro cênico. O caráter memorial que constrói a cenografia a partir da qual o texto irá se desenvolver é também constitutivo da dimensão artística que vai se imprimindo na construção da negociação entre o acadêmico e o artista: nem o componente acadêmico é abandonado quando o artista emerge com mais força (como nas redes sociais apresentadas anteriormente, especialmente na textualização de si) e nem o componente artístico desaparece no espaço acadêmico (através, por exemplo, do estilo e do tom que emergem na cenografia). O texto informado destaca a formação acadêmica, os títulos, as premiações artísticas, cursos dentro e fora do país, o vínculo com agências de fomento à pesquisa. Os vínculos institucionais também vão ser recorrentes a cada perfil nas redes sociais, onde há uma inscrição de pertencimento às universidades, que aparece na escrita de si na imagem do perfil, possível de ser observado nas imagens inseridas anteriormente. Ao final, como fechamento, declara: “Também em 2011, através de uma série de ações performáticas transmidiáticas, declarou-se Ciberpajé, identidade que assume desde então”.

Figura 45 – Auto-Apresentação Currículo Lattes de Edgar Silveira Franco



Edgar Silveira Franco

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/8415486629956081>

ID Lattes: **8415486629956081**

Última atualização do currículo em 26/04/2023

Nascido a 20 de setembro de 1971, em Ituiutaba, Minas Gerais, a arte entrou cedo na vida de Edgar Franco. Aos 12 anos publicou sua primeira história em quadrinhos (HQ) em um fanzine, desenvolvendo um amor constantemente renovado por esta forma de expressão. Graduiu-se em arquitetura e urbanismo na Universidade de Brasília (UnB), onde iniciou suas pesquisas sobre a linguagem dos quadrinhos e suas conexões com a arquitetura. Anos depois o avanço dessa pesquisa veio resultar no livro História em Quadrinhos e Arquitetura, publicado pela editora Marca de Fantasia em 2004, com segunda edição lançada em 2012. Em seu mestrado em Multimeios na Unicamp estudou as HQs na Internet, batizando essa linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia de HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas), pesquisa que serviu como base para o livro HQtrônicas: Do Suporte Papel à Rede Internet editado em 2005 pela parceria entre as editoras Annablume e a FAPESP, com sua segunda edição publicada em janeiro de 2008. Em 2006 concluiu o doutorado em Artes na ECA/USP. Foi professor dos cursos de Ciência da Computação e Arquitetura e Urbanismo da PUC-MG (Unidade Poços de Caldas) durante 7 anos (2001-2008), atualmente é docente adjunto III da FAV - Faculdade de Artes Visuais da UFG - Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde também é professor permanente no Programa de Pós-graduação - Mestrado & Doutorado - em Arte e Cultura Visual. Como pesquisador nas áreas de arte e tecnologia, desenho e histórias em quadrinhos, possui diversos artigos publicados em livros e periódicos e tem apresentado suas pesquisas, há mais de quinze anos, em congressos como Intercom, Lusocom, Compós, Anpap e SBPC. Sua pesquisa de doutorado, Perspectivas Pós-Humanas nas Ciberartes, foi premiada no programa ? Rumos Pesquisa 2003? do Centro Itaú Cultural em São Paulo. Como ilustrador e cartunista possui dezenas de páginas publicadas em revistas do Brasil e exterior como: Quadreca, Brazilian Heavy Metal, Nektar, Metal Pesado, Quark, Fêmea Feroz, Ervilha, Mephisto (Alemanha), Dragon's Breath (Inglaterra), Ah, BD! (Romênia), além dos álbuns solo Agartha, Transsessência e Elegia, publicados pela Marca de Fantasia, e de BioCyberDrama Saga, em parceria com Mozart Couto, editado pela Editora UFG em 2013. Em 2009 ganhou o Troféu Bigorna, premiação nacional concedida aos melhores das histórias em quadrinhos brasileiras, o prêmio foi criado pelo notório portal de quadrinhos Bigorna (www.bigorna.net) - mais importante veículo informacional da web brasileira dedicado às histórias em quadrinhos nacionais. O trabalho premiado com o troféu foi a revista em quadrinhos Artlectos e Pós-humanos # 3. O trabalho de Franco como artista multimídia envolve também obras criadas para suportes hipermediáticos, entre elas as HQtrônicas Ariadne e o Labirinto Pós-Humano, que integrou a Mostra de Artes - Sesc SP/2005 ; NeoMaso Prometeu, menção honrosa no 13º Videobrasil - Festival Internacional de Arte Eletrônica (Sesc Pompéia/2001) e O Mito Ômega, web arte envolvendo vida artificial e algoritmos evolutivos. Também é mentor do projeto musical Posthuman Tantra com o qual realiza performances híbridas multimídia e que lançou em 2010 seu segundo CD oficial pela gravadora Suíça Legatus Records. Em 2011 concluiu o pós-doutorado em Artes no Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia. Desenvolveu a pesquisa Aurora Pós-humana: Expansão de um Universo Artístico Ficcional Transmídia no Grupo de Pesquisa Arte e Tecnociência, junto ao o Laboratório de Pesquisa em Arte e TecnoCiência, na FGA GAMA/UnB, como bolsista PDJ CNPq. Também em 2011, através de uma série de ações performáticas transmidiáticas, declarou-se Ciberpajé, identidade que assume desde então. **(Texto informado pelo autor)**

Fonte: Edgar Silveira Franco.

Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=6F9BE16E7AE6A58A3B8E922243B1799A.buscatextual_o.

Acesso em: 04 out. 2023

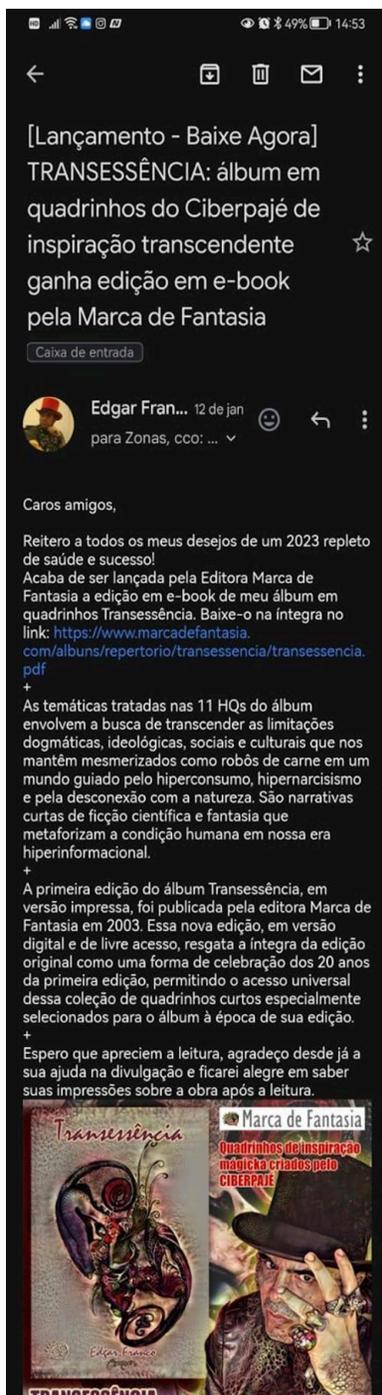
A imagem que se mostra aqui é o mesmo autorretrato que está no perfil das redes sociais Facebook Edgar Franco, Instagram Ciberpajé e no Threads Edgar Franco anteriormente analisados.

No Lattes, aparece pela primeira vez o sobrenome Silveira, seu nome artístico alterna, como se viu, entre Edgar Franco e Ciberpajé.

2.2.5. Assinatura do e-mail

Outro dado que buscamos foi a chamada assinatura do e-mail. A próxima imagem é de um e-mail enviado para divulgação de trabalho do artista, mas há dados que — por não termos autorização para divulgação não apresentaremos — mostram a mesma assinatura e fecho em contexto acadêmico. Vejamos.

Figura 46 – Captura de Tela do e-mail de Edgar Franco: Ciberpaje@gmail.com



Fonte: Organizada pela autora por meio de captura de tela do aplicativo gmail em smartphone. Data do screenshot: 01 dez. 2023

Figura 47 – Captura de Tela do e-mail de Edgar Franco Ciberpajé@gmail.com



Fonte: Organizada pela autora por meio de captura de tela do aplicativo gmail em smartphone. Data do screenshot: 01 dez. 2023

O e-mail, sob o ponto de vista de Maingueneau (2015, p. 172), tem a ver ora com uma lógica de troca, ora como uma lógica de postagem. O nome vinculado ao e-mail é Edgar Franco, o corpo do seu e-mail, contudo, é ciberpajé@gmail.com, essa vertigem de pessoa também ocorre na plataforma GMAIL.

O conteúdo do e-mail acima é uma divulgação de um relançamento, agora digital, pela editora Marca de Fantasia do álbum em quadri-nhos *Transessência* em comemoração aos 20 anos desta publicação. Sua primeira versão foi impressa pela mesma editora, no ano de 2003, obra assinada pelo artista Edgar Franco. O que muda da publicação original é a arte da capa em que o artista utiliza de experimentos com redes neurais e, segundo ele, “há um envolvimento com sua alquimia atual de suas explorações imagéticas” (Franco, 2023, p. 7).

Diante disso, é importante ressaltar como o artista Edgar Franco (Ciberpajé) tem empenhado esforços para constituir uma espécie de arquivo de sua obra, ao fazer relançamentos comemorativos, compilações. E este arquivo é constituído, mesmo ao mudar uma capa (uma forma de recriação artística) que o atualiza com um experimento em rede neural, produz assim, uma narrativa que introduz acerca da própria produção

que o artista chama de “alquimia atual” e simultaneamente confere um efeito de legitimação da sua arte. O que é também peculiar em relação a esse processo de curadoria é que ele se opera essencialmente pelas mãos do próprio artista e não de um terceiro, por exemplo.

No canto esquerdo do layout aparece a imagem do avatar do GMAIL. Trata-se da mesma imagem de perfil do canal do YouTube Edgar Franco e também no perfil do X (Twitter).

Nessa perspectiva, Recuero (2023, p. 141) destaca que

Outro fenômeno bastante comum é a unificação de perfis, ou seja, a criação de identidades “unificadas” entre diversos sites de rede social. Neste caso, os atores utilizam elementos de representação comuns em vários sites de rede social, de forma a permitir a outros atores que os reconheçam nesses diversos espaços. É o que vemos quando, por exemplo, encontramos alguém que usa sempre a mesma representação como avatar, o mesmo apelido, ou que usa determinadas palavras como elementos identitários (...)

Como observamos, este fenômeno ocorreu em alguns perfis de Edgar Franco-Ciberpajé. No entanto, a ‘norma’ entre os perfis examinados é a ausência de unificação de perfis, indicando uma condição paratópica, caracterizada pelo desdobramento de pessoa, que veremos com mais detalhes no item 3. Efeito de Vertigem de Pessoa.

Esse fenômeno teve, como vimos, algumas ocorrências nos perfis de Edgar Franco-Ciberpajé.

Quanto à textualização de si, na parte inferior do e-mail, o que é chamado de assinatura do e-mail, possuem algumas informações para observarmos. O fecho é “Um abraço pós-humanista”, que reforça a cenografia mais fortemente vinculada à dimensão artística do Ciberpajé. A maneira como o artista se despede, como se o futuro fosse passado, como se ele pudesse anteriorizar o que é futuro, já que ele se diz um ex-humano, por assim dizer. E, nesse movimento, passa a não ser um abraço comum humano, mas traz toda uma concepção sobre o pós-hu-

mano que compõe sua obra, dessa imbricação entre o homem-animal; homem-vegetal; homem-máquina: um tempo futuro em que a concepção de humano que conhecemos está modificada.

Ele assina como Ciberpajé e abaixo está disposto o nome com os títulos acadêmicos, Prof. Dr. Edgar Silveira Franco, seu nome de nascimento e recorrente na academia, como pudemos ver no Currículo Lattes. No entanto, o nome está sublinhado onde corresponde a Edgar Franco, uma forma de saliência, destacando o nome artístico, conferindo mais peso visual. Mais abaixo aparece, Ph.D. In Arts & Transmedia Artist FAV/UFG (Federal University of Goiás)-Brazil. O fato de estar escrito em inglês faz a inscrição de um artista que também tem produções e com repercussões no exterior, a partir do lançamento na Inglaterra em 2017, do livro *Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America*, publicado pela editora Oxford Press, com autorias de pesquisadores PhDs das Universidades de Bristol e Cambridge. Esta repercussão no exterior também está relacionada à participação em Exposições, Mostra Internacional de Fanzine (França, Itália, Portugal, Alemanha e Espanha) e também aos projetos musicais.

E, por último, há divulgação do link do blog do Ciberpajé, que aparece em primeiro plano no endereço do e-mail: ciberpaje@gmail.com.

2.2.6. Biodata

Tipicamente inserido na esfera acadêmica é a produção de artigos científicos, publicados em periódicos indexados. Esse tipo de publicação costuma conter o que chamamos de biodata: informações biográficas e de contato com o autor do texto (seja um capítulo, um artigo, uma resenha). O print abaixo é extraído de uma das publicações acadêmicas do autor (*O Álbum Oráculos: Criando Quadrinhos Poético-Filosóficos Inspirados no I Ching*, publicada na revista de pesquisa

em Artes O Mosaico); é o rodapé em que constam as informações que também constituem uma forma de descrição de si:

Figura 48 – Captura de Tela da Apresentação de si, no artigo científico “O Álbum Oráculos: Criando Quadrinhos Poético-Filosóficos Inspirados no I Ching”

¹Edgar Franco é o Ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nas áreas de quadrinhos e arte e tecnologia. Criador do universo ficcional da Aurora Pós-humana com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes como quadrinhos, ilustração, poesia, aforismo, conto, música, vídeo, cinema, animação, instalação, web arte, gamearte e performance. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos, e mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pesquisador criador do termo HQRônicas, autor de 4 livros acadêmicos e dezenas de artigos, pós-doutor em arte, quadrinhos e performance pela UNESP, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP, arquiteto e urbanista pela UnB. Desde 2008 atua como professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Desde 2011 coordena o Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER na FAV/UFG. Sua obra artística tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 4 livros dedicados a ela, inúmeros artigos científicos, um dossiê completo para a revista acadêmica Cadernos Zygmunt Bauman (UFMA), além de TCCs, dissertações e teses que analisam diversos aspectos de suas criações. Blog "A Arte do Ciberpajé Edgar Franco": <http://ciberpaje.blogspot.com.br/>. E-mail para contato: ciberpaje@gmail.com.

Revista O Mosaico | vol.16 no.1 | Número 24 jan-jun-2023 | ISSN: 1980-5071 | Curitiba

Fonte: Organizada pela autora por meio de captura de tela do arquivo em pdf em smartphone. Data do screenshot: 02 dez. 2023

O autor não inicia com sua titulação acadêmica, como a maioria dos artigos científicos que lemos. Ele começa com a predicação tradicionalmente encontrada em suas apresentações de si: “Edgar Franco é o Ciberpajé”.

Para Fiorin (2016, p. 37) Enunciar é criar. A fala é absolutamente individual. Então como entender a discursivização da categoria de pessoa⁵⁰ que Edgar Silveira Franco produz?

50. A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o eu não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico, ou seja, ao "ato de discurso individual em que eu é pronunciado e designa seu locutor" (Benveniste, 1966: 261-262). O fundamento da subjetividade está no exercício da língua, pois seu único testemunho objetivo é o fato de o eu enunciar-se (Benveniste, 1966: 261-262) (Fiorin, 2016, p. 36).

Temos uma tripartição, quem é o Edgar Silveira Franco? É o Edgar Franco, e quem é o Edgar Franco? É o Ciberpajé, e quem é o Ciberpajé? É o Edgar Franco. Ele usa novamente a 3ª pessoa, com valor de primeira.

Para Fiorin,

da mesma forma, a enunciação permite que todo ser, num processo de personificação, torne-se enunciador e instaure como enunciatário, bastando para isso que se dirija a ele, qualquer outro ser, concreto ou abstrato, presente ou ausente, existente ou inexistente. A enunciação tem o poder de convocar aqueles a quem ela diz tu e instaurar como pessoa aqueles a quem dá a palavra. (2016, p. 37).

Que efeito de linguagem isso produz? O efeito de vertigem de pessoa.

Edgar Silveira Franco, usa o verbo ser conjugado no presente do indicativo e na 3ª pessoa do singular, nesse caso, é utilizado para expressar identidade.

Nessa perspectiva, o nome próprio Edgar Silveira Franco de maneira bem sintética, faz referência ao seu documento de identidade, que apresenta características topográficas, nascido em Ituiutaba-MG na data de 20 de setembro de 1971, sua filiação, mãe Alminda Salomão e pai Dimas Franco. Com características distintivas e também características físicas. O documento de identidade como uma síntese do sujeito, tornando-o único.

A partir disso, vamos fazer uma retomada ao efeito de vertigem de pessoa. Edgar Franco toma a palavra, referindo a si mesmo não com a primeira pessoa do singular, mas com a terceira. Para Fiorin (2016, p. 75) As formas de terceira pessoa empregadas com valor de eu são ele/ela ou com maior frequência, um substantivo.

No caso é usado o substantivo Edgar Franco e o Ciberpajé. O narrador se denomina pelo seu nome, empregando uma terceira pessoa com valor de primeira. Essa forma também é utilizada em documentos oficiais.

No caso trata-se de uma nota do Artigo Científico, com normas padrão. A esse efeito de linguagem Fiorin denominou de pessoa subvertida.

A textualização de si passa a dar pistas de quem são: “Um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação, livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto para experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora”. E o artista faz essa autoapresentação através de aforismos⁵¹ constantes em suas produções transmídias.

Para Franco (2019, p. 59),

A busca da autotransformação é criticada na academia e vilipendiada como “autoajuda”. O papel da transformação interior na sociedade ocidental atual está difundido em contextos grotescos como, por exemplo, nessas religiosidades torpes do mundo contemporâneo, visões primitivas e infantis da deidade. Infelizmente é nesses espaços dogmáticos monetaristas que as pessoas acabam tendo suas pseudo epifanias, e elas custam caro, muitas vezes 10% de seus salários. Já no âmbito da academia, que poderia transformar o homem, isso virou uma coisa démodé, chata, de esotérico, de doidão, a academia se embotou na chatice, nos egos colossais, no rancor e no discurso empolado que é cheio de retórica, mas que não traz nada de transformador.

Novamente, o artista demonstra sua criticidade no que se refere ao âmbito da academia, expressa uma profunda inquietação sobre a qualidade do pensamento e da ação na sociedade atual, enfatizando a necessidade de superar perspectivas simplistas e dogmáticas em favor de uma perspectiva mais genuína e transformadora.

51. “Na enunciação aforizante [...] não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de “auditório universal” (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. O locutor não é apreendido por tais ou tais facetas, mas em sua plenitude imaginária: não há ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo. É o próprio indivíduo que se exprime, além/aquém de todo papel, “ele mesmo”, de alguma forma. Fundamentalmente monologal a aforização tem como efeito centrar a enunciação no locutor” (Maingueneau, 2010, p. 13).

Assim, de acordo com o teórico Maingueneau (2010, p. 14) “Na aforização, o enunciado pretende expressar o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem, nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamentos. Dito. Tese, proposição, afirmação soberana. [...] É uma forma de dizer puro, quase próxima de uma consciência”.

O aforismo traz o elemento simbólico do mago, um mago psiconauta. O mago é uma condição que o artista assumiu para si, um outro termo utilizado é magista, está relacionado ao processo de execução de uma arte, com ações ritualísticas, que demandam um preparo, um isolamento, com imagens ou músicas inspiradoras, com momentos de breves descansos e alimentação, descrito no livro *Conversas com Ciberpajé*. Essa mesma apresentação de si que está no artigo da Revista *Mosaico* também aparece no final do livro *Conversas com Ciberpajé* publicado em 2019.

A figura do Mago, é uma das “pistas” dadas aos interagentes a respeito de quem são, como dito anteriormente por Recuero. O termo mago passa a ser uma apresentação de si, e compõe títulos de vídeos do artista, como por exemplo: *Ciberpajé: desenho ritual de um mago em exemplar do álbum “Oráculos”*⁵². Em divulgação de palestras: [Confira Agora na Íntegra] Conferência do Ciberpajé em Festival Internacional: Arte, Magia e Inteligência Artificial – Criações de um Mago Psiconauta na Pandemia⁵³. E também na publicidade de lives: [Veja como Foi] Ciberpajé no Podcast SEM FREIO: em live mais longa de sua vida o mago-artista revelou múltiplos aspectos de seu ideário e filosofia criativa

52. Franco, E. *Ciberpajé: desenho ritual de um mago em exemplar do álbum "Oráculos"*. YouTube. 12 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hkq-Z5stdvE> Acesso em: 24 dez. 2023.

53. Franco, E. [Confira Agora na Íntegra] Conferência do Ciberpajé em Festival Internacional: Arte, Magia e Inteligência Artificial - Criações de um Mago Psiconauta na Pandemia. A Arte do Ciberpajé Edgar Franco. 10 nov. 2022. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=mago> Acesso em: 24 dez. 2023.

de arte, magia e vida⁵⁴. Além das apresentações de si nas redes sociais Instagram, Threads e X.

Como expõe Chevalier, quanto ao verbete mago:

[...]criador de um mundo ilusório por seus gestos, e por sua palavra. [...] É o espírito que penetra a matéria. Todas as aparências salientam a divisão de um ser produzido igualmente por dois princípios contrários, e a dominação de sua dualidade pelo equilíbrio e a supremacia do Espírito. [...] Ao simbolizar a um só tempo os três mundos – Deus, pelo signo do Infinito, o homem e a diversidade do Universo –. ele é em tudo ponto de partida, com todas as riquezas ambivalentes dadas à criatura para que realiza seu destino (2003, p. 582-583).

Um outro ponto em destaque é a questão do tempo no sistema enunciativo da apresentação de si. Retomemos: “focado em viver o único momento que existe: o agora”. Assim, o tempo nesse enunciado é aquele que se centra no momento de referência presente, dessa maneira temos uma debreagem temporal enunciativa, idêntico ao momento da enunciação, ou seja, concomitante ao momento da enunciação. O advérbio agora é usado para manifestar concomitância (Fiorin, 2016, p. 145). O tempo presente é o tempo da enunciação que expressa verdades eternas. O efeito de sentido causado é que o texto narrado está ocorrendo no mesmo momento da enunciação. É curioso, porém, observar que as cenografias descritas até aqui frequentemente instauram uma cronografia futura, da chamada Aurora Pós-Humana.

Outras características são acrescentadas ao avatar, “artista transmídia com premiações na área de quadrinhos e arte e tecnologia”; “Criador do universo ficcional da Aurora Pós-Humana”.

54. Franco, E. [Veja como Foi] Ciberpajé no Podcast SEM FREIO: em live mais longa de sua vida o mago-artista revelou múltiplos aspectos de seu ideário e filosofia criativa de arte, magia e vida. A Arte do Ciberpajé Edgar Franco. 31 mar. 2023. Disponível em: <https://ciberpaje.blogspot.com/search?q=live+mago> Acesso em: 24 dez. 2023

Como expõe Franco (2012)

Ao criar universos ficcionais, ele pode se colocar no lugar do outro, nunca vi criador de universos ficcionais promover a guerra. Quando você se coloca no lugar do outro, você aprende a ser mais tolerante com as diferenças, a ser mais adogmático, a aceitar o outro como ele é. Todas as suas idiossincrasias, todos os seus paradoxos. A única verdade que existe são os paradoxos. Criar mundos para navegar pela vida, quando eu crio uma história em quadrinhos, eu me modifico, o meu universo ficcional modifica a minha realidade, a minha relação com a minha realidade, a minha realidade cotidiana. FRANCO. Edgar. Edgar Franco explica o que é ser Ciberpajé. YouTube. 10 set. 2013. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=8daDT9rpoao> . Acesso em 24 dez. 2023.

Figura 49 – Apresentação sobre o Autor Edgar Franco- Biocyberdrama Saga



Edgar Franco

Aos 12 anos de idade, Edgar Franco publicou sua primeira história em quadrinhos (HQ) em um fanzine, desenvolvendo um amor constantemente renovado por essa forma de expressão. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (UnB), onde iniciou suas pesquisas sobre a linguagem dos quadrinhos e suas conexões com a arquitetura. Em seu mestrado em Multimeios na Universidade de Campinas (Unicamp), estudou as HQs na internet, batizando de HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas) essa linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia. Sua pesquisa serviu como base para o livro *HQtrônicas: do suporte papel à rede Internet* (Annablume, 2008, 2. ed.).

Sua pesquisa de doutorado, *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*, concluída em 2006 na Universidade de São Paulo (USP), foi premiada no

Fonte: Franco, Edgar. Biocyberdrama Saga. (2013, p. 274).

Data do screenshot: 02 dez. 2023

Figura 50 – Continuação da apresentação sobre o Autor Edgar Franco

programa Rumos Pesquisa 2003, do Centro Itaú Cultural em São Paulo. Em 2011 concluiu o pós-doutorado em Arte e Tecnociência na UnB. É docente da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde também é professor permanente do Programa de Doutorado em Arte e Cultura Visual. Como pesquisador nas áreas de arte e tecnologia, desenho e histórias em quadrinhos, tem diversos artigos publicados em livros e periódicos e apresenta suas pesquisas, há mais de quinze anos, em congressos como Intercom, Lusocom, Compós, Anpap e SBPC.

Como ilustrador e quadrinhista, possui centenas de páginas publicadas em revistas do Brasil e do exterior. Em 2009 ganhou o Troféu Bigorna, premiação nacional concedida aos melhores das histórias em quadrinhos brasileiras, pela revista em quadrinhos *Artlectos e Pós-humanos #3*, da editora Marca de Fantasia. Sua obra como artista multimídia envolve também trabalhos criados para suportes hipermediáticos, dentre eles as HQtrônicas

Ariadne e o labirinto pós-humano e *NeoMaso Prometeu*; esta recebeu menção honrosa na 13ª edição do Videobrasil – Festival Internacional de Arte Eletrônica, realizado no Sesc Pompeia em 2001. Também é mentor do projeto musical Posthuman Tantra, com o qual realiza apresentações cbridadas multimídia; em 2010 lançou seu segundo CD oficial pela gravadora Suiça Legatus Records. Em 2011, no dia do seu quadragésimo aniversário, declarou-se ciberpajé.

Fonte: Franco, Edgar. *Biocyberdrama Saga*. (2013, p. 275).

Data do screenshot: 02 dez. 2023

A imagem que acompanha a apresentação do Autor Edgar Franco, é um desenho feito pelo Mozart Couto para ilustrar a biografia.

O desenho foi feito em primeiro plano, com ângulo 3/4, estabelecendo contato visual, estabelecendo assim uma relação de demanda, a linha do olhar está direcionada para o telespectador.

Quanto ao figurino, Edgar Franco foi retratado com uma cartola, uma camiseta e um sobretudo masculino, a barba estilo *mutton chops*, com cabelo comprido amarrado atrás. Esta imagem foi publicada no Facebook do artista na data de 02 de maio de 2012, como uma prévia do álbum em quadrinhos.

A apresentação de si em *Biocyberdrama Saga* é bem próxima da apresentação de si que aparece no Currículo Lattes, e também em outra obra *Duetos Essenciais* (Franco, 2017) com algumas informações retiradas e outras acrescentadas. Vejamos: O nome vinculado na breve biografia é Edgar Franco, apresenta-se como um nome artístico, visto que o Silveira foi suprimido na apresentação. Ele começa o texto falando em um momento que não é o agora da enunciação, é uma anterioridade ao momento da enunciação, “Aos 12 anos de idade, Edgar

Franco publicou sua história em quadrinhos (HQ) em um fanzine”. Há um efeito de flashback como dito anteriormente, novamente ele se trata em 3ª pessoa com valor de primeira, o nome próprio Edgar Franco usado no lugar do eu.

2.3. Efeito de vertigem de pessoa

A avaliação dos avatares do artista transmídia Edgar Franco (Ciberpajé), com representações visuais e textuais, revela características de expressão individual ou uma personalização única na internet, mas sobretudo um efeito de criação artística.

A ideia de “selfie” espelha uma prática amplamente disseminada, que se origina na tentativa de expressar a individualidade, mas que frequentemente leva a uma uniformização estética. Hoje em dia, é notável a prevalência deste tipo de autorretrato nas redes sociais, onde as movimentações da câmera e os filtros de imagem definem um padrão tanto na aparência quanto no conteúdo.

Em um momento de aumento da visibilidade e da conexão permitida pelo acesso às plataformas digitais e redes sociais, que predomina o selfie (autorretrato tirado do próprio celular) ou seja, mais do mesmo, movimentos de câmera, filtros de imagem que padronizam este tipo de fotografia. E, no entanto, o usuário Edgar Franco em nenhum dos perfis analisados há essa ocorrência, foram sempre fotografias tiradas por outrem, em uma relação de oferta (na maioria das vezes), demandando dos telespectadores uma maior atenção.

E no decorrer de cada perfil vão construindo percepções, vão nos alimentando de “pistas” que não se limitam apenas nas representações visuais dos avatares, no que tange à identificação do usuário online, mas também perpassa pela dimensão textual.

Assim, as marcas da enunciação foram sendo dadas, e faz-se necessário ressaltar que a fala a cada perfil é um ato absolutamente individual. E o que essa discursivização nos aponta?

O avatar Edgar Franco assumiu formas gráficas como foi possível visualizar no Quadro 1-Personalizações de usuário Edgar Franco, com marcas tipográficas no nickname (o negrito conferindo peso visual nos nomes Edgar Franco, ou Ciberpajé, o uso do @, marcando o nome @ciberpajé, com uma forma tecnolinguageira, o uso do AKA⁵⁵ (é uma abreviação das palavras da expressão “also known as”, cuja tradução para o português seria “também conhecido como” ou “vulgo”) no canal Edgar Franco Youtube, na apresentação de si, Ciberpajé A.K.A Edgar Franco.

O emprego dos parênteses no nome Edgar Franco (Ciberpajé), também aparece como forma de saliência, de fazer uma marcação, fazendo um trabalho de direcionamento da leitura do leitor, uma forma de nos chamar a atenção.

Há uma marcação também pelo verbo (presente do indicativo do verbo ser), Edgar Franco é o Ciberpajé (Facebook Aforismo do Ciberpajé), ou Ciberpajé é o Edgar Franco (Instagram). O artista se trata em 3^a pessoa e utiliza o próprio nome para se auto referenciar. Ele está ciente do seu papel social, e dessa forma se trata como dois, criando um efeito de vertigem de pessoa. Além do movimento de alternância do próprio nome, ora se apresenta como Ciberpajé, ora como Edgar Franco.

O efeito de vertigem de pessoa também se dá no nível das múltiplas representações imagéticas (desenho/caricatura da figura Edgar Franco; foto pessoal; imbricação entre o homem e a máquina; o efeito de transe do pajé usando roscopia digital; desenho “humanimal”), além do efeito da IA na composição da estética do artista, com seus múltiplos sentidos, o háptico, o sonoro e o visual, que reverbera na expressão individual do artista, na colorização, texturização e formas gráficas.

55. AKA. IN: YÁZIGI. Market Media. Campinas/SP. Disponível em: <https://www.yazigi.com.br/noticias/ingles/qual-o-significado-de-aka-em-ingles>. Acesso em 29 nov. 2023.

Muitas “pistas” de representação do corpo nos foram dadas, que perpassa pelo físico, através do figurino (cartola, sobretudo, camiseta de lobo, anéis, colares, barba, máscaras) pelo simbólico (as borboletas, a figura do lobo). Todo esse processo de composição artística, de “burlar” o uso da IA, alimentando com desenhos do próprio artista, para com isso trazer a sua estética autoral e ao mesmo tempo ampliar seu repertório de imagens, se apresenta também enquanto crítica à linguagem binária (um sistema básico de codificação que pode ser processado pela máquina), de acordo com o artista há um apagamento das zonas cinzas, se for pensar em uma escala de cores entre o preto e branco (os seres humanos são seres complexos e não seres polarizados) e que a linguagem do binário constitui o extremismo.

Para além disso, as múltiplas representações imagéticas que em alguns perfis se repete o avatar (como no autorretrato que aparece no Facebook; Instagram; Threads; Currículo Lattes) em outros são totalmente únicos (no Youtube; Bandcamp; Aforismos do Ciberpajé; Projeto Ciberpajé; Spotify; X) e tudo isso para trabalhar a questão da multiplicidade do ser humano, sob o prisma da identidade ser multidimensional e também do multiverso.

Um outro ponto, igualmente importante trabalhado pelo artista, foi a marca do tempo. Um tempo presente, movido pelo *Carpe Diem* (curta o momento). Mas também há o trato com o tempo pandêmico, marcado pelas mortes na pandemia da covid-19, com um sofrimento em escala mundial, representados na imagem, através de texturização e colorização, mesclando a percepção onírica, aproximando o trabalho artístico à uma visualidade criada simulando a partir das imagens sob efeito de enteógenos, rememorando estados não ordinários de consciência.

Nessa perspectiva, os avatares do Edgar Franco constituem um marcador de extimidade. Na concepção de Paveau (2021, p. 218) [...] o avatar exterioriza uma representação de si, que não é necessariamente consciente, e que está ligada tanto à maneira com que o socionauta

deseja se apresentar quanto à maneira pela qual ele interioriza as imagens de si que lhe são devolvidas por suas relações.

Assim, o efeito de extimidade ocorre por um paradoxo, mesmo que o artista Edgar Franco (Ciberpajé) faça em um primeiro movimento uma crítica ao digital, à linguagem binária, aos extremismos nas redes, concomitante a isso, ele faz uso das redes sociais e das plataformas digitais e toda essa composição ao se apresentar, ao falar de si mesmo, nesse movimento de exteriorização ele convoca os espectadores à interpretação, pois o artista fala das suas motivações, do seu processo criativo, da sua ideologia, das suas idiossincrasias, com marcadores artísticos como: mentor, psiconauta, mago, artista transmídia e com marcadores acadêmicos pós-doutor (UnB & Unesp), doutor (USP), mestre (Unicamp), e professor da UFG.

Nessa perspectiva, a descrição languageira apresenta uma imbricação entre a dimensão artística e a dimensão acadêmica. Há, portanto, uma embreagem dos dois planos, um efeito de fronteira borrada entre a figura do artista e do acadêmico, característico do que Maingueneau denominou como paratopia, uma paratopia criadora, aliás, na medida em que é ela que funda a atividade de criação do artista enquanto processo discursivo-enunciativo.

3. As chaves de transmutação

3.1. Considerações iniciais

A presente pesquisa debruça-se, como já dito, sobre a produção do artista transmídia Edgar Franco, também autodenominado Ciberpajé. Estudar esse artista de uma perspectiva discursiva nos pareceu interessante na medida em que sua produção coloca uma série de questões que podem, como entendemos, promover reflexões importantes para a Análise do Discurso (doravante AD) na imbricação entre o digital e o não-digital. Para que possamos explorar melhor essa questão ao longo desta pesquisa, a seguir tratamos do processo de transmutação em Ciberpajé.

3.2. A transmutação para Ciberpajé

Edgar Franco se autodeclarou Ciberpajé no dia 20 de setembro de 2011, data do seu aniversário de 40 anos. Nove meses antes, o autor passa por um processo de depressão⁵⁶, de crise existencial, que o leva a um “ritual de presença”⁵⁷, em que utilizou como metodologia de trans-

56. De acordo com o artista, após uma crise pessoal de valores que durou 9 meses e foi deflagrada por uma experiência enteogênica (Franco, 2024, p. 246).

57. Trata-se, segundo ele, de um processo ritualístico artístico de reconexão absoluta com o momento presente; ele configura-se através do exercício de desenho livre, sem nenhum objetivo prévio ou desejo, simplesmente deixando as imagens fluírem livremente para o papel criando uma profunda conexão com o ato artístico e tornando-se o próprio desenho enquanto se desenha, o desenhador é o desenho e o desenho é o desenhador, e assim estando completamente conectado com o instante presente! Realizo esse exercício quase que diariamente (Franco, 2019, p. 151).

formação da realidade a chamada “magia do caos”⁵⁸ associada a uma proposta poético-performática para transmutar-se em Ciberpajé. Esse processo gerou alguns produtos transmídias⁵⁹: HQ, música, vídeo, revistas, livros, artigos científicos, shows, entrevistas, publicações nas redes sociais dentre outros.

Segundo o artista, a criação do seu nome é composto por um neologismo formado por um prefixo (Ciber) e um radical (Pajé), sendo que, em suas palavras,

Ciber vem da cibernética. É a ciência que estuda a relação de conexão, de interatividade, da comunicação entre os seres vivos e as máquinas, os seres vivos e os seres vivos também, e hoje a minha criação do universo ela permeia, e a sua difusão claro, ela permeia os novos meios digitais, maquínicos, que através deles eu me comunico com o mundo, esses universos que eu desenvolvo.

E quem é o Pajé? Quem é o xamã na cosmogonia da tribo? O Pajé é aquele cara que **faz contato entre o outro mundo, a cosmogonia que está além e o mundo da realidade ordinária**. Ele na tribo ajuda a curar as pessoas através de rituais. Eu, percebi que eu enquanto Pajé de mim mesmo, eu faço meio que isso. Quando **eu crio um mundo**. Eu trago esse mundo para a minha realidade de certa forma e ao trazer esse mundo para a minha realidade, eu modifico a minha realidade, então eu sou um criador de mundos, que me conecto com esses mundos,

58. Na perspectiva da chamada “magia do caos”, o magista estrutura individualmente seu sistema e suas metodologias de transformação da realidade. A metodologia de geração de meu renascimento fruiu naturalmente de meus conhecimentos da tradição iniciática ocultista aliada a uma boa dose de intuição poética/artística. O número 10 representa a complementariedade, a somatória de todos os aspectos para alcançar a transcendência, representada pelo 11. Nesse caso o 11 é a busca, e o 10, os elementos que devem ser concretizados para chegarmos a esse objetivo buscado: o 11 – a integralização como ser e o salto transcendente. Repare que o ano de minha transmutação tinha final 11, e o 4 é a soma de 2011, sendo que o 4 é o número dos 4 elementos que somados com sabedoria podem fazer emergir a quintessência (Franco, 2019, p. 99).

59. De acordo com Henry Jenkins, (2009, p. 138 apud Franco, 2024, p. 244) são aquelas que se desenrolam em múltiplas plataformas midiáticas, cada uma delas contribuindo distintamente para o contexto geral.

e transmuta a minha realidade a partir desses mundos. Por isso que eu sou um Pajé. Mas aí o Pajé que **eu sou é um pajé de mim mesmo** (Franco, 2023).

O recorte acima foi extraído de uma entrevista para a II Bienal Internacional de Cultura Psicodélica, intitulada “A busca de Edgar Franco – Ciberpajé Ser Integral”, na qual o artista discute o processo de se tornar Ciberpajé. A enunciação acima parte de distinções (seres vivos; diferentes mundos; o tecnológico e a cosmogonia de povos originários) que são depois “unidas” sob a denominação autodecretada. Entretanto, Franco delimita a distância que separa sua “transmutação” de um ritual que se possa associar a uma dimensão religiosa, uma vez que se define como “pajé de si mesmo”. Vejamos a seguir um outro fragmento do vídeo em que Edgar Franco explica o que é ser Pajé de si mesmo:

É bom esclarecer que a minha posição e que a minha outorga como Ciberpajé **não tem nada a ver com guru. Eu não sou guru de ninguém.** Eu não estou criando seita. Eu não quero ser cultuado por ninguém. A cura que eu busco como Ciberpajé é a minha cura. Enquanto ser humano. E o que é essa cura? Buscar a integridade. Buscar ser eu mesmo. Buscar traduzir para mim, para a minha experiência enquanto ser humano, aquilo que eu acredito que eu sou. E não viver em função do que as outras pessoas esperam de mim. Que a maior parte da humanidade vive em função do outro. **O Ciberpajé tem como objetivo ser ele mesmo.** Ser o que ele acredita que ele é. E isso é uma tarefa árdua (Franco, 2015).

Assim, temos um enunciador que se enuncia como Pajé (não um “Pajé da tribo”, uma ideia mais “comum” de Pajé, e sim um Pajé de si mesmo, uma criação), uma figura que acessa o mundo comum e em forças que vão além do mundo humano. Há, como se pode ver, a recusa de um lugar propriamente xamânico, na medida em que não quer “ser cultuado por ninguém” e nem criar “seita” – o que nos remeteria a um universo religioso mais prontamente. É, contudo, interessante

observar esse processo de constituição discursiva desse lugar a partir do qual o artista irá produzir sua obra: trata-se de uma construção que se dá sob a égide de negações, já que ao mesmo tempo em que ele recorre a uma denominação facilmente assimilável a um dado campo ele também a ressignifica.

Essa posição marcada enquanto artista que afirma, em outras palavras, que não pretende se propor como modelo, ao mesmo tempo em que todo o processo de transmutação é publicizado, é dado a ver, o que, se não expressa um modelo de autocura, o mostra, e o mostra em sua eficácia.

Ao mesmo tempo em que enuncia sua transmutação, Edgar Franco também recupera memórias de uma infância que o conectariam com esse imaginário do pajé, como se pode ver a seguir:

Quando eu tinha 11 anos de idade – e durante minha infância toda – parte da atividade de criar mundos que eu realizava cotidianamente e que envolvia o desenho e as narrativas, também envolvia **o desejo de me fantasiar**, então eu comumente usava roupas velhas, trapos, partes de brinquedos para criar fantasias e vesti-las! Certa feita, eu me fantasiei como um índio, usando penas de pombo e uma série de apetrechos, eu gostava da figura do **“feiticeiro da tribo”**, que era um **“mago”** poderoso. Improvisei um chocalho e estava brincando no quintal, totalmente absorto no meu mundo. Chegou em casa um parente, primo em segundo grau de meu pai, alguém que minha mãe não via há anos, ele se sentou na sala e ficaram conversando, minha mãe foi avisar que eu tinha que ir vê-lo, mas eu estava curtindo muito a brincadeira e não queria por nada ir até a sala. Essa sala tinha uma grande janela de madeira que dava para a lateral da casa, fácil de se acessar pelo quintal, resolvi então não parar a brincadeira e ir até a janela em minha fantasia para cumprimentar o visitante **como um pajé!** Cheguei à janela e olhei para ele com gestos tribais e fiz um cumprimento monossilábico, algo como um “hoo heei”. E saí da janela e voltei a brincar. Bem, o fato hilário da história que a tornou importante foi que o visitante, imediatamente após me ver, interrogou minha mãe: “– Coitado, ele tem problemas mentais, não é?”. Minha mãe ficou indignada e respondeu-lhe que não, que eu era

um dos melhores alunos da sala etc. Depois que ele foi embora, eu fui repreendido por minha mãe irritadíssima, ela falou mais ou menos assim: “– Edgar, você fica com essas bobearas e micagens suas aí e o nosso parente pensou que você tem problemas mentais! Não faça isso mais!”. Eu nem liguei, e lembro-me de meu pai dar muitas gargalhadas com a história. Quando minha mãe me viu “fantasiado” para os shows do Posthuman Tantra, imediatamente ela lembrou do episódio e **conectou o Ciberpajé de hoje, àquele menino fantasiado**. No fundo, existe uma essência nos dois que é a mesma, e ao **fantasiar-me para a vida diária ou para ir para o palco** eu resgato a capacidade de mergulhar também – com meus gestos e meu corpo inteiro – nos meus mundos criativos. A partir dessa história pregressa falo brevemente sobre o meu processo artístico-mágicko de transmutação em Ciberpajé (Franco, 2024, p. 243-244, grifo nosso).

Alguns elementos fazem parte do imaginário do Ciberpajé, o desejo de se “fantasiar” – e é interessante que ele próprio utilize essa palavra, ou seja, pode-se significar, portanto, o Ciberpajé como uma *fantasia* que ele (re)vive –, a ideia de “feiticeiro da tribo”, “mago”, “pajé”.

Assim, essa narrativa da “história pregressa”⁶⁰ de Edgar Franco compõe a narrativa do seu processo artístico-mágicko de transmutação em Ciberpajé. Temos, desta forma, um texto que participa da encenação das condições de enunciação do lugar do artista, que Maingueneau (2018, p. 177) vai denominar de “elocutivo” (“diários íntimos”, “lembranças”, “relatos de viagem”) que acompanham a obra dos autores.

De volta ao processo de transmutação tal como enunciado pelo próprio artista, dez dias antes do seu aniversário, Franco cria “exercícios mágickos artísticos”⁶¹ de transmutação”, em uma contagem regressiva

60. Como o artista chama essa narrativa (Franco, 2024, p. 244).

61. Funcionam, em suas palavras, como “sigilos Mágickos”. De acordo com Franco (2019, p. 201), “Primeiro destaco que um sigilo nasce de uma intenção clara do magista, um objetivo certo de transmutação, autotransformação. Meu envolvimento com sigilos é algo que recorre à tradição mágica de Austin Osman Spare recontextualizada para a tradição contemporânea da chamada ‘magia do caos’ e ambientada em meu universo ficcional magístico ‘A Aurora Pós-Humana’.

diária, totalizando 10 chaves de “transmutação cosmogônica” — que significam valores importantes para o artista, criadas e desenhadas no universo ficcional que o artista denominou de Aurora Pós-Humana⁶², descrevendo o seu renascimento simbólico: “Essas chaves significam as buscas daquilo que eu quero na minha vida, para a minha transformação pessoal [...]. Essas chaves foram criadas e fixadas em seu corpo renascido através do ritual de desenhá-las, capturando sua forma em minha visão cosmogônica” (Ciberpajé, 2012). A obra em que tais chaves se encontram enquadra-se no gênero de quadrinhos Poético- Filosóficos⁶³.

Maingueneau (2008, p. 132) chama de ritos genéticos “o conjunto de atos realizados por um sujeito em vista de produzir um enunciado”. De acordo com o autor,

essa noção de “ritos genéticos” é mais ampla que a de “pré-texto”, isto é, rascunhos, documentos escritos, já que inclui também comportamentos não escriturísticos (viagens, meditações).

Assim, temos alguns ritos de escrita, criados pelo artista para o seu renascimento.

62. Franco criou um universo ficcional transmídia de ficção científica com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos de múltiplas mídias. A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas, um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a raça humana, como a conhecemos, está em processo de extinção. O corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a “tecnognose” (Erik Davis, 1998), substituíram quase por completo as religiões ancestrais. Franco, Edgar. Aurora Pós-Humana. A Arte do Ciberpajé Edgar Franco. [Consult, 23 jun.2023]. Disponível em: WWW:<URL <https://ciberpaje.blogspot.com/p/aurora-pos-humana.html> >.

63. É possível afirmar que histórias em quadrinhos poético-filosóficos são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficos tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos quadros (Neto, 2024, p. 8).

De acordo com Franco (2024, p. 246), “a cada dia desenhei na hora do crepúsculo uma dessas chaves para logo depois escrever o aforismo que a acompanha”. Acrescenta-se o fato de ser uma contagem regressiva diária, em uma forma de processo ritual.

É interessante notar que, para o artista, o processo a que podemos chamar de “intuitivo” merece destaque: “os desenhos foram meus primeiros rituais de presença⁶⁴, feitos diretamente a Nanquim sobre papel, **sem rascunho prévio** durante o crepúsculo de cada dia após passar o dia meditando” (Ciberpajé, 2012). Essa descrição irá aparecer novamente com essa mesma ideia na referência à música abaixo.

Tal processo está descrito em uma das abas de seu blog, onde se podem encontrar também as “chaves”, compostas de um desenho⁶⁵ (imagem simbólica transhumanistas) e uma materialidade linguística (aforismos). Essa forma de expressão foi denominada pelo artista de HQforismo. Reproduzimos a seguir (e na sequência) cada uma delas.

64. É um processo ritualístico artístico de reconexão absoluta com o momento presente, ele configura-se através do exercício de desenho livre, sem nenhum objetivo prévio ou desejo, simplesmente deixando as imagens fluírem livremente para o papel criando uma profunda conexão com o ato artístico e tornando-se o próprio desenho enquanto se desenha, o desenhador é o desenho e o desenho é o desenhador, e assim estando completamente conectado com o instante presente! (Franco, 2019, p. 150).

65. Essas chaves foram criadas e desenhadas contextualizadas no universo ficcional da Aurora Pós-Humana (Franco, 2015, p. 55).

3.2.1. O SERENO - Ser humilde e sempre sereno diante de reis e de mendigos, de flores e de leões

Figura 51– “Chave O Sereno”



Fonte: Franco, 2012

A imagem da chave de transmutação n. 1 representa no Universo Ficcional do Artista da Aurora Pós-Humana, os seres tecnogenéticos⁶⁶. Assim, temos uma face com os olhos fechados, como se estivesse em meditação (introspecção), com o rosto voltado para baixo. O preto e o branco no rosto são marcas de saliência e contraste. A cor predominante é o vermelho (foi pintado posteriormente com alguns efeitos no digital). Também aqui é possível ver a presença das hachuras, já discutidas no autorretrato no capítulo precedente.

Para Heller (2021, p. 53), “o simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o fogo e o sangue são vermelhos. Em muitas línguas, entre os babilônios e entre os esquimós, a tradução

66. De acordo com Franco (2016, p. 35), “Os tecnogenéticos são fruto da hibridização entre humanos, animais e vegetais, permitida pelo avanço da biogenética. Infinitas possibilidades de mixagem das características genéticas de todos os seres preexistentes na Terra fazem com que esse grupo adquira uma imensa variedade de formas físicas, algumas inimagináveis”.

ao pé da letra de ‘vermelho’ é sangue. O fogo e o sangue, em todas as culturas e em todos os tempos, têm um significado existencial”. Na imagem, é a única cor (além do preto e branco) destacada, aparecendo nos adereços que ornaram a cabeça e o entorno do pescoço, além da borboleta, que voa em direção ao rosto.

O desenho da borboleta é algo frequente no ideário do artista, como pudemos observar na análise do seu avatar no perfil do Facebook. Sobre essa recorrência, Edgar Franco comenta em uma entrevista concedida a Nadja Carvalho⁶⁷ (2024, p. 63)

Quanto aos signos, é algo engraçado. A borboleta é um símbolo que me persegue desde que eu comecei a desenhar, e é um signo que de repente até virou uma coisa meio pop, meio chavão. Hoje em dia, toda patricinha tatua uma borboletinha. Mas as borboletas apareceram muito antes no meu processo de desenho, e surgia de uma maneira tão interessante e tão sutil. Junto com elas foram aparecendo outros elementos, como o cogumelo, o cubo, o ovo, aparecem muito. Se consultarmos o dicionário de símbolos para ver esses elementos, veremos que todos eles, de certa forma, estão conectados ao mito da criação, do nascimento, da inovação e da mudança. O meu trabalho fala um pouco sobre mudança, da importância de termos uma relação mais harmoniosa com o mundo que se revoluciona em todos os aspectos.

Dessa forma, é interessante observar que em um momento de “renascimento” a borboleta esteja presente, representando aspectos “conectados ao mito da criação, do nascimento, da inovação e da mudança”. Além disso, o enunciado acima assinala expressamente a distância entre uma construção “pop” e a presença na obra do artista: ele recusa a proximidade, até com certo tom debochado (“toda patricinha tatua uma borboletinha”), o que reforça a busca por sua inscrição num cenário artístico alternativo, como também vimos no capítulo anterior.

67. Carvalho, Nadja. *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*. Marca de Fantasia. Paraíba, 2024. Disponível em: <<http://surl.li/clndlr>> Acesso em: 19 set. 2024.

É importante dizer que há uma diferença entre “aforismo” e o conceito de “aforização”, defendido por Maingueneau (2010). Enquanto aqueles já “nascem” destacados, sendo frequentemente formulados em séries, a aforização é decorrente de um regime de destacamento ou descontextualização de pequenas frases ou enunciados. Assim, os aforismos do Ciberpajé não são enunciados destacados de outros textos e postos a circular de acordo com esse regime, produzindo efeitos de sentido outros em relação ao texto primeiro, de onde teriam saído, por exemplo.

Entretanto, a produção a partir dos aforismos produz um efeito de sentido que se aproxima da ideia de “pureza” ou mesmo de uma fala “transcendente”, em contato com uma “Fonte” que legitimaria e validaria a própria enunciação. No caso de Edgar Franco, esse feito decorre, como entendemos, essencialmente pelo modo como a transmutação se produz, isto é, é pela enunciação do processo de transmutação que tal efeito se materializa.

(1) As paratopias de lugar (aquele lugar, a academia, por exemplo, “não é o meu lugar”) e a de tempo (este tempo de hoje “não é o meu tempo”, na medida em que eu sou alguém que está situado para além dele) se operam na enunciação do processo de transmutação e sustentam a construção de uma produção artística inscrita numa cenografia

(2) de um tempo futuro, em que a hibridização é possível (homem/animal/ vegetal/máquina).

O traço do desenho evoca elementos de uma sinuosidade e organicidade que, de acordo com Franco (2019), são resultado da influência da art nouveau.

Conforme Franco (2016, p. 35), “Os tecnogenéticos constituem uma das espécies pós-humana dominantes e estão espalhados em cidades-estado por todo o planeta, correspondendo a cerca de 35% dos habitantes da terra”. Assim, o trabalho artístico de fazer um “deslocamento

conceitual”⁶⁸ para tratar de assuntos atuais cria um efeito de paratopia temporal, pois o artista nos leva a um tempo futuro distópico, inspirado em uma perspectiva pós-humana⁶⁹.

Interessante notar também que a construção da “serenidade” presente na obra contrasta, em boa medida, com o tom de enfrentamento e insatisfação com a academia expresso no recorte apresentado no capítulo anterior e que retomamos aqui: “A universidade é um dos antros principais desses **eruditos estéreis**, por isso ela tornou-se o **lixo** que é, não transforma ninguém, **não ilumina ninguém**” (Franco, 2019, p. 196; grifo nosso). Em certa medida, a construção da figura do Ciberpajé, através do processo de transmutação, se dá também através da contradição: a busca não significa necessariamente o alcance (ou o alcance *ainda*) – o que contribui também para uma contínua ideia de porvir, um futuro.

A expressão “diante de reis e de mendigos”, ao mesmo tempo em que evoca uma memória da diferença (independente de sua posição social, riqueza ou status), sugere que, em qualquer circunstância, devemos nos recordar da nossa humanidade comum. Assim, como ser sereno “perante flores e leões” representa a habilidade de manter o equilíbrio tanto em experiência prazerosa (flores) quanto nas desafiadoras e perigosas (leões). Esse equilíbrio buscado, contrasta, então, com a postura muitas vezes combativa representada em alguns avatares das redes sociais.

68. Conceito descrito por Philip K. Dick e assim criar obras que discutam a implicação dessas tecnologias no panorama contemporâneo, ou seja, problematizar o presente por meio de narrativas e obras deslocadas para um futuro ficcional hipotético (apud, Franco, 2019, p. 104).

69. Um mundo futuro onde as proposições de ciberartistas e transhumanistas se tornam realidade, onde a raça humana, como a conhecemos, encontra-se em processo de extinção e o corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação (Franco, 2016, p. 30).

3.2.2. O Momento – Viver o Agora, deixar florescer o momento: a flor que desabrocha, a borboleta que rompe o casulo, ser como uma borboleta

Figura 52 – “Chave O Momento”



Fonte: Franco, 2012

Na imagem da chave de transmutação n. 2 temos um rosto de perfil, tal qual a anterior, mas agora ela está com os olhos abertos e olhando para a frente. Trata-se, mais uma vez, de um ser Tecnogenético.

A predominância do laranja aqui também pode evocar essa “ruptura” em relação ao estágio anterior (a saída do casulo). De acordo com Heller (2021, p. 187) “Na China, o amarelo é a cor da perfeição, de todas as características nobres. O vermelho é a cor da felicidade e do poder. O laranja não é apenas a cor entre a perfeição e a felicidade, tem seu significado próprio, fundamental: laranja é a cor da transformação”.

A borboleta que voava em direção ao rosto na imagem anterior aqui desaparece, mas surge nomeada na chave de transmutação, é preciso “ser como uma borboleta”. Além disso, temos nesta chave a presença do “agora”, mas ele deve ser lido a partir da cronografia instituída pela cenografia, isto é, um agora “distópico” e futurístico, pós-humano.

A expressão “Viver o agora”, aliás, é mencionada na apresentação de si na biodata do artigo científico *O Álbum Oráculos*, mas também é encontrada em vários trabalhos artísticos de Edgar Franco (Ciberpajé), como aforismos e animações⁷⁰. A discursivização sobre viver o agora, também perpassa pelo “Ritual de Presença”, além de fazer referência ao *Carpe Diem*.

De acordo com Franco (2024, p. 419) “Sempre digo que se existe algo valioso no mundo é o tempo na vida que nós nos dedicamos a uma pessoa ou a uma atividade, pois nosso tempo de vida – nosso agora – é tudo que temos e isso não tem valor financeiro que possa equivaler”.

As chaves de transmutação têm um significado de simbolizar os valores relevantes para o artista naquele instante. Segue um trecho onde o artista expõe seus paradoxos acerca de sua transmutação:

Ao transmutar-me em Ciberpajé reestruturei muitos valores que ainda moldavam minha vida como Edgar Franco, mas sempre fui e serei um ser em transmutação, não acredito na verdade, tudo é volátil e passageiro em um cosmos em constante mutação e expansão. As dez chaves da minha transmutação não são leis imutáveis, são parte de um novo estágio transitório de minha existência, são constantemente reavaliadas e, em breve, sei que algumas delas perderão o sentido para mim, mesmo o meu novo nome de ser renascido “Ciberpajé” **é um batismo provisório**, será utilizado até quando fizer sentido para mim. **Não tenho a mínima preocupação em soar paradoxal, em mudar de opinião.** Os dogmas religiosos e ideológicos são sarcófagos para mortos, pois criam leis rígidas e imutáveis e acreditam que essas leis, muitas delas milenares, podem servir para moldar a realidade mutante. A bíblia, o corão, o capital, os vedas, todos têm muito a nos ensinar, mas considerá-los códigos morais de conduta é ignorar completamente a única realidade universal: a ininterrupta transmutação cósmica. Eu sou apenas um mutante

70. Franco, Edgar. A Vida é o Agora - Ciberpajé: animação tecnoxamânica em IA sobre batalhas transcendentais interiores. Youtube. 11 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nf6FL6GKUe4> Acesso em 20 set. 2024.

camaleão navegando nas ondas intensas de minha breve existência em Gaia (Franco, 2024, p. 253).

Portanto, ao declarar “é um bastismo provisório”, “não tenho a mínima preocupação em soar paradoxal”, o artista está expressando um pertencimento paradoxal, que é a manifestação da paratopia criadora.

3.2.3. O Equilibrado – Encarar a importância do mal tanto quanto a do bem, são faces da mesma moeda, paradoxos que dão sentido à verdade! Ter serenidade para lidar com a dor e com a alegria

Figura 53 – “Chave O Equilibrado”



Fonte: Franco, 2012

Na imagem da Chave de Transmutação n. 3 temos mais um ser Tecnogenético, mas aqui desaparecem as feições propriamente humanas, nada mais de humano vemos aí.

De acordo com Franco (2013, p. 36),

Os radicais⁷¹ avançaram para uma forma de hibridização que chamam de totêmica ou mítica, incorporando as características de apenas um animal ou mito imemorial que elegem como seu totem. Com isso, resgatam mitos arquétipos tradicionais, como os gregos Centauro, Minotauro, Sereia, Ciclope e os hibridizam até imitarem integralmente sua forma física. As principais lideranças do movimento tecnogenético enquadram-se nessa categoria.

A serpente é também um elemento simbólico presente na obra de Edgar Franco (Ciberpajé), assim como: língua de serpente, libélulas serpenteadas, serpente alada. A serpente está presente no EP *A invocação da Serpente* (2014); *Performance Ciberpajelança* (A performance propõe a hipertecnologia da manipulação do código genético como um ouroboros⁷²) (2010); na revista *Artlectos e Pós-Humanos; Sketchbook* (2017), *Ser(pent)eia* (2012); entre outros. A figura da serpente, para o artista, retoma também mitos ancestrais, o que reforça a própria dimensão temporal como esse tempo distópico (ainda que futurístico), em que as diversas dimensões se embream:

Tem um mito que eu gosto muito que é a estória de Quetzalcoatl, dos Maias, que é a serpente emplumada. A serpente tem uma importância mítica muito profunda para os Maias, pois, como rasteja, possui um domínio do nosso nível, que seria o nível da terra, da carne, da matéria. Só que ela é também emplumada, possui asas. E ela é emplumada porque, ao mesmo tempo em que é profundamente conectada com a terra, é também conectada com a transcendência. Por isso as minhas criaturas têm esse estreito aspecto de transcendência, porque eu imagino o mundo animal como tendo certa pureza. O mundo animal mantém uma

71. Os tecnogenéticos são uma espécie que segue uma rígida hierarquia e seus indivíduos precisam provar aptidão para avançar dentro da estrutura social. Essa estrutura é formada por três grandes classes que possuem subdivisões internas: Os radicais estão no topo da pirâmide social e correspondem a 10% do total de tecnogenéticos do planeta (Franco, 2016, p. 35).

72. O Ouroboros é uma serpente que morde a própria cauda (eventualmente também um ou dois dragões ou mais raramente, um ou dois pássaros de pescoço comprido); é símbolo da infinitude, do eterno retorno, da decida do espírito para o mundo físico e do seu regresso. Na alquimia, simboliza geralmente a transmutação da matéria (Lexicon, 1992, p. 151).

conexão cósmica que nós, de certa forma, com o nosso mundo da cultura, perdemos. Então, é uma maneira lírica de criação para apresentar essas outras criaturas (Carvalho, 2024, p. 64).

Diante disso, temos uma discursivização em que o locutor utiliza um conteúdo intimamente ligado à cenografia que lhe dá suporte. O artista apresenta uma percepção de que a espécie humana precisa se reconectar⁷³ à sua natureza terrestre e cósmica.

Dessa maneira o artista implicitamente fala de uma concepção que considera o humano como parte da natureza, está diretamente ligada aos complexos fluxos dinâmicos da vida. O outro campo discursivo na entrevista não trata de teologia e sim de uma abordagem transdisciplinar que integra a espiritualidade a outras experiências na psicologia chamada de transpessoal, baseado em Stanislav Grof. Na visão de Neto (2024, p. 23),

Pela holotropia o mesmo ser humano busca sentido, percebe-se vinculado a todos os viventes, pode vivenciar sua dimensão cósmica, religa seu mundo consciente com o mundo inconsciente, empenha-se por viver a espiritualidade não como uma imposição das religiões enquanto organizações sociais, mas como um princípio organizador e vivificador de sua própria existência.

Assim, o carácter semântico do artista trabalhar a partir de paradoxos apresenta um efeito de saliência na enunciação. Para Maingueneau (2010, p. 23) tem um duplo efeito de condensação e de desencadeamento de uma atividade hermenêutica.

Para Chevalier (2003, p. 815), “No plano humano é o símbolo duplo da alma e da libido; A serpente, escreve Bachelard (BACR, 212), é um dos mais importantes arquétipos da alma humana”.

73. Para Franco (2024, p. 255): “Prefiro a visão da teoria de Gaia do biólogo James Lovelock (2006), que apresenta a biosfera como um sistema vivo em profunda simbiose que promove sua gradativa evolução, a cooperação entre as múltiplas espécies permite seu desenvolvimento”.

A cor predominante é o roxo e Lilás. Para Heller (2021, p. 201),

O violeta vincula a sensualidade à espiritualidade, sentimento e intelecto, amor e abstinência. No violeta todos os opostos se fundem. O violeta é a cor mais íntima do arco-íris, ele se conecta ao invisível ultravioleta. Assim, o violeta marca a fronteira do visível com o invisível. Antes de cair a noite, o violeta é a última cor que antecede a escuridão.

Portanto, a cor surge como uma cor de transmutação. É interessante notar que a serpente apresenta um corpo⁷⁴, pernas e roupas. De acordo com o artista, os tecnogenéticos integram uma forma física.

Nas palavras de Franco (2010, p. 110): “Imaginei também que neste futuro hipotético a bioengenharia tenha avançado tanto que permita a hibridização genética entre humanos e animais, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica, seres que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas”. Ou seja, a construção desse tempo é reforçada aqui como elemento crucial para a construção da cenografia.

74. Naga. Na mitologia hinduista do Paquistão e da Índia, as Nagas são uma divina raça primária de serpentes humanoides, muito importantes em sua religião. Segundo a lenda, elas surgiram a partir de cabelos e pelos do corpo de Brahma, durante o seu trabalho de criação do mundo. Elas possuem um corpo meio humano e meio serpente, são consideradas as protetoras de fontes, poços e rios, trazendo a chuva, e são adoradas como símbolos de fertilidade, especialmente na Índia meridional. Algumas das nagas mais conhecidas são: Ananta (símbolo da eternidade) e Manasa (deusa de fertilidade). O mito das nagas também aparece em outras regiões da Ásia. Para os marinheiros malaio, elas são enormes dragões marinhos. Em Java e na Tailândia, a Naga é uma serpente mitica infernal, que possui imensa riqueza (Franco, 2006, p. 209).

3.2.4. O Sincero – Dizer o que se pensa sempre para o outro, ser aberto, demonstrar suas fragilidades, não acumular raiva, não gerar tristeza

Figura 54 – “Chave O Sincero”



Fonte: Franco, 2012

Na chave de transmutação n. 4, temos um rosto novamente, com os olhos abertos, voltados para a frente, mas do qual se destaca uma longa língua com aparência de serpente para fora da boca. Mostrando ser um híbrido de homem-animal (serpente). As cores predominantes são, novamente, o roxo e o lilás. Segundo Heller (2021, p. 202),

Na psicologia moderna, é a cor dos alucinógenos, que devem abrir a consciência a estímulos irreais. Eles são frequentemente negociados sob denominações violeta como purple heart ou purple rain. Em 1970, o tema da década era a “expansão da consciência”; ao mesmo tempo, o violeta foi eleito a cor da moda. À época, alcançava fama a banda de rock Deep Purple. O violeta simboliza o lado inquietante da fantasia, a busca anímica, tornar possível o impossível.

O Rosto com turbante cria uma conexão com seres arquetípicos da Aurora Pós-Humana, faz uma relação com um terapeuta⁷⁵ em um futuro hipertecnológico da HQ Psicohipertecnoarte. Portanto, Edgar Franco (Ciberpajé) apresenta na criação das HQs uma intertextualidade em sua perspectiva e concepção sobre arte e artista, vejamos:

Abomino essa abordagem tacanha, e busco resgatar o sentido maior dos conceitos de “arte” e “artista”, para mim sagrados. Concordo com as observações do teórico da comunicação Marshall McLuhan (2002), ele ressalta que os artistas são “as antenas da raça”, ou seja, são os responsáveis por mostrar vislumbres do futuro e nos ensinar a navegar nas teias do porvir, prevendo as consequências antes das causas. Não existe arte sem engajamento, alguém que se submete ao sistema de mercado e adapta seu trabalho para o que é vendável não pode ser chamado de “artista”. Em minha concepção a verdadeira arte deve tirar-nos de nosso estado de letargia, deve gerar questionamentos e deslocamentos conceituais. Mas a sedução do mercado é grande, pois aprendemos a valorizar um tipo de falsa felicidade baseada no consumo de coisas e para consumirem coisas muitos se vendem com o objetivo de ganharem mais dinheiro. A ideia de felicidade em 99% dos casos está ligada à compra de objetos. A arte não tem nada a ver com isso! O verdadeiro artista deve criar estratégias de sobrevivência para manter o caráter autoral de sua obra (Franco, 2015, p. 51).

75. Na HQ Psicohipertecnoarte, apresento um terapeuta em um futuro hipertecnológico. Em minha história a profunda evolução mimética superou a estagnação dos avanços genéticos e passou a intervir no cerne da matéria viva, gerando novas percepções e sentidos. O terapeuta pós-humano consegue compreender aspectos da psique de seus consulentes com um toque de sua língua sobre suas testas, sentindo a vibração dos campos iônicos desses seres. Posteriormente ele desenvolve uma técnica curiosa de reconfigurar o formato do crânio de seus pacientes, usando nanorobôs para gerar essas estruturas complexas que surgem de forma intuitiva quando ele toca as pessoas. Assim o terapeuta age como um artista que deixa a mente inconsciente fluir. Curiosamente os pacientes ao se verem no espelho com o crânio formatado passam a ter uma compreensão profunda de seu eu e curam-se de seus traumas. O terapeuta ao final da HQ, após apresentar vários de seus pacientes com a cabeça redesenhada, assume que sua poderosa terapia é um resgate do que os ancestrais chamam de arte. A arte como cura (Franco, 2015, p. 51-52).

Portanto, temos uma posição do acadêmico que aborda uma concepção de Arte ligada à ideia de magia, de auto transformação, ou de autotransmutação, contextualizando a arte enquanto cura e transformação interior.

Assim, o artista faz uma abordagem de uma concepção de Arte relacionado ao conceito de magia, de auto transformação, ou de autotransmutação, uma contextualização da arte enquanto cura de si mesmo, de transformação interior. Um entendimento da arte não como um produto que espera uma recepção, mas algo que tem um sentido em si, no ato criativo.

Portanto, ocorre uma discursivização na área da arte, conforme proposto por Maingueneau (2010, p. 160) “cujo autor deve ele próprio manter uma posição paratópica para poder enunciar o que enuncia”. Nesse sentido, eu trago um fragmento de entrevista⁷⁶ de Dimitri Kozma em que Ciberpajé fala sobre ser acadêmico e ser artista, vejamos:

[...] Tem muitas coisas que vão se conectando na minha estrutura de ser. Em primeiro lugar eu sou um artista, eu sempre digo, eu sou um artista que em primeiro lugar eu vivo do meu hobby. O meu hobby é ser professor e pesquisador. E eu tenho a alegria e a sorte de pesquisar e de ser um docente e de dar aulas, sobre assuntos que eu amo, sobre assuntos que eu estou 100% envolvido com eles. Então é um prazer ser professor por conta disso. Mas eu hierarquizei sim a primeira instância, o primeiro lugar está o artista. É importante legitimar-me enquanto artista. Não é um professor que nas horas vagas ele é age como artista, como hobby. É o contrário, meu hobby é ser professor e pesquisador, meu hobby me garante uma estrutura financeira, para que eu tenha uma vida tranquila, serena, para que eu possa exercer com total e irrestrita liberdade a minha ação criativa no meu dia a dia.

76. Franco. Edgar.Sem Freios Dimitri Kozma. Ciberpajé: Criação como Magia de Autotransmutação - PODCAST SEM FREIO #257. 09 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R6QZZPahPoI&t=46s> Acesso em: 23 set. 2024.

Assim, nós temos aspectos de uma enunciação que institui a dimensão dele enquanto artista e uma contraposição ao acadêmico. Nesse sentido, Ciberpajé se coloca em outro patamar, em paralelo a isso temos um lugar de fala problemático.

Para Maingueneau (2018, p. 68),

Sua enunciação se constitui mediante a própria impossibilidade de atribuir para si um verdadeiro ‘lugar’. Localidade paradoxal, *paratopia*, que não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira a vida da própria impossibilidade de se estabilizar-se. Sem localização, não há instituições que permitem legitimar e gerir a produção e consumo das obras, mas sem deslocalização, não há verdadeira ‘constituência’.

Ao se inscrever o fato de ser professor ao hobby, ele desestabiliza a função de professor e legitima o artista. Ele ocupa seu lugar sem ocupá-lo, na instabilidade de um jogo duplo. Vejamos a seguir algumas considerações:

1. O locutor se identifica claramente como artista antes de qualquer outra qualificação (professor, pesquisador). Esta estrutura hierárquica de identidade indica uma batalha pelo reconhecimento no campo artístico, onde procura validação.

2. A maneira como ele descreve sugere uma necessidade de marcar sua presença em um ambiente que frequentemente pode marginalizar a arte, favorecendo categorias tidas como mais “sérias”, como a educação e a pesquisa.

3. A utilização do termo “legitimar-me como artista” indica uma consciência crítica acerca da própria posição no âmbito social e cultural. Aqui o discurso indica uma dinâmica de poder: frequentemente a arte é percebida como menos relevante em relação à academia, e o locutor busca uma subversão, reivindicando um lugar e um reconhecimento que são frequentemente negados.

4. Há uma dicotomia entre “artista” e “professor/pesquisador”. Ao declarar que seu “hobby” é lecionar, o locutor contradiz a lógica convencional que relega a atividade artística a um papel secundário. Isso também pode ser interpretado como uma tática para combater os preconceitos sociais que desacreditam a arte como uma fonte de renda viável. Ocorre uma sugestão do discurso, que a profissão de professor é uma decisão consciente que, apesar de ser crucial para a sua estabilidade financeira, não constitui a essência de sua identidade.

5. A referência à “inteira e irrestrita liberdade” para a atividade criativa indica uma procura por independência. O locutor não só aprecia a liberdade criativa, mas também reconhece que a estrutura financeira oferecida pelo ensino e pela pesquisa é fundamental para essa liberdade. Essa conexão entre atividades financeiras e artísticas ressalta a interconexão entre diversos aspectos da vida e como eles afetam reciprocamente.

6. Para além disso, é uma relação mais complexa, pois durante as análises pudemos perceber que há também uma legitimação do acadêmico, ao descrever as pessoas que o ajudam estão no meio acadêmico, mesmo em espaços outros (como um videoclipe em uma cachoeira). É crítico das estruturas universitárias, mas ao mesmo tempo não se cansa de se dizer pós-doutor.

Conforme teoriza Maingueneau (2018, 166) “o criador só pode atribuir um lugar a si mesmo por efração e pela modificação de hierarquia. A criação vive de gestos por meio dos quais rompe um fio, sai-se do território esperado, desloca-se, subverte-se, ou se desvia, exclui-se, ignora-se, fazem-se alianças, fazem-se reavaliações”.

Desse modo, essa “difícil negociação” entre o “ser e não ser acadêmico”, “abandonando o estatuto de ser simplesmente acadêmico”, “o trabalho do artista em legitimar a sua arte”, fazem parte do processo de negociação entre lugar e não lugar que caracteriza a Paratopia Criadora da obra de Franco.

O fato de o turbante na chave de transmutação ser protuberante pode marcar o movimento contrário do aforismo, ou não. Pode marcar de uma maneira que possamos visualizar formas estéticas (re-desenhadas) pelo “consulente” por uma revolução “memética”⁷⁷ que evidencia (visualmente) seus traumas. Portanto pode indicar um ser híbrido, que apresenta dificuldades de dizer o que sente, e o aforismo reconfigura esse modo de agir. E também pode expressar uma forma de transcendência, que o artista vem trabalhando em uma concepção “que o equilíbrio dinâmico do espírito pode ser alcançado através da hipertecnologia chamada ARTE!” (Franco, 2011, p. 30).

3.2.5. O Delicado – Cultivar a delicadeza e a doçura com todos os entes vivos e não vivos

Figura 55 – Chave O Delicado



Fonte: Franco, 2012

77. O conceito de meme foi definido pelo biólogo Richard Dawkins (1990). Para ele o meme pode ser considerado uma unidade de evolução cultural com capacidade de autoprogramação. Eles podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos morais, ou qualquer outra coisa que possa ser apreendida facilmente e transmitida enquanto unidade autônoma (Dawkins (2019) apud Franco, 2015, p. 52).

Na chave de transmutação n. 5 apresenta-se uma imagem de corpo inteiro, que remete, ela própria, ao “Ciberpajé” no contexto da Aurora Pós-Humana. Chamam a atenção as vestimentas, as pernas parecem flutuar por estarem curvadas (também parecem ajoelhadas). Com um cérebro protuberante. Em que o tamanho do cérebro corresponde a uma concepção ancestral chamada de arte. Arte enquanto cura e transcendência. Quanto maior o tamanho do cérebro maior a transcendência.

Assim, o artista introduz aspectos simbólicos e metafóricos que são inseridos nas artes. Além disso, Franco (2024, p. 262) propõe outras possibilidades, “eu creio na concepção de obra aberta”, que leva em conta interpretações livres. Nesse sentido, cada leitor irá interpretar a mensagem de acordo com sua própria perspectiva de mundo, ele pode perceber um chapéu sobre a cabeça do personagem, por exemplo.

O queixo proeminente (muito comum nas criaturas do artista) também é um elemento de saliência na imagem e indica uma conexão com o aspecto divino/ transcendente.

De acordo com Edgar Franco (2024),

é inspirado nas barbichas proeminentes dos Faraós que eram fixadas e pareciam um queixo alongado! Os Faraós sempre eram retratados com essa barbicha, para indicar uma ligação com a divindade: a barbicha tinha o mesmo perfume do incenso sagrado que pairava no ar. Para conseguir fixar essa barbicha era feita uma infusão de pelos de caprinos com uma solução de lãbdano, dando o aspecto rígido a ela!

A linha do olhar está voltada para a borboleta — que ressurgue nesta chave, mas agora é uma figura de proporções colossais.

3.2.6. O Amoroso – Amar o diferente, amar incondicionalmente!

Figura 56 – Chave O Amoroso



Fonte: Franco, 2012

Na chave de transmutação n. 6 temos *O Amoroso - Amar o diferente, amar incondicionalmente*.

Edgar Franco (2019, p. 52-53) defende que “o amor é um sentimento de intimidade com o cosmos, e ele começa com o ato de perdoar a si mesmo, aceitar-se. Quando você ama a si mesmo, você ama o universo com toda a sua complexidade”. A chave destaca o amor à diferença, enquanto, por outro lado, a definição de Franco coloca ênfase sobre o amor a si próprio como modo de alcance do cosmos. De alguma forma, essa relação é também expressa em um dos mandamentos da igreja católica “amar ao próximo como a ti mesmo”, ou seja, o amor a si próprio é uma espécie de medida para o amor ao próximo e, portanto, ao diferente. Esse dualismo é reforçado também na imagem, onde se vê a imagem de perfil do desenho do Ciberpajé em formato Pós-Humano de corpo inteiro e ao seu lado um peixe voador⁷⁸. A imagem parece

78. Os peixes voadores, aparecem na HQ *O ideal Transumano*. Franco, Edgar. *O Ideal Transumano. Artlectos e Pós-Humanos*. João Pessoa, n° 4, p. 27-28, mar. 2010.

capturar um momento de interação afetuosa entre os dois seres, inclusive através do gesto de afago sobre a cabeça do peixe voador.

Como foi mencionado anteriormente, muitos seres possuem asas nas produções de Franco, o que seria uma forma poética de apresentar essas criaturas, devido à conexão cósmica dos animais como seres transcendentais⁷⁹.

O misticismo e transcendência tecnológicas são temas do Universo Ficcional da Aurora Pós-Humana, vejamos como o artista (2013, p. 54) a descreve:

Inspirados pelo crescente número de tecnocultos observados na cibercultura contemporânea, optei por desenvolver uma forte tendência transcendentalista nas espécies pós-humanas de meu universo. Na verdade, as tecnologias avançadas tornaram-se tecnocultos em que o 'nirvana' e a 'iluminação' são buscados por meio dos recursos tecnológicos.

3.2.7. O Selvagem – Reconectar-se ao animal interior, aos aspectos naturais do ser. Abrir-se para os prazeres terrenos. Viver o prazer sem culpa, experimentar os êxtases da vida!

79. Segundo Franco (2017, p. 46), “Roy Ascott acredita que paralelamente ao uso crescente das novas tecnologias como fonte de investigação das relações entre matéria e consciência, a humanidade irá utilizar cada vez mais a antiga tecnologia dos xamãs para buscar a transcendência e novos estados de consciência”.

Figura 57 – Chave O Selvagem



Fonte: Franco, 2012

A Chave de transmutação n. 7 – “O Selvagem” tem duas figuras pós-humanas: uma de frente para a outra, como se estivessem se encarando mutuamente. De um lado a figura de um lobo Pós-humano e, de outro, um ser com feições humanas, um ser tecnogenético, com uma cabeça saliente.

O lobo pós-humano é uma hibridização lobo/ lobisomem/ humano/ Totem; ele pode antropomorfizar: nas HQs, há muita variação na imagem do lobo, hibridizado com sereia (lobo e cauda), com asas (lobos voadores); nas performances⁸⁰, temos a figura do lobo com um figurino orgânico e maquínico, com protótipo de pernas de madeira de lobisomem, chapéu de crânio de lobo, lobo em máscara de leds, entre outros. Como vimos em alguns dos avatares, trata-se de uma imagem que funciona também como um embreante desse universo ficcional criado na obra de Franco, na medida em que evoca traços de uma memória mitológica

80. Silva, Luis Carlos Ferreira. Performance Cibergótica: Processo Criativo de Figurino para o Posthuman Tantra. Dissertação do Mestrado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. (2019).

(Anúbis), da relação com processos de mutação e da dimensão animal que, nessa distopia, estariam, em certa medida, unidas.

Um aspecto interessante desta chave é a dimensão “selvagem” materializada na mandíbula salivando aliada a uma postura que pode ser lida como mais agressiva, pois inclinada em direção ao outro ser. Diferentemente da imagem da chave n. 6 — em que a postura sugere afeto e complementaridade entre os seres —, aqui o coenunciário é colocado diante de uma imagem em que um duelo poderia ser a sequência. Por outro lado, a figura da direita não engaja nessa disputa, aparentando uma postura que desafia pela permanência e até por uma certa serenidade. Assim, se a chave destaca o lado selvagem, ao mesmo tempo ela materializa a sua oposição: a serenidade, a calma.

No aforismo da chave, o animal é um pressuposto e, além disso, estaria dentro de cada ser (“reconectar-se ao animal interior”: o artigo definido instaura o pressuposto de existência; e o prefixo re- pressupõe que tal conexão foi, em algum momento, perdida).

Os desenhos que materializam figuras que possam parecer mais humanizadas apresentam elas em diferentes trajés, ainda que todos pareçam remeter, em alguma medida, a um imaginário social de magia. Ou seja, a figura do Ciberpajé (o próprio Edgar Franco ou mesmo os desenhos) é esse elemento que uniria o universo ficcional e o tempo presente. Esse jogo é também materializado através de recursos tecnológicos nas performances artísticas.

Se na chave n. 6 apontamos uma aproximação com o discurso católico, na chave n. 7 essa aproximação se desfaz através da negação da culpa, sentimento muito típico na esfera religiosa. O enunciado conclama o coenunciador a “viver o prazer sem culpa”, quando a fé católica reserva um lugar bastante emblemático a esse sentimento. O enunciado evoca, assim, uma dimensão de subversão/transgressão. Há uma situação paratópica do escritor mencionada por Maingueneau (2018, p. 98) “o leva a identificar-se com todos os que parecem não ser incluídos nas linhas

divisórias da sociedade: boêmios, judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios americanos... a depender das circunstâncias”.

Assim, o escritor (Edgar Franco-Ciberpajê) legitima o seu posicionamento e autoriza para si toda essa construção que exprime sua visão de mundo, de criação singular, que legitima tanto a narrativa como aquele que narra.

Outro aspecto frequentemente tratado pelo artista é o conceito de Selvagem⁸¹.

De acordo com Franco (2019, p. 16),

Mesmo no dicionário percebo que um dos primeiros significados latos para selvagem é “não domesticado” e o outro “em que o homem não interveio”, eles traduzem muito bem o sentido de selvagem que minha obra denota. No entanto, me interessa muito o aspecto ambíguo da palavra, justamente porque em um primeiro momento essa ambiguidade torna-se provocadora e as pessoas ficam confusas sobre o que seria essa selvageria que insisto em propalar. O ruído é para mim um dos pontos mais positivos da mensagem, porque se quem a interpreta é alguém desinteressado, ele simplesmente fará um julgamento a partir de sua percepção embotada e seguirá deixando de lado a mensagem. No entanto, se for alguém sensível e com a abertura necessária, à palavra – por sua dubiedade – irá atrair a atenção desse leitor/fruidor e ele fará um mergulho um pouco maior em minha obra artística e compreenderá o que quero dizer.

81. Significado de Selvagem - Das selvas, próprio delas; silvestre, selvático: animal selvagem./ Que prefere viver em regiões afastadas dos grandes centros urbanos./ Que tem sua origem e se desenvolve naturalmente; silvestre: planta selvagem./ Cujo nascimento ou desenvolvimento se efetiva sem regras: capitalismo selvagem./ Que não passou pelo processo de domesticação, falando de animais: animal selvagem./ Sem resquícios de civilização; deserto, inculto: lugar selvagem; pessoa selvagem./ [Figurado] Manifestação de crueldade; bárbaro; foi atacado por selvagens quando passou pelo bairro. [Pejorativo] Que pertence a uma civilização considerada primitiva; nômade. / [Pejorativo] Que expressa brutalidade, ignorância, rudeza; rude; bruto; ignorante. Que não é fértil nem pode ser usado para cultivo, falando especialmente de um terreno, solo etc; estéril. / Substantivo masculino: Aquele que vive nas selvas: animal selvagem. SELVAGEM. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/selvagem/> Acesso em: 28 set. 2024.

Portanto, ao discutir sobre o significado de Selvagem em sua obra, o artista demonstra ser competente e também que o texto é enigmático.

Na obra do artista há uma conexão entre o termo selvagem, sensualidade e sexo. Conforme Maingueneau (2010, p. 33), “O texto erótico é sempre tomado pela tentação do estetismo, tentando a transformar a sugestão sexual em contemplação das formas puras”.

Assim, temos um aforismo que trata de reconexão com os aspectos animais e naturais do homem. O locutor se apresenta com uma plenitude imaginária, de um locutor que está no alto.

Vejamos o fragmento de abertura de uma performance Ato III – O Selvagem, que ocorreu no evento II Congresso Internacional LitDigBR e VII Encontro da Red LiteLat, nos dias 14, 15, e 16 de maio de 2024, na UFMT-Cuiabá.

Neste ato eu trato de algo que eu considero fundamental, que é a nossa reconexão com o animal interior, a espécie humana ela se apartou da concepção de que ela faz parte da dinâmica complexa do bioma terrestre, que ela é só mais uma das espécies, que gera esse equilíbrio complexo e simbiótico entre todas espécies, nós começamos a achar que somos criaturas apartadas da natureza e por isso a gente tem destruído a natureza, e tem recebido essas coisas muito tristes como agora, nossos irmãos do Sul, que estão vivendo este momento muito complexo, e triste. Como eu vivi na pandemia, perdi o meu pai para a covid, é um resultado dessa nossa complexa e estranha ilusão de que nós não somos animais. Nós somos animais, eu sou um animal, o selvagem.

Após a fala, a performance inicia com o artista tocando um berimbau de boca e na tela são transmitidas imagens de borboletas (da obra Borbopoemas) e após ele recita um aforismo,

Quero ser leve como uma borboleta, selvagem como um lobo e
brincalhão como um cão,
Quero ser leve como uma borboleta, selvagem como um lobo e
brincalhão como um cão,

Quero ser leve como uma borboleta, sensual como um gato, selvagem como um lobo e brincalhão como um cão.

Quero ser leve como uma borboleta, sensual como um gato, selvagem como um lobo e brincalhão como um cão.

Sou leve como uma borboleta, sou selvagem como um lobo, sou sensual como um gato, e brincalhão como um cão. Assim é, assim foi, assim será.

Assim, temos uma saliência do enunciado marcado pelo tropo da metáfora. Essa relação desencadeia uma atividade hermenêutica. A introdução ao aforismo, nos traz elementos de um tempo pandêmico e também faz referência à tragédia em decorrências das fortes chuvas no Rio Grande do Sul. Temos uma marcação da dor e do luto, em esfera pessoal e transpõe para o coletivo. O instrumento milenar berimbau de boca evoca uma conexão com a fonte, tem efeito de dramatização. O artista atua com a concepção de trabalhar os múltiplos sentidos (o háptico, o sonoro, e o visual). As borboletas na tela representam esse espaço onírico na obra.

3.2.8. O Complementar – Vivenciar masculinidade e feminilidade com intensidade, perceber a importância da complementaridade masculino e feminino, abrir-se a ela. Ir ao encontro do ser complementar sem apego, com amor, sensualidade e liberdade

Figura 58 – Chave O Complementar



Fonte: Franco, 2012

A chave de transmutação n. 8 “O complementar” apresenta a imagem de um ser com feições humanas ao centro, dois seres híbridos no topo da cabeça, como se estivessem voando, porém, as criaturas não têm asas, as pernas são curvadas, possuem casco, rabos, uma cabeça saliente. A imagem também tem os elementos simbólicos da união do sol e da lua. Há uma simetria entre as duas metades da imagem, como se fosse um espelhamento, o que materializa a ideia de complementaridade.

A figura central aparece em uma posição que se assemelha a um casulo e é fálica, retomando a dimensão do renascimento, que deverá vir “sem apego, com amor, sensualidade e liberdade”. As figuras que aparentam voar têm traços femininos erotizados, como os seios empinados e rijos. Os corpos também são bastante próximos do imaginário de “padrão” de beleza feminina (magros, definidos).

O artista trabalha com essa questão de complementaridade⁸² em sua obra, na HQ: Gaiana (2016) – Os opostos Complementares; Agar-

82. Baseados nos princípios herméticos do Caibalion de Hermes Trismegisto. Franco, 2017, p. 79.

tha (2018) – (Princípios Complementares); Videoclipe: Amálgama Sagrado (união entre os opostos complementares), aforismos.

Assim, temos uma enunciação em uma perspectiva da figura do mago, tratando de uma “dimensão cósmica”, que se apresenta validada pelo plano “no nível da realidade cotidiana” e também em um “plano transcendente”. Dessa forma, temos uma voz autorizada.

3.2.9. A Renovação – Experimentar todo momento como único,
cada segundo é um novo nascimento, um maravilhar-se!
O agora é pura eternidade!

Figura 59 – Chave A Renovação



Fonte: Franco, 2012

A Chave de transmutação n. 9 “A Renovação” apresenta uma cabeça protuberante e um feto dentro de uma bolha na cabeça. O feto é um elemento simbólico de saliência na imagem. Aqui, diferentemente das imagens precedentes, não temos um corpo, somente a cabeça.

Para Chevalier (2003, p. 395), “o embrião simboliza a potencialidade, o estado de não manifestação; mas também simboliza a soma das

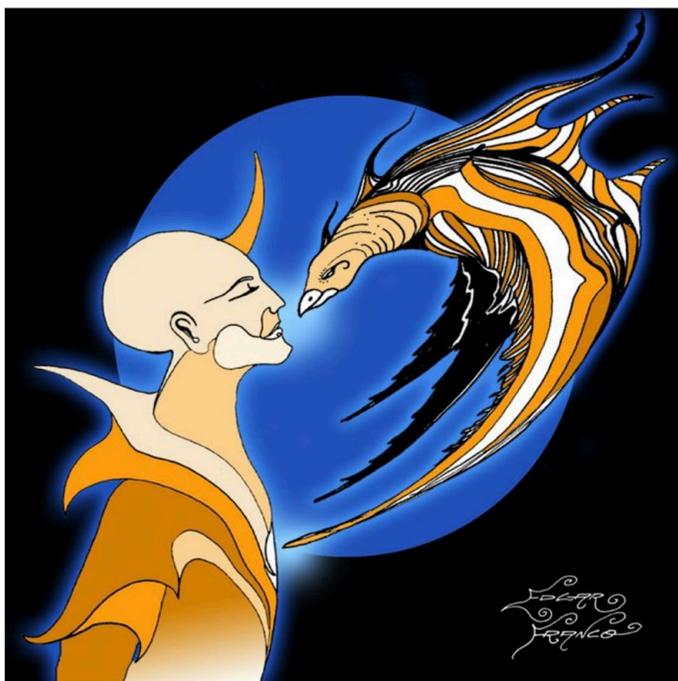
possibilidades de ser, em planos que nem sempre são, aliás, do domínio cosmológico, embora na maior parte das vezes a eles se refiram”.

De acordo com Carvalho (2024, p. 26), “Este motivo é muito recorrente nas ilustrações e nos desenhos das HQs de Edgar, as ‘bolhas uterinas’ mudam de posição e lugar, podendo ocupar diferentes partes do corpo das criaturas ou aparecer desprendidas do corpo, vinculadas a aparatos tecnológicos e biotecnológicos”. O feto na cabeça pode significar o início de um novo consciente habitar o ser híbrido tecnogenético.

Se na chave precedente temos elementos fálicos, sexuais e a exaltação da complementaridade, aqui apresenta-se o resultado: o feto, símbolo último que antecede o nascimento, que, aliás, é o tema da última chave.

3.2.10. O Renascido – Aceitar-se completamente, ser como luz, perceber a eternidade em si mesmo, sentir a profunda conexão com todas as coisas e seres

Figura 60 – Chave O Renascido



Fonte: Franco, 2012

A chave de transmutação n. 10 “O Renascido” – possui um ser híbrido – aspecto humano (possui um chifre), de olhos fechados (em uma posição intimista), de peito aberto, frente a frente com uma fênix, embora não a encare propriamente.

As cores predominantes são o laranja, azul⁸³ e o preto⁸⁴, destoando significativamente de todas as imagens anteriores.

Vejamos o elemento simbólico da fênix, conforme Chevalier (2003, p. 421-422)

A fênix, segundo o que relatam Heródoto ou Plutarco, é um pássaro mítico, de origem etíope, de um esplendor sem igual, dotado de uma extraordinária longevidade e que tem o poder, depois de se consumir em uma fogueira, de renascer de suas cinzas. Quando se aproxima a hora de sua morte, ela constrói um ninho de vergôntes perfumadas onde, no seu próprio calor, se queima. Os aspectos do simbolismo aparecem, então, com clareza: ressurreição e imortalidade, reaparecimento cíclico.

Esta é a última chave de transmutação, e constitui o final da primeira etapa ritual e marca seu renascimento. Todas as chaves compõem um processo de criação, cada chave apresenta um aspecto, trago aqui um fragmento em que Edgar Franco (Ciberpajé) aborda sobre o ego, vejamos:

Acreditamos que somos o ego, essa percepção de individualidade, de unicidade, diferenciação. O ego é o fantasma que criamos para nós mesmos. Silenciar o ego é complicado. Como você vai silenciar/ matar aquilo que acredita ser? Aparentemente é um suicídio. Você não quer, você quer continuar sendo o que acredita ser. Mas quando temos experiências transcendentais percebemos que simplesmente o ego é uma fotografia desbotada que mostra apenas um ângulo nosso, e nós somos holográficos, multidimensionais, e o tamanho e complexidade dessas múltiplas di-

83. Para Heller (2021, p. 86), o azul é a cor espiritual, pertence aos poderes extraterrestres.

84. Conforme Heller (2021, p. 131), o preto é a reversão de todos os valores, essa é a ação mais forte do preto.

mensões é o tamanho do universo. Mas não é nada fácil. Meu ego está aqui, convivo com ele, e se soffro ainda é só por causa dele. Tenho aprendido lentamente a minimizá-lo, a torná-lo o que ele é, só uma parcela mínima do meu ser, de minha complexidade cósmica (Franco, 2017, p. 57).

Há, nesse sentido, uma gestão da obra, que faz parte da criação, em que o “conteúdo” do texto precisa validar sua própria enunciação. O modo como as chaves aparecem uma diferente da outra, e cada uma conectada ao seu universo ficcional da “Aurora Pós-Humana” e também mantêm relação com as múltiplas mídias. Isto causa um efeito de “vertigem” e “embreagem”. É como se todos esses seres construídos fossem versões do Ciberpajé no Universo da Aurora Pós-Humana. E isso de alguma forma reverbera no mundo real, através das performances, em que temos ações híbridas que misturam o real e o digital. Por exemplo, o ato “Transhuman Werewolf’s Mutation” em que o rosto do artista passa por múltiplas mutações e transformações. Para além disso, temos o Edgar Franco (Ciberpajé) assumindo a performance no seu cotidiano (vestindo cartolas/ anéis/ colares/ camisetas de lobo). A discursivização em que ele se trata em 3ª pessoa gerando uma vertigem de pessoa.

Toda essa complexidade recai sobre uma noção apresentada por Maingueneau (1996, p. 183) “de **enlaçamentos textuais** para designar esses emaranhados entre os níveis do enunciado e da enunciação através dos quais a obra se coloca”.

Ao abordar A fronteira do autor, Maingueneau (1996, p. 183) assevera,

Por extensão, utiliza-se a noção de paradoxo para embaralhamentos de hierarquias de ordens variadas: se o efeito volta em direção à causa, se o exterior está no interior, o continente no conteúdo, etc. Se a representação espontânea quer que o texto seja subordinado a seu criador como efeito à sua causa, a literatura mostra-nos que a obra age sobre seu autor, que o ato de enunciação transforma o enunciador.

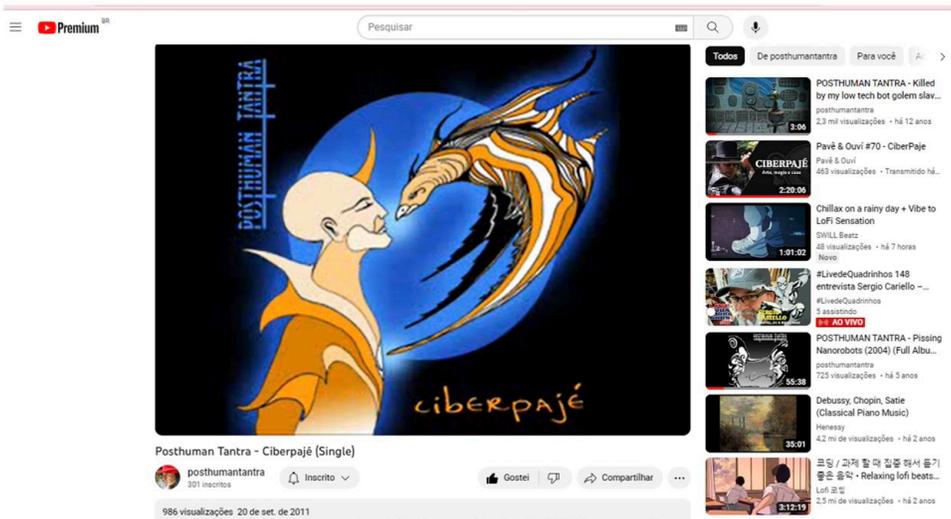
Este efeito de embaralhamento, fica mais multifacetado com o digital.

As 10 chaves de transmutação em Ciberpajé foram transformadas em uma história em quadrinhos publicada no n. 6 da revista *Artlectos e Pós-Humanos* (2012) e integram o livro *Processos Criativos de Quadrinhos Poético-Filosóficos* (2015) e o *Zine Book Enteogênicos* (2019).

Todas suas obras multimidiáticas compõem um Work-in-progress. “Artlectos” do título da série (neologismo formado pela junção das palavras “artificial” e “intelectos”). Atualmente a revista *Artlectos e Pós-Humanos* está em sua 14^a edição.

A segunda etapa de seu processo ritual ocorre na manhã do dia 20 de setembro de 2011, quando o autor Edgar Franco faz seu renascimento performático como Ciberpajé, compondo e gravando “em um único take” (aqui a menção a um processo sem “ensaio”, “intuitivo” uma vez mais) sua “Declaração de Ciberpajé”. Ela foi lançada no canal do YouTube em forma de single da banda Posthuman Tantra.

Figura 61 – Captura de Tela [Single] Ciberpajé



Fonte: FRANCO, Edgar. Posthuman Tantra.Ciberpajé.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Jc2jjDt7OE>.
Acesso em: 5 mai. 2023

Segue o texto da canção:

CIBERPAJÉ

Renasço como xamã urbano
pajé pós-humano

Preces ao nada,
à negação da mente
em louvor ao retumbar ecoante do coração

Desconecto-me do conhecimento intelectual
em favor da intuição

O passado é só um sonho
a reverenciar e esquecer
em prol do agora:
a verdadeira canção!

O futuro uma mansão de desejos a implodir
em nome do êxtase do hoje

Celebro as transtecnologias ancestrais,
mágicas plantas de poder
e somo a elas as hipertecnologias atuais
visando elevar a capacidade de maravilhar-me
com cada detalhe mínimo e sublime
desse momento: vida!

Reconecto-me à minha essência animal e natural
resgato minha dimensão cósmica
para amar do pó às galáxias
das bactérias aos golfinhos
das pétalas às raízes

Sou o Ciberpajé
um pós-humanista navegando
na eternidade do agora

Sou fênix hipercósmica
Sou vida!

A partir desta música foi criada uma HQ Ciberpajé com 5 páginas, a sua letra serviu como texto para a HQ poético-filosóficos, foi publicada na revista *Artlectos e Pós-Humanos* n. 6. O artista incluiu personagens humanimais e criaturas transgênicas do seu universo ficcional da *Aurora Pós-Humana*. Segue a HQ:

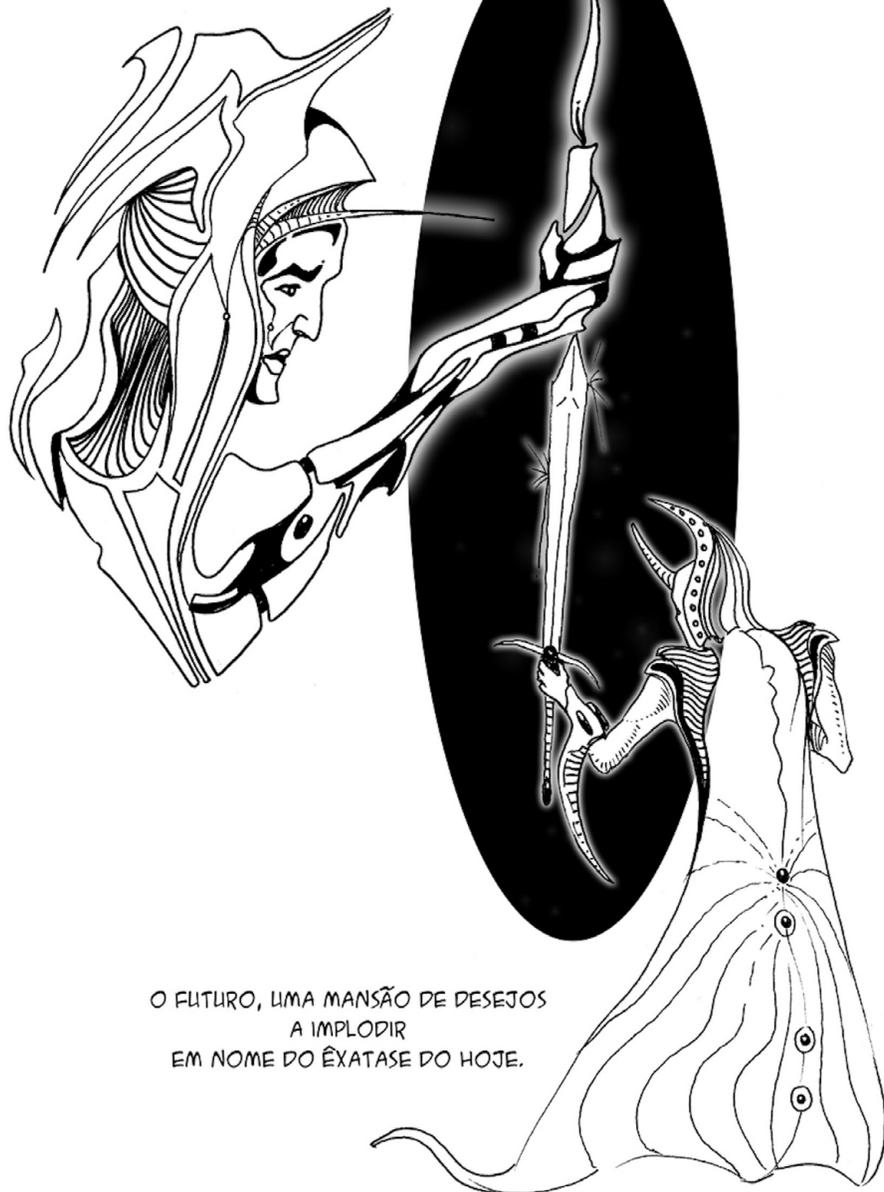
Figura 62 – HQ Ciberpajé



Fonte: Franco, 2012

Figura 63 – HQ Ciberpajé

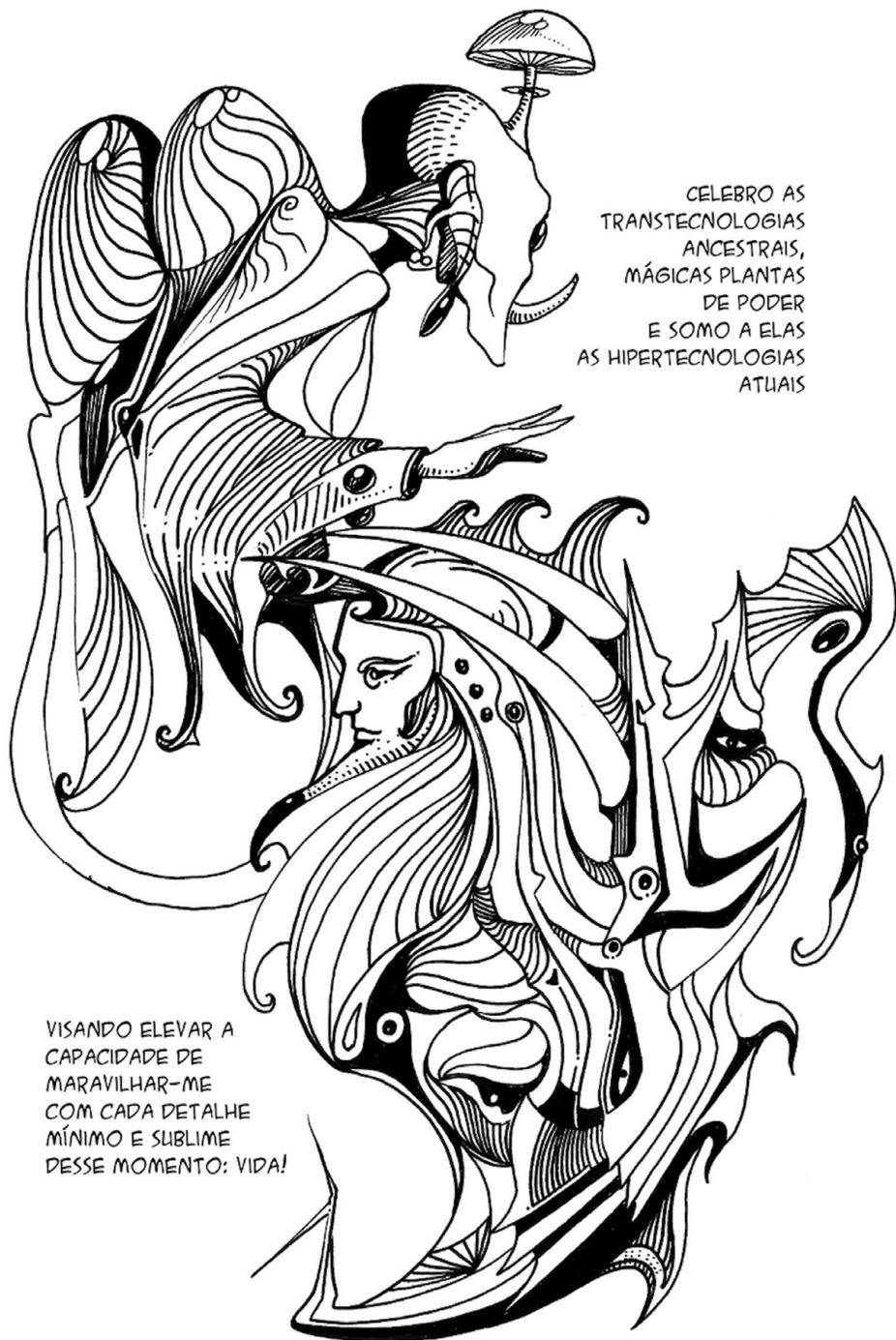
O PASSADO É SÓ UM SONHO
A REVERENCIAR
E ESQUECER EM PROL
DO AGORA: A VERDADEIRA CANÇÃO!



O FUTURO, UMA MANSÃO DE DESEJOS
A IMPLODIR
EM NOME DO ÊXATASE DO HOJE.

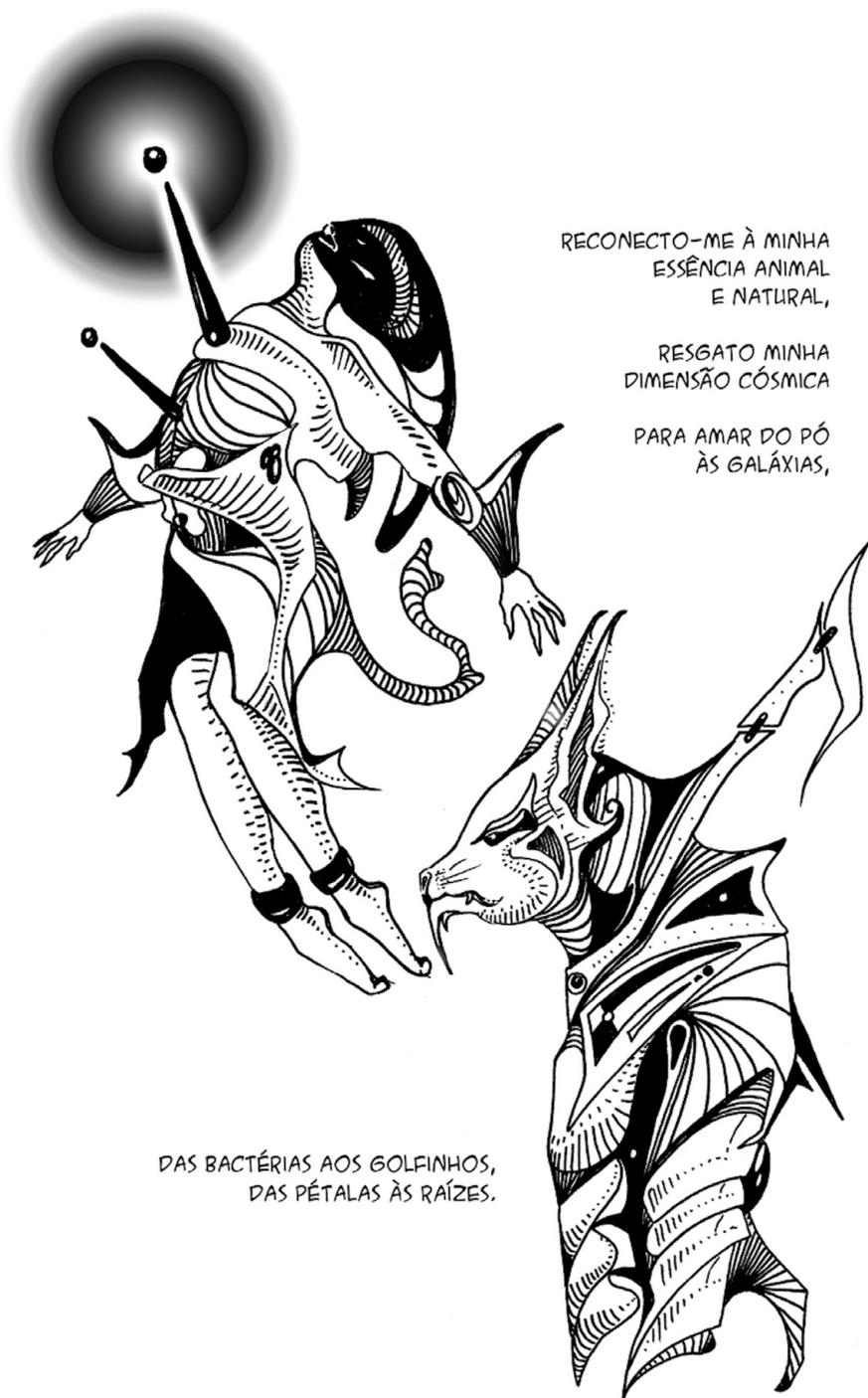
Fonte: Franco, 2012

Figura 64 – HQ Ciberpajé



Fonte: Franco, 2012

Figura 65– HQ Ciberpajé



Fonte: Franco, 2012

Figura 66 – HQ Ciberpajé



Fonte: Franco,2012

Como dissemos acima, o processo de transmutação gera um conjunto de produtos, muitos dos quais encontram-se online. Entretanto, esse processo “transborda” para o não-digital, uma vez que:

O renascimento como Ciberpajé denota ser mais do que uma ação performática transmídia perpetrada nos múltiplos meios artísticos criada pelo artista, uma vez que após a declaração **Edgar Franco assumiu a nova identidade de Ciberpajé 24 horas por dia**, trazendo essa nova condição para o dia a dia, transformando o ato performático em vida. **Isso envolve se apresentar como Ciberpajé nos múltiplos ambientes reais e virtuais pelos quais Franco trafega**: congressos e eventos acadêmicos, entrevistas para veículos de mídia diversos, na sala de aula como professor, no Facebook, no currículo Lattes, etc. (Franco, Edgar. Transmutação em Ciberpajé. Blog A Arte do Ciberpajé).

Nesse sentido, foi preciso refletir em torno da proposta de Paveau (2021), para quem é preciso tecer uma crítica sobre as práticas de analistas de discurso que seguem elaborando “seus corpus com base em critérios tradicionais da análise do discurso (escolha de um acontecimento discursivo, de uma polêmica, de um gênero de discurso, de um modo de interação)”. Segundo a autora, seria preciso deslocar de uma concepção segundo a qual a internet é utilizada para corpus para uma em que ela seria usada como corpus.

Considerando o caso em tela, como se percebe, essa distinção pode não ser tão simples de se fazer.

Formulamos aqui a proposta de construção de corpus como um *acontecimento discursivo (não) digital*. Ou seja, o processo tem elementos do contexto digital e que são relevantes também, mas ele não se limita a esse ambiente. Dessa forma, não se trata de uma pesquisa que lida exclusivamente com o que Paveau (2021) chama de *discurso nativo digital*.

Considerações finais

Este estudo sugere uma análise de um artista que não faz parte do mainstream (ou seja, não faz parte do grupo de artistas amplamente divulgados na mídia), ao invés disso, segue questionando e desafiando as normas sociais, culturais e estéticas, do cenário underground, iconoclasta, que principalmente defende essa semântica do D.I.Y – Do it Yourself (Faça você mesmo), com composições e gravações em um único take, do artesanal e do fanzine, que trabalha com uma arte alternativa, genuína, experimental, autoral, de autoexpressão, sem nenhum crivo mercadológico, de editor, ou de público, sem visar lucro, um trabalho muitas vezes desenvolvido através de parcerias, de um estilo “próprio” de se pensar as narrativas dos quadrinhos (envolvendo o literário, a poesia, o gótico e o sombrio), precursor das histórias em quadrinhos Poético-Filosóficas e com influências do Heavy Metal (que tem uma conexão com o horror, a fantasia), a Banda Posthuman Tantra criada desde 2004 para levar as criaturas pós-humanas (das histórias em quadrinhos) para o palco através das performances.

Por ser um artista transmídia uma HQ pode estar relacionada com um vídeo, uma música, uma performance, em que uma criação dá start na outra, se intercomunicando e para você ter a leitura de forma complexa você precisa ler a HQ e assistir a performance. Vale destacar que as criações artísticas de Edgar Franco (Ciberpajé) apresentam diversos processos criativos.

Nesse sentido, a escolha dos avatares das Redes Sociais e Plataformas de Mídia, assim como as Chaves de transmutação foram eixos de análises que possibilitam a perspectiva ecológica e integradora em

uma abordagem filosófica da análise do discurso, uma descrição de si, que estão nessa relação complexa com a criação, com o universo ficcional criado pelo artista Aurora Pós-Humana. Esta opção se mostrou uma contribuição valiosa para o corpus da pesquisa, possibilitando trabalhar com as categorias como tecnografismo, a extimidade, a cena de enunciação, a cenografia e os discursos constituintes, assim como a paratopia criativa em diálogo. Além disso, permitiu a integração de conceitos como a multimodalidade e teorias de quadrinhos em uma relação de complementaridade, o que enriqueceu a análise.

A paratopia foi proposta por Maingueneau para tratar do literário “tradicional” (impresso), e trazer isso para pensar o objeto que circula no digital, pré-digital, não-digital na figura desse sujeito discursivo Ciberpajé nos deu acesso à criação e mais do que isso, ao seu potencial paratópico.

É importante enfatizar que grande parte do trabalho do Ciberpajé se alinha ao que Paveau (2021) denomina como nativo digital, com base nos elementos observáveis.

Essa criação dos avatares com o uso de IA e Animações está intimamente imbricada com a cenografia, a tecnologia de si nos oferece uma instância enunciativa do Edgar Franco (Ciberpajé) que demarca a forma como a cena enunciativa legitima um lugar onde ele vai falar, onde vai gerir sua produção. E para nós, interessa ver nos avatares a manifestação da paratopia que ocorre em diversos níveis e que abrem novos caminhos para pensar a paratopia.

A variação gráfica e imagética dos avatares, nos oferece novas possibilidades quanto à multiplicidade do ser humano, uma identidade ser multidimensional e também uma abordagem sobre multiverso e metaverso, para além disso, pode significar que a imagem do artista representa uma imagem holográfica do cosmos. Como se toda variação dos avatares fosse a representação imagética do Ciberpajé.

Nas palavras de Maingueneau (1996, p. 187) “Não é que a literatura necessite de fato apresentar universos dilacerados ou absurdos, já

que existem muitas obras que cantam a harmonia, mas o paradoxo, por uma espécie de passagem ao limite, sublinha o efeito de qualquer trabalho criativo”.

Assim, esse paradoxo permeia seu ato criativo, repercute na forma como o artista se apresenta, em sua “declaração de Ciberpajé”, apresenta elementos, ou traços que permitem recuperar o que caracteriza o Ciberpajé, “Sou o ciberpajé um pós-humanista navegando na eternidade do agora. Sou fênix hipercósmica. Sou vida!”

Do ponto de vista discursivo, ele está em outro patamar, muito próximo de uma voz “xamânica”, ao som inicial do berimbau de boca (evocando uma transcendência), marcando seu renascimento performativo. O paradoxo da fênix é uma metáfora rica que rememora temas de renovação, transformação, complexidade da identidade, autotransformação, cura do ser, integralidade do ser, mas também uma dura crítica à tecnificação da vida.

Esta investigação pode ser expandida para investigar a emergência de um Ethos, a análise do funcionamento de um Ethos Dito, bem como investigar a operação do Locutor Problemático. O discurso dos Enunciados Aderentes, que é predominantemente customizado no figurino do artista, pode ser explorado, assim como a questão do Hipergênero no Blog do artista, questão da Linguagem Binária, é possível trabalhar com uma abordagem lexicológica dos neologismos criados pelo Edgar Franco (Ciberpajé), a Paratopia Digital (recentemente publicada em Inglês por Maingueneau – Paratopia Literature as Discourse 2024), além da IA. As possibilidades de investigação com essa materialidade da obra de Edgar Franco (Ciberpajé) são extremamente abrangentes. Portanto, esta pesquisa termina aqui.

Referências

- ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (Org.). *Dossiê fanzines, artes e biografizines: publicações mutantes*. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. v. 14. (Coleção Desenredos).
- CARVALHO, Nadja. *Edgar Franco e suas criaturas no Banquete de Platão*. Série quadrinhos poético-filosóficos, Parahyba: Marca de Fantasia, 2. 70 p. 3ed, 2024.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 18ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CONNELL, M. O.; AIREY, R. *Almanaque ilustrado dos símbolos*. São Paulo: Editora Escala Ltda, 2010.
- DANTAS, Marcos. *O valor da informação: de como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4ed. Tradução de Luís Carlos Borges; Alexandre Boide. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Editions Gallimard, 1957.
- FIORIN, José Luiz. A pessoa subvertida. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 77–107, 1994/1995.

- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- FRANCO, Edgar (Org.). *Poéticas visuais e processos de criação*. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2010.
- FRANCO, Edgar. A desintegração: videoperformance do Ciberpajé sobre a inevitabilidade do fim. *Zanzalá*, v. 5, n. 1, 2020.
- FRANCO, Edgar. *Enteogênicos*. São Paulo: Criativo, 2019.
- FRANCO, Edgar. *Quadrinhos expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017.
- FRANCO, Edgar. *Transsessência*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2023.
- FRANCO, Edgar. *Memorial - Vida como arte, Academia como magia*. Goiânia-Go: Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, 2024.
- FRANCO, Edgar. *Renovaceno*. Brasil: Editora Merda na Mão, 2021.
- FRANCO, Edgar. Psicohipertecnoarte. *Artlectos e Pós-Humanos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, n. 5, p.26-30, 2011.
- FRANCO, Edgar. As Chaves de Transmutação. *Artlectos e Pós-Humanos*. Parahyba: Marca de Fantasia, n. 6, p. 1- 19, 2012.
- FRANCO, Edgar. *Elegia*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.
- FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. *Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019.
- FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. *Processos criativos de quadrinhos poético-filosóficos: a revista Artlectos e Pós-humanos*. Paraíba: Marca de Fantasia, 2015.
- FRANCO, Edgar; COUTO, Mozart. *BioCyberDrama Saga*. 2ed. Goiânia: Editora UFG, 2016.
- GEORGES, Fanny. Avatars et identité. *Hermès, La Revue*, v. 62, 2012.
- GEORGES, Fanny. L'avatar comme opérateur du sentiment d'immersion: figures métaphores. *Hal Open Science*, 2013.

- GUIMARÃES, Edgar. *Fanzine*. 4ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.
- HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 5. reimp. São Paulo: Olhares, 2021.
- JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 3ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2ed. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.
- LEXICON. Herder. *Dicionários de Símbolos*. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. 2ed. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. Tradução Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARTÍNES, José Alberto Sanches. *La comunicación sin cuerpo: identidad y virtualidad*. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 2011.
- MCCLOUD, Scot. *Desvendando quadrinhos*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- NETO. Elydio dos Santos. *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco - Textos, HQs e entrevistas*. 2ed. Parahyba: Marca de Fantasia, 2024.

- PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- PAVEAU, Marie-Anne; BARONAS, Roberto Leiser (Org.). *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos, SP: EduFSCAR, 2021.
- RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. *Análise das redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2018.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. Demasiadamente pós-humano. *Novos Estudos*, n. 72, jul. 2005.

Fabíola Barros Castrillon

Nascida em 05 de fevereiro de 1983, na cidade de Cáceres – MT, filha de Maria Jomelice Barros Castrillon e Ricardo Ribeiro Castrillon, licenciada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (2007), fez especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Candido Mendes (2017) com o trabalho de conclusão de curso “O embate no ensino de poesia na sala de aula”. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (2024), pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL. Atuo como Professora Efetiva da Educação Básica, na Escola Estadual “Onze de Março”, em Cáceres, no estado do Mato Grosso. Participo em grupos de pesquisa como: Núcleo de Estudos em Análise do Discurso e Ethos – NEADE, e-Urbano: da constitutividade do espaço urbano pelo digital, Linguagem Educação e suas discursividades – LEDUDI.

Instagram: <https://www.instagram.com/fabiolarbarroscastrillon/>

Facebook: https://www.facebook.com/fabiola.barroscastrillon?locale=pt_BR

E-mails: fabcastrillon@gmail.com fabiola.castrillon@edu.mt.gov.br





Edgar Franco - Ciberpajé

É um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Artista transmídia com premiações nacionais nas áreas de quadrinhos, artes visuais, arte e tecnologia, e ficção científica como: Prêmio Rumos Arte e Tecnologia – Itaú Cultural (2003), Troféu Bigorna de melhor HQ de Aventura/FC (2010), Medalha Frei Confaloni de Artes Visuais (UBE-GO, 2019), Prêmio Argos de Literatura Fantástica (2021), Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional (2022), III Prêmio Nacional CMM da HQ Independente (2023) e I Prêmio do Quadrinho Goiano na categoria Mestre do Quadrinho Goiano (2024). Criador do universo ficcional transmídia da Aurora Pós-Humana com o qual tem realizado obras em múltiplas mídias e suportes como quadrinhos, ilustração, poesia, aforismo, conto, música, vídeo, cinema, animação, instalação, web arte, gamearte e performance. É um dos pioneiros brasileiros do gênero poético-filosófico de quadrinhos. Mentor da banda performática Posthuman Tantra e do Projeto Musical Ciberpajé. Pesquisador criador do termo HQtrônicas, autor de 5 livros acadêmicos e dezenas de artigos. Pós-doutor em Arte, Quadrinhos e Performance pela UNESP, Pós-Doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, Doutor em Artes pela USP, Mestre em Mídias pela UNICAMP, Arquiteto e Urbanista pela UnB. Desde 2008 atua como professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Desde 2010 coordena o Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER na Faculdade de Artes Visuais da UFG, onde é professor titular, e já orientou dezenas de pesquisadores de iniciação científica, mestrado e doutorado. Sua obra artística transmídia tem sido estudada por pesquisadores do Brasil e do exterior de múltiplas áreas, tendo gerado 6 livros dedicados a ela, investigações de mestrado e doutorado e inúmeros artigos científicos. Saiba mais sobre o artista no blog “A Arte do Ciberpajé”: <http://ciberpaje.blogspot.com/>

TECNODISCURSO E PARATOPIA

Articulações possíveis
na análise das criações artísticas
do **CIBERPAJÉ**



Fabiola Barros Castrillon

